



TERCEIRA ONDA DA GRIPE ESPANHOLA

O poder da imprensa no
Rio de Janeiro (1920-1922)

Renato Philipe de Sousa | Fernando Porto



EDITORA
FOA

TERCEIRA ONDA DA GRIPE ESPANHOLA

O poder da imprensa no
Rio de Janeiro (1920-1922)

Renato Philipe de Sousa | Fernando Porto

2026

EDITORA
FOA


FUNDAÇÃO OSWALDO ARANHA

Presidente

Eduardo Guimarães Prado

Diretor Administrativo Financeiro

Iram Natividade Pinto

Diretor de Relações Institucionais

Júlio César Soares Aragão

Superintendente Executiva

Josiane da Silva Sampaio

EDITORA FOA

Editor chefe

Laert dos Santos Andrade

Diagramação

Ubiracy Junior

editora.unifoa.edu.br

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE VOLTA REDONDA - UniFOA

Reitora / Procuradora Educativa Institucional

Ivanete da Rosa Silva de Oliveira

Pró-reitor Acadêmico

Bruno Chaboli Gambarato

Pró-reitora de Extensão

Ana Carolina Callegario Pereira

Pró-reitora de Pesquisa e Pós-graduação

Ana Carolina Dornelas Rodrigues

Pró-reitor de Educação a Distância e Tecnologias de Ensino

Rafael Teixeira dos Santos

Pró-reitor de Planejamento e Desenvolvimento

Washington de Macedo Lemos

FICHA CATALOGRÁFICA

Biblioteca

Alice Tacão Wagner - CRB 7/RJ 4316

S719t Souza, Renato Philipe de
Terceira onda da gripe espanhola: o poder da imprensa no
Rio de Janeiro (1920 – 1922). [E-book] / Renato Philipe de Souza;
Fernando Porto. Volta Redonda: FOA, 2026. 196 p. il.

ISBN: 978-85-5964-198-1

1. Epidemia – gripe espanhola. 2. Saúde pública. 3. Saúde – cuidado. I.
Fundação Oswaldo Aranha. II. Centro Universitário de
Volta Redonda. III. Título

CDD 614.5



Esta obra é licenciada sob Atribuição [CC BY-NC-SA 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/), sendo permitido compartilhar, copiar, remixar, transformar, desde que utilize a mesma licença do original, sendo seu uso proibido para fins comerciais.

Foto da capa: gerado com iA

SUMÁRIO

Dedicatória	6
Agradecimentos	7
Prefácio	8
SEÇÃO I	14
1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	15
1.1 Motivação	15
1.2 Problematização	16
1.3 Justificativa	27
SEÇÃO II	29
2 METODOLOGIA.....	30
2.1 Tipo de estudo.....	30
2.2 Delimitações: temporal e geográfica	30
2.3 Documentos históricos.....	31
2.4 Locais de busca e critérios de seleção documental	31
2.5 Instrumento de coleta.....	32
2.6 Organização documental	33
2.7 Procedimento de análise.....	35
2.8 Estratégia de discussão	35
2.9 Referencial teórico do exame da hipótese.....	37
2.10 Aspecto ético legal	40
SEÇÃO III	41
3 RESULTADOS.....	42
3.1 Introdução	42
3.2 Linha e política editorial.....	42
3.3 Tipologia das matérias veiculadas nos periódicos	47

3.4	Conteúdo das matérias jornalísticas	49
3.5	Imagens veiculadas nas matérias jornalísticas.....	66
3.6	Localização das matérias jornalísticas	67
3.7	Organização da narrativa histórica por eixo temático.....	70
3.8	Síntese da seção	71
SEÇÃO IV		72
4	GRIFE ESPANHOLA NO MUNDO.....	73
4.1	Introdução	73
4.2	Terceira onda da gripe espanhola.....	73
4.3	Sinais de alerta e medidas adotadas na terceira onda da pandemia da gripe espanhola	82
4.4	Posição das autoridades nos jornais	95
4.5	Síntese da seção	100
SEÇÃO V		101
5	GRIFE ESPANHOLA NO RIO DE JANEIRO.....	102
5.1	Introdução	102
5.2	A gripe espanhola no Rio de Janeiro	102
5.3	O cenário epidemiológico do Rio de Janeiro em 1920.....	109
5.4	Posição das autoridades nos jornais: aspectos políticos sanitários e econômicos	132
5.5	Instituições no estado do Rio de Janeiro como porto de assistência aos acometidos pelo vírus da influenza.....	156
5.6	Síntese da seção	163
6	EXAME DA HIPÓTESE.....	165
6.1	Introdução	165
6.2	Hipótese: confirmada, relativizada ou refutada?	173
6.3	Síntese da seção	174
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	176
REFERÊNCIAS		182

RENATO PHILIFE DE SOUSA

Terceira onda da gripe espanhola: o poder da imprensa no Rio de Janeiro (1920-1922)

Tese de doutoramento apresentada ao Programa de Pós-graduação em Enfermagem e Biociências – Curso Doutorado - da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Área de Concentração: Enfermagem, Biociências, Saúde, Ambiente e Cuidado na linha de pesquisa Bases Fundamentais, Culturais, Ambientais e História de Cuidado em Saúde.

Orientador: Prof. Titular Dr. Fernando Porto

Rio de Janeiro

2025

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha mãe, sra. Purcina Pereira da Silva, mulher guerreira que apesar de ter cursado apenas até a quarta série do ensino fundamental, sempre dedicou-se para que eu pudesse estudar, nunca deixou meus sonhos morrerem, sempre me incentivando a ser um filho melhor e um profissional que a orgulhasse.

A minha amiga e companheira Sandrelle Albano Felix (*in memoriam*) médica referência no processo de cuidar de pessoas, sempre ao meu lado desde o início da minha jornada na cidade de Paracatu-MG, você foi grande incentivadora e sempre fará parte das minhas vitórias.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha família pelo apoio e compreensão, durante todo o processo de confecção deste trabalho.

Aos meus amigos/família Betania Lobo, Willian de Souza, Cinara Andreu, Rodrigo Andreu, Dr. Cristhyano Pimenta, Pollyanna Pimenta, Hellen Soares, Marcelo Abrantes, Jarbas Teixeira, Ricardo Teixeira, Camila Dalalio, Alysson Sampaio, Claudio Malavolta, Ana Claudia Malavolta, Evanir Soares e Laura Machado que souberam entender os muitos momentos de recolhimento e consequente ausência de comemorações e, que com essa compreensão, foram de grande importância para que eu conseguisse manter a serenidade e o foco necessário para a realização desta tese.

Aos membros do grupo de pesquisa Lacuiden, que sem as orientações, conversas e os incentivos eu não conseguiria força nem conteúdo intelectual para seguir em frente. Em especial aos amigos Dr. Daniel Mata Roque e Dra. Claudia Labriola, pois além de amizade se configuraram como exemplos de força e honestidade, que faço questão de seguir.

Agradeço ao Centro Universitário Atenas - UniAtenas e ao Centro Universitário de Volta Redonda - UniFOA por conceder o tempo necessário para poder desenvolver a pesquisa do meu doutorado, por entender a importância desse projeto em minha vida e me apoiar.

Agradeço em especial ao professor Dr. Fernando Porto, meu mentor intelectual, referência como pesquisador, tenho maior admiração e quero se possível seguir seus passos.

Agradeço Oya e Yemonja por ter colocado todas essas pessoas maravilhosas e especiais em meu caminho, me dando forças para poder concluir mais essa etapa em minha vida.

PREFÁCIO

É com grande honra que apresento o prefácio do livro “Terceira onda da gripe espanhola: o poder da imprensa no Rio de Janeiro (1920–1922)”, não apenas pela reconhecida relevância deste projeto para a comunidade científica, mas também por sua origem em uma sólida pesquisa de doutorado desenvolvida na Escola de Enfermagem Alfredo Pinto, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Trata-se de uma obra que dialoga de forma profunda com o campo da saúde pública, ao mesmo tempo em que estabelece uma fecunda interlocução interdisciplinar com a comunicação em saúde, aspecto essencial para a compreensão das crises sanitárias passadas e contemporâneas.

A história das pandemias é, antes de tudo, a história das sociedades diante do medo, da incerteza e da necessidade de organizar respostas coletivas frente ao adoecimento em massa. Revisitar a terceira onda da gripe espanhola, ocorrida entre 1920 e 1922, a partir das páginas da imprensa carioca, permite compreender não apenas um episódio sanitário específico, mas também os mecanismos simbólicos, políticos e comunicacionais que estruturam as respostas sociais às crises de saúde pública. Este trabalho se insere nesse esforço de leitura crítica do passado, articulando-o com os desafios contemporâneos da saúde no Brasil e no mundo.

A gripe espanhola marcou profundamente o século XX e revelou a fragilidade dos sistemas sanitários em um mundo recém-saído da Primeira Guerra Mundial. No Rio de Janeiro, então capital federal, a pandemia encontrou uma cidade em transformação urbana, social e sanitária, mas ainda profundamente marcada por desigualdades, precariedade assistencial e disputas políticas. A terceira onda, muitas vezes negligenciada pela historiografia tradicional, surge neste estudo como momento-chave para observar a atuação da imprensa como agente ativo na construção de sentidos, comportamentos e políticas de saúde.

Ao longo do texto que se segue, evidencia-se que os jornais não se limitaram a noticiar fatos. Eles produziram narrativas, selecionaram vozes autorizadas, hierarquizaram riscos e contribuíram para a consolidação de uma cultura sanitária específica. A figura de Carlos Chagas, amplamente legitimada pelo capital científico e simbólico acumulado, foi central nesse processo. Seu

prestígio foi mobilizado pela imprensa como estratégia de convencimento social, reforçando a adesão às medidas sanitárias e, simultaneamente, sustentando a autoridade do Estado em um momento de instabilidade.

Essa dinâmica histórica dialoga de forma direta com o presente. A pandemia de COVID-19 recolocou no centro do debate global temas como vigilância epidemiológica, comunicação em saúde, confiança nas autoridades científicas e o papel da mídia na difusão (ou distorção) de informações. Assim como no início do século XX, a sociedade contemporânea assistiu à circulação intensa de discursos conflitantes, à politização da doença e à disputa simbólica em torno das medidas de prevenção, como uso de máscaras, vacinação e distanciamento social.

No Brasil, essas tensões foram particularmente evidentes. A imprensa, fragmentada entre veículos comprometidos com a divulgação científica e outros alinhados a interesses políticos e econômicos, exerceu influência direta sobre a percepção coletiva da pandemia. O paralelismo histórico com a gripe espanhola revela que, embora os recursos tecnológicos tenham se transformado, os mecanismos de produção de sentidos e disputas de poder permanecem estruturalmente semelhantes.

Este prefácio, portanto, convida o leitor a compreender a pesquisa não apenas como um estudo histórico, mas como uma ferramenta crítica para pensar o presente e projetar o futuro da saúde pública. Ao analisar as matérias jornalísticas da terceira onda da gripe espanhola, o autor ilumina os modos pelos quais a imprensa atua como mediadora entre Ciência, Estado e Sociedade, ora promovendo o cuidado coletivo, ora reforçando silêncios e desigualdades.

A relevância deste trabalho também se expressa na valorização da história da enfermagem e da saúde coletiva, em meio às narrativas centradas em figuras médicas de destaque, é fundamental reconhecer que foram os profissionais de enfermagem, muitas vezes invisibilizados, que sustentaram o cuidado cotidiano, enfrentando condições adversas, escassez de recursos e riscos constantes. A leitura histórica permite resgatar essas contribuições e reafirmar o papel estratégico da enfermagem nos sistemas de saúde, nos tempos idos e atuais.

Além disso, ao dialogar com o referencial teórico de Pierre Bourdieu, a pesquisa amplia a compreensão sobre como os campos da imprensa, médico e político se interpenetram, produzindo consensos e naturalizando determinadas visões de mundo. A imprensa, nesse sentido, não apenas reflete a realidade, mas participa ativamente da sua construção, influenciando comportamentos individuais, políticas públicas e prioridades sanitárias.

Diante de um mundo que enfrenta sucessivas emergências em saúde, a exemplo das pandemias, crises humanitárias, mudanças climáticas e desigualdades estruturais, revisitar a terceira onda da gripe espanhola é um exercício de memória, de releitura constante da história, mas também de responsabilidade social. A história ensina que a negligência, a desinformação e a instrumentalização política da saúde custam vidas. Ensina, igualmente, que a comunicação ética, baseada em evidências e sensível às realidades sociais, é parte indissociável do cuidado.

Assim, ao convidar para leitura deste estudo, convido o leitor a refletir sobre a sua contribuição para a enfermagem ao fortalecer a compreensão histórica do cuidado em contextos de crise, reafirmando a centralidade do trabalho de enfermagem na organização dos serviços de saúde e na resposta às emergências sanitárias. Ao evidenciar os impactos das narrativas midiáticas sobre práticas de cuidado e adesão às medidas sanitárias, amplia-se o campo de atuação crítica da enfermagem, especialmente na educação em saúde e na comunicação com a população.

Além disso, será possível ver a importância de sistemas de comunicação responsáveis para saúde global, integrados às políticas públicas e comprometidos com a equidade. Demonstra também que a imprensa pode ser aliada estratégica na promoção da saúde, mas também um fator de risco quando orientada por interesses alheios ao bem coletivo. A imprensa exerce influência direta na formulação e implementação de políticas de saúde ao moldar a opinião pública, pressionar gestores e legitimar (ou deslegitimar) decisões governamentais. Historicamente, como observado na terceira onda da gripe espanhola, os jornais foram capazes de impulsionar medidas sanitárias, construir lideranças científicas e criar uma cultura de prevenção. No presente, essa influência permanece, ampliada pela velocidade das redes digitais, exigindo responsabilidade ética, compromisso com a ciência e sensibilidade social.

Assim, compreender o passado é condição essencial para enfrentar os desafios do presente e do futuro. Esta obra se apresenta como contribuição relevante para a história da saúde, da enfermagem e da comunicação, reafirmando que a memória é também instrumento de cuidado.

Dr.^a Mercedes Neto

Doutora em Ciências pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, com pós-doutorado em Epidemiologia pela Fundação Oswaldo Cruz
Professora Associada do Departamento de Enfermagem de Saúde Pública
Faculdade de Enfermagem | Universidade do Estado do Rio de Janeiro

“Um povo que não conhece sua História está fadado a repeti-la.” (Edmund Burke)

SEÇÃO I

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

1.1 Motivação

A construção desta Tese de Doutorado deu-se em meio à pandemia da Síndrome Respiratória Aguda Grave do Coronavírus 2 (Sars-Cov-2), quando muitos questionava-se quanto aos efeitos que a doença poderia trazer à população e possíveis consequências deixadas a ela no período pós-pandêmico.

No início do processo de distanciamento e isolamento social da Sars-Cov-2 vivenciado no ano de 2020, algumas *lives* foram realizadas em que tratavam de temáticas ligadas à história da Enfermagem e à pandemia da gripe espanhola. A partir disso, foi possível traçar comparativo sobre o que foi vivenciado nas duas pandemias, que guardam pouco mais de um século de distância entre si.

A participação do Dr. Fernando Porto nessas *lives* que contribuiu com informações valiosas, tanto sobre a gripe espanhola, como sobre a covid-19 e da Dra. Margarida Bernardes, que discutiu a relação entre guerras e doenças altamente transmissíveis, aguçou em mim o desejo de pesquisar sobre os fatores que poderiam ter surtido impactos diferenciais na condução das duas pandemias.

Ao observar a pandemia da gripe espanhola foi possível pensar, por exemplo, nas similaridades do processo de assistência à saúde em relação à pandemia de Sars-Cov-2. Afinal, o ano de 2020 foi um ano difícil assim como o de 1918, pois em ambos se observou a disseminação de uma guerra contra um agente invisível, que inicialmente se apresentou sob sintomas semelhantes ao da gripe, como: mal-estar, cefaleia, febre, mialgia, coriza e tosse, e que, por fim, alcançou muitos continentes e culminou no óbito de milhares de pessoas (Gurgel, 2013).

Para consubstanciar o texto e contexto desta pesquisa foi realizado busca por materiais como: livros, capítulos, artigos, teses e dissertações que abordassem a temática da gripe espanhola, no intuito de identificar as possíveis lacunas para a construção do objeto de estudo a ser investigado.

Deste modo, emergiu alguns autores, por exemplo de Adriana da Costa Goulart com a dissertação, intitulada *“Um cenário mefistofélico: a gripe espanhola no Rio de Janeiro”* (2003); Christiane Maria Cruz de Souza com a tese, intitulada *“A epidemia de gripe espanhola: um desafio à medicina baiana”* (2007); Leandro Carvalho Damascena Neto com a dissertação *“A influenza espanhola de 1918/1919 na cidade de Goiás”* (2011); Joao Paulo Dall’Ava com a dissertação *“Sorocaba entre epidemias: a experiência de Álvaro Soares na febre amarela e na gripe espanhola (1897-1918)”* (2015); Alexandre Caetano da Silva com a dissertação *“Recife, uma cidade doente: a gripe espanhola no espaço urbano recifense (1918)”* (2017), dentre outras como artigos e livros, considerando o conceito de que a gripe espanhola foi comum. Entretanto os autores careceram de trazer o que ocorreu após a gripe espanhola em 1919.

1.2 Problematização

A Primeira Guerra teve início em 28 de julho de 1914, após o assassinato do arquiduque Francisco Ferdinando Asburgo (1863-1914), herdeiro do trono do Império Austro-Húngaro, e de sua esposa, e terminou em 11 de novembro de 1918. Diferentemente dos demais conflitos bélicos ocorridos anteriormente, este apresentou embates longos e intensos. Os países envolvidos não se prepararam economicamente para o momento adverso no qual se envolveram, de modo que os investimentos e mão de obra tenham sido revertidos quase inteiramente para a guerra (Daroz, 2016).

Na Figura 1, a seguir, identifica-se a configuração do território europeu no ano de 1914, que marcava o início do conflito. Nesse ano, o império Austro-Húngaro declara guerra a Servia, nação de Gavrilo Princip (1894-1918), assassino do herdeiro do trono. Logo em seguida, a fim de manter a aliança estabelecida no ano de 1882 com o império Alemão, forma-se entre este e o império Austro-Húngaro a frente das potências centrais, chamada Tríplice Aliança. Como resposta, o império Russo, ligado à França e à Grã-Bretanha, em apoio à Servia, organiza-se e forma a tríplice Entente, e assim inicia-se a guerra (Burigana, 2014).

Figura 1 - Europa (1914) antes da Primeira Guerra



Fonte: DUBY, 2001.

Em 1914, a economia mundial prosperava, a mobilidade de mercadorias, capital e trabalho atingiu níveis comparáveis aos que conhecemos na atualidade e as rotas marítimas estavam em pleno fluxo. Em termos político-econômicos, o processo de guerra conseguiu afundar os Impérios Alemão, Austro-húngaro, Otomano e Russo, quatro dinastias que governaram por séculos a Europa (Ferguson, 2021).

A economia mundial foi duramente atingida e fragilizada nessa época. Estima-se que o evento bélico provocou cerca de 20 a 30 milhões de óbitos entre civis e militares. O conseqüente déficit de mão de obra proporcionou mudanças sociais, na medida que a falta de homens transformou as relações de poder, trabalho e gênero, possibilitando às mulheres a inserção do mercado de trabalho na esfera pública (Daroz, 2016; Gilbert, 2017).

O período pós-guerra, que coincidiu com a pandemia de gripe espanhola (1918-1920), foi crucial para determinar as mudanças identificadas no contexto sócio-político-econômico. Conforme ilustrado pela figura 2, o desaparecimento dos impérios Alemão, Austro-Húngaro, Otomano e Russo reconfigurou os limites das fronteiras dos vencedores e perdedores, e deu origem a novos países, como Polônia, Iugoslávia e a União Soviética.

Figura 2 - Europa (1919) pós Primeira Guerra



Fonte: DUBY, 2001.

Nesse âmbito, vale ressaltar que os impérios se dissolveram após os quatro anos do conflito bélico, quando a exposição das fragilidades políticas e militares dos países foram evidenciadas, ao mesmo tempo em que os cidadãos identificaram que o sistema de políticas repressivas era menos atrativo (Bieber, 2023). Sendo assim, a queda dos grandes impérios facilitou a ascensão de novas potências, como os Estados Unidos e a União Soviética (Daroz, 2016).

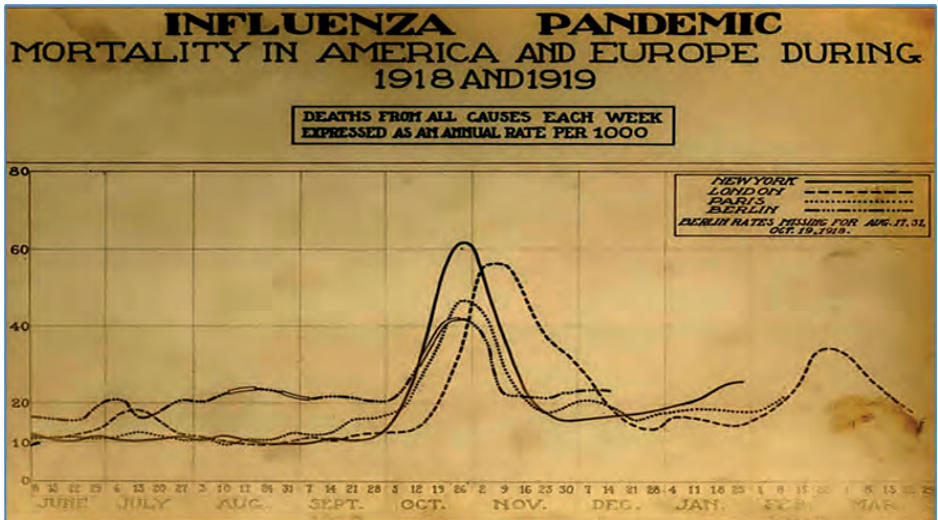
De acordo com Ferguson (2006, 2021), no pós-guerra o processo de democratização foi acelerado, e os privilégios, ampliados, o que desencadeou o direito ao voto pelas mulheres, o crescimento dos poderes sindicais e a ascensão dos partidos socialistas, que chegaram ao poder por meio de revoluções ou eleições, como na Rússia.

O fim da Primeira Guerra Mundial e a vitória da Tríplice Entente (bloco formado por Rússia, Grã-Bretanha e França, que recebia apoio dos Estados Unidos) impactou diretamente o comércio internacional, haja vista a queda no fluxo das transações econômicas da Europa, provocada pela guerra, que demandou o estabelecimento de novos pactos de importação quase exclusivamente com os norte-americanos, inclusive para o Brasil. Nesse contexto, nota-se o consumo crescente de automóveis assim como a demanda por bens e serviços correlatos, incluindo recursos intelectuais (Burigana, 2014).

O fim do conflito bélico, datado em 1918, coaduna com o surgimento de um novo mal que tomaria proporções mundiais, a gripe espanhola. A Pandemia se deu em três grandes ondas: a primeira, mais branda, aconteceu em março de 1918; a segunda, em agosto de 1918, acometeu boa parte do mundo, chegando inclusive ao Brasil, e é considerada a onda de maior letalidade; já a terceira, iniciada em 1919 e estendida até o final de 1920, embora menos letal que a segunda onda, foi mais letal que a primeira (Crosby, 2003).

Indícios apontam que a primeira onda epidêmica, datada em março de 1918, teve sua gênese no Estado do Kansas, EUA, fundamentado pelo relato de 1.100 soldados que foram internados no hospital da base militar da cidade de Funston, com sintomas graves de gripe. Em 18 de março de 1918, duas semanas após o primeiro caso observado em Funston, a moléstia surgiu em outras bases, e acometeu 10% do efetivo, desencadeando surto nas instalações militares por todo os Estados Unidos (Barry, 2020).

Figura 3 – Ondas Gripe Espanhola



Fonte: CDC, 2019

O termo “Onda epidêmica” é utilizado para denominar a ocorrência do aumento de infectados dentro de um período. A utilização desse conceito, foi empregada para descrever o surto da gripe russa entre os anos de 1889 e 1892 (Kempińska-Mirosławska e Woźniak-Kosek, 2013). Esse recurso possibilita a observação, em gráficos, de uma curva ascendente até atingir o pico e o seu decréscimo, que pode chegar próximo a zero. Sendo assim, a possibilidade de novo surto gera uma replicação epidemiológica, caracterizada como “novas ondas” (Brasil, 2009).

Na França, durante o inverno de 1918, houve casos de gripe, que se deram de forma endêmica. Os primeiros surtos registrados no país e sugestivos da pandemia ocorreram em abril, período da primavera no continente europeu, na cidade de Brest, local de desembarque dos soldados americanos, acometeu a unidade naval e difundiu para outras localidades (Macneal, 1919).

Conforme Sinnecker (1976), a definição de epidemia pode ser entendida como uma ocorrência de casos de doença que ultrapassa o número esperado em um período determinado. Essa concepção nos leva a diferenciar entre epidemia, que envolve uma concentração de casos em espaço e tempo específi-

cos, e endemia, que se refere à presença constante de uma doença em uma área geográfica, sem a variação temporal, sob essa perspectiva. Logo, podemos compreender melhor as dinâmicas de saúde pública, de modo a ultrapassar as barreiras geográficas em escala mundial e devido suas implicações sociais, culturais e econômicas iremos utilizar o termo pandemia nesta pesquisa.

A pandemia alastrava-se rapidamente, não diferenciava frente de guerra, entre os países pertencentes à tríplice Aliança ou Entente. Na França, foram registradas 100 mortes no exército francês, entre 40.000 enfermos; na frota britânica, 10.313 marinheiros adoeceram e, na frota americana, ainda que 613 soldados tenham sido internados, há registro de apenas 1 óbito. Em razão da sua rápida evolução clínica, os militares nomearam a doença como “febre dos três dias” (Thomson e Thomson, 1934).

No mês de abril de 1918, os exércitos de países como Itália, Alemanha e Grã-Bretanha tinham a preocupação que a doença pudesse limitar a capacidade dos soldados nas batalhas. O comandante alemão Erich Von Ludendorff culpou a moléstia pelo fracasso na ofensiva, em decorrência da perda de homens aptos a lutar, ignorando que ambos os exércitos eram acometidos pela gripe (Barry, 2020).

Já a Espanha, país de posicionamento neutro ao conflito, não identificou quantitativo relevante de casos antes de maio de 1918. O perfil adotado na guerra permitiu que os seus jornais veiculassem matérias com conteúdo da gripe, o que refletiu na associação da doença com o nome do país (Angerami, 2019).

Embora os óbitos por gripe espanhola durante a primeira onda, marcada no período de março a maio de 1918, tivessem causado preocupação entre os comandantes dos exércitos envolvidos nas batalhas, os casos que começariam a recrudescer em agosto de 1918, durante a segunda onda, tiveram proporções mais severas, em decorrência das possíveis mutações ocasionadas em vírus silvestre (Ferreira, 2020).

Burnet (1979) defende que o vírus da Influenza, responsável pela pandemia na primeira onda, sofreu mutações que modificaram sua característica essencial, forçando uma adaptação que, na segunda onda, o tornou mais virulento e fatal.

De uma forma geral, pessoas muito jovens ou muito velhas são mais facilmente acometidas por doenças em razão das fragilidades do seu sistema imunológico. No entanto, no que referiu ao alastramento da gripe espanhola, na segunda onda esse padrão não foi identificado, morriam tanto adultos fortes e vigorosos, como crianças e idosos (Bertolli Filho, 1989).

A autora Schwarcz e Starling (2020) corrobora com Bertolli Filho (1989) ao comparar os mortos pela Primeira Guerra (1914-1918) com os mortos pela gripe espanhola (1918-1920). Segundo ela, nos quatro anos ininterruptos de evento bélico foram registrados cerca de 20 a 30 milhões de óbitos entre civis e militares. A segunda onda da moléstia, que grassava muito rapidamente em aproximadamente noventa dias, infectou um quinto da população mundial, haja vista que a população do mundo no período era de 1 bilhão 834 milhões de pessoas, e ela matou entre 20 e 50 milhões de pessoas.

Ao analisar a velocidade e o percurso do alastramento das infecções, observa-se que o vírus rompeu mesmo as fronteiras intercontinentais, o que caracteriza o fenômeno como pandemia. Os altos números de óbitos não escolhiam um lado da guerra, acometendo todos os envolvidos, em menos tempo que os combates, durante a guerra. O poder de destruição do vírus era tão evidente que atacou não só a população como a economia mundial.

No início de 1919, a segunda onda já havia terminado, o mundo se apresentava exausto, o vírus perdia sua virulência, e acreditava-se que a doença havia se dissipado por completo. Os conselhos de saúde e de atendimento emergencial cancelaram as ordens de fechamento de cinemas, escolas, igrejas e de utilização de máscaras. Quando a terceira onda trouxe o vírus outra vez, ele havia mudado; algumas pessoas que ficaram doentes anteriormente criaram imunidade, entretanto, isso não impediu o ressurgimento da doença, mesmo em apresentação mais branda, dando origem a novas teorias do surgimento do vírus (Schwarcz, 2020).

No início do século XX, Rodrigues Alves - presidente da república no período de 1902 a 1906, em decorrência aos eventos sanitários como revolta da vacina em 1904, arrecadou recursos necessários para que o prefeito do Rio de Janeiro, Pereira Passos, pudesse dar início às obras que tinham como objetivo

não só a modificação radical da infraestrutura do centro da cidade, mas também a higienização cidade (Azevedo, 2011).

A necessidade de reformulação da cidade tornou-se tema de pesquisas. Na tese intitulada *Entre des(encantos) mil da cidade maravilhosa: instalação dos banheiros públicos (1902-1906)*, de Simone de Aguiar da Silva, a desordem sanitária do Rio de Janeiro é retratada, tanto no espaço público, como no privado. Para a autora, o cenário caótico da cidade favorecia a proliferação de maus odores e doenças, e essa condição se complicava quando associada às inundações consequentes da disposição geográfica da cidade. Essa conjuntura remeteu o Rio, durante muito tempo, à alcunha de “túmulo dos estrangeiros” (Silva, 2018).

Barata (2000) relata que, no início do século XX, as ocupações do espaço agrário e urbano poderiam ser fatores determinantes para a ocorrência de doenças transmitidas por vetores e pelo ar. Nota-se claramente que, neste período, havia a propagação de doenças como febre amarela, malária e, posteriormente nos anos de 1918 e 1919, a gripe espanhola.

Embora não exista uma data exata para o fato, a chegada da gripe espanhola ao Brasil aconteceu no início do mês de setembro de 1918, com o atracamento do paquete¹ britânico Demerara, que vinha da Europa. Após passar por vários portos brasileiros, no dia 14 do mesmo mês, o navio atracou no Rio de Janeiro com vários enfermos a bordo (Bertolli Filho, 1989, p.32).

No que se refere ao cenário do Brasil nos anos que antecederam a gripe espanhola, pode-se dizer que o país passou por vários momentos turbulentos. Durante a gestão presidencial de Venceslau Brás (1914-1918), o país, enfrentou período de guerra (1914-1918), no qual encaminhou contingente para o front e em São Paulo no ano de 1917, no mesmo ano da Revolução Russa, ocorreu a greve liderada por trabalhadores imigrantes, em sua maioria italianos e espanhóis, que desempenhavam papel relevante na crescente industrialização do país (Vizeu, 2019).

Médicos da época acreditavam que o evento adverso se tratava de um simples resfriado coletivo, chamado de *gripe nostra*, por acometer preferencialmente idosos, era denominado como “limpa velhos”. No ano de 1918, a

1 Denominação atribuída aos antigos navios de luxo movidos a vapor (SAMPAIO, 2006).

síndrome gripal assolava a Capital Federal (nessa época, o Rio de Janeiro), provocando inúmeras mortes e acometendo inclusive o presidente eleito, Rodrigues Alves, em 1918, que não chegou a assumir o novo mandato (Bertolli Filho, 1986 e Silva, 1919).

Autores como Claudio Bertolli Filho descreveu indícios que a pandemia começou na cidade de São Paulo e, logo, chegou à cidade do Rio de Janeiro. Em decorrência desse fato, foram suspensas as atividades escolares; bares, indústrias e comércio foram fechados, apresentou maiores taxas de incidência nos bairros periféricos e regiões centrais, pois nessas áreas predominavam os cortiços e a aglomeração humana promovia o contágio (Bertolli Filho, 1986).

Em relação à mortalidade da gripe espanhola, foi identificado que a população idosa era mais acometida que a população jovem. No entanto, a pandemia apresentou mais de duas ondas, entre as quais cerca de 30% da população mundial, isto é, aproximadamente 50 milhões de pessoas, foi infectada, convertendo-se em uma das maiores tragédias já testemunhada pela humanidade (Gurgel, 2013).

Apesar de estes e outros dados apontarem a relevância do fenômeno, entende-se que na época da gripe espanhola os dados estatísticos no Brasil eram precários. A Diretoria Geral de Estatística (DGE) realizou o censo geral em 1900, totalizando 17.438.434 habitantes. Contudo, a conturbada conjuntura política e o cerceamento da autonomia da DGE impediram a realização da pesquisa, que veio a ocorrer somente no ano de 1920. Desse modo, os dados só foram divulgados na exposição comemorativa do aniversário de independência do Brasil em 1922, totalizando 30.635.605 habitantes no país (IBGE, 2012).

Em setembro de 1918, quando a gripe espanhola chegou ao Brasil pela cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, acumulava os atributos sociopolítico-culturais necessários para cumprir o papel de capital do país. A cidade já era populosa, somando 910.710 habitantes, dos quais 697.543 moravam na zona urbana e 213.167 nos subúrbios e na área rural (Fontenelle, 1919).

No entanto, as notícias publicadas no intuito de cobrir a difusão da pandemia, aliadas à estrutura sanitária da cidade demonstram que o Rio de Janeiro não estava pronto para a chegada de um inimigo invisível. Nota-se, ao longo da pesquisa, que as informações referentes à doença só começaram a ganhar

concretude e destaque na imprensa carioca quando integrantes da missão médica militar, que estava a caminho de Dakar, adoeceram (Goulart, 2005).

Utilizar o conceito de vigilância como um instrumento de saúde pública, surgiu no final do século XIX a restrição à coleta, compilação, avaliação e divulgação de dados para as autoridades de saúde e o público em geral, tendo como objetivo principal a detecção precoce de doentes com vistas ao seu isolamento (Arreaza e Moraes, 2010).

Partindo da premissa de que a criação do Centro de Investigação Epidemiológica ocorreu anos após o surto da gripe espanhola, pode-se entender que essa atribuição era desempenhada pela Diretoria Geral de Saúde Pública. Dessa forma, compreende-se que os dados epidemiológicos referentes ao quantitativo de pessoas atingidas pela gripe espanhola podem ser superiores a 35 mil pessoas, principalmente no Rio de Janeiro, capital do país, e no estado de São Paulo, chegando a afetar até a ilha de Fernando de Noronha, no estado de Pernambuco (Gurgel, 2013).

Após divulgações nos jornais sobre a gripe espanhola, a população da Capital Federal começou a demonstrar medo e preocupação em relação às possíveis medidas a serem tomadas pelas autoridades responsáveis pela saúde pública. O agravo epidemiológico pouco conhecido se transformara, naquele ano de 1918, em desafio a ser vencido pela sociedade. O índice de mortalidade e morbidade apresentadas pela influenza de 1918, o rápido período de incubação e o elevadíssimo número de óbitos² foram alguns fatores que tornaram a gripe espanhola um acontecimento *sui generis* em muitos sentidos (Silva, 1919).

O aumento na velocidade da contaminação mostrava, à época, a falta de estratégias para ações preventivas à moléstia. Além disso, os equipamentos sanitários e de saúde pública eram precários, a carência na estrutura de saúde, não sendo velados os muitos problemas estruturais que foram evidenciados pela pandemia.

Ademais, foram tantas vítimas acometidas pela gripe espanhola que, por muitas vezes, eram utilizadas valas coletivas. Os Coveiros contaminados eram

2 O número de vítimas fatais acometidos pela gripe espanhola entre os meses de outubro a dezembro de 1918 ultrapassaram 11.890 óbitos (Goulart, 2003).

afastados do trabalho, as pessoas que circulavam nas ruas e detentos passaram a ser recrutados e obrigados a realizar os sepultamentos. Houve escolas que mandaram as crianças para casa, os hospitais existentes ficaram lotados, o comércio, as quitandas, os bares, as lojas de moda e as barbearias foram temporariamente fechados. O governo proibiu aglomerações, e os teatros e cinemas foram trancados e lavados com desinfetantes (Schwarcz, 2020).

Corroborando com tal descrição, Silva (2018) afirma que o Rio de Janeiro representava a desordem ao evidenciar a ausência de esgoto sanitário; a presença de sujeira e fezes em toda parte, o que produzia maus odores. Nas habitações coletivas, cortiços, era possível identificar múltiplas culturas e hábitos, em decorrência da mistura da população europeia, africana e negra alforriada, a aglomeração com precárias condições de higiene facilitava a proliferação de doenças.

Nesse cenário, o médico Carlos Chagas emergiu como “herói”, sendo considerado pela imprensa e população o único homem capaz de controlar a gripe pandêmica. Em decorrência do prestígio acumulado após a descoberta do *Tripanossoma cruzi*, em 1912, e sua atuação como médico da Diretoria Geral de Saúde Pública desde o ano de 1904, a população carioca e a imprensa exigiram sua presença à frente dos serviços de combate à gripe espanhola (Goulart, 2005).

Assim, a convocação do Dr. Carlos Chagas, diretor do Instituto Oswaldo Cruz (1917-1934), visava atender à necessidade de se produzir uma infraestrutura improvisada para o atendimento à população. No Brasil, como em outras partes do mundo, colégios, clubes e igrejas foram transformados em hospitais para suprir a demanda instalada. Tendo em vista essa necessidade de reorganização sanitária em decorrência da gripe espanhola, algumas escolas foram atender a demanda de atendimentos em saúde. Entre as medidas de remediação adotadas por Carlos Chagas estavam a organização de cinco hospitais de emergência em fábricas, repartições públicas e escolas, e 27 novos pontos de consulta em delegacias de saúde e postos de profilaxia rural (Britto, 1997; Santos, 2021; Carvalho, 2023).

Carvalho (2023) afirma que os títulos dos jornais relacionados ao combate da gripe espanhola, nessa época, visavam limpar a imagem do governo,

manchada no início da pandemia, em razão da crise instalada, ou seja, a campanha governamental tinha por objetivo transmitir o sentimento de cuidado.

No ano de 1919, as ações de combate à gripe espanhola surtiram efeito e a história registrou uma diminuição drástica dos casos no Brasil. Esse momento de redução da crise foi marcado, também, rápida mudança dos padrões de relacionamento social. Durante o carnaval de 1919, à população festejava como se não houvesse acontecido uma tragédia sanitária (Cony, 2001).

Compreende-se, que durante períodos de maior vulnerabilidade, algumas características humanas podem ser ressaltadas, diante do caos sanitário instalado no país pela proliferação do vírus da Influenza, na pandemia da gripe espanhola, o medo da morte, e a insegurança tornou-se presença constante. Esses sentimentos, associado ao contexto epidêmico, pôde desencadear o relaxamento das normas sociais profiláticas durante e, após o período de crise, facilitando o retorno das moléstias.

Desta forma, a terceira onda da gripe espanhola, por meio das páginas de jornais na cidade do Rio de Janeiro, é o **objeto de estudo** desta pesquisa.

Apresenta-se como **hipótese** a ser examinada:

- A imprensa utilizou o prestígio social de Carlos Chagas, para veicular nos jornais medidas sanitárias, e criar uma cultura sanitária capaz de reduzir os efeitos da terceira onda da pandemia da gripe espanhola no Rio de Janeiro.
- Com a finalidade de examinar a hipótese, foi traçado o seguinte **objetivo**:
- Discutir as matérias jornalísticas que circulavam na cidade do Rio de Janeiro no período da terceira onda da gripe espanhola.

1.3 Justificativa

A justificativa para esta pesquisa reside na necessidade de discutir os efeitos da gripe espanhola na história da saúde, ofertar possibilidade da compreensão aprofundada de como eventos adversos moldam e refletem os valores, normas e comportamentos socioculturais. A gripe espanhola, não só afe-

tou a saúde das populações, mas também influenciou de maneira significativa o tecido social e cultural.

No âmbito educacional, a justificativa desta pesquisa é pronunciada ao demonstrar como a análise de fontes históricas pode permitir a compreensão de diferentes perspectivas sobre o que foi aceito como verdade.

A investigação acadêmica possibilita discutir o processo de construção da narrativa historiográfica, reconhecendo sua complexidade ao revelar articulações políticas que poderiam passar despercebidas sem certa reflexão sistemática. Este enfoque não apenas ilumina aspectos históricos ocultos, mas também promove entendimento mais profundo das dinâmicas de poder que influenciaram à saúde pública no Brasil.

Além disso, a escolha de estudar a história da saúde e a proposta de utilizar fontes documentais para a construção do conhecimento se justificam na medida em que incentivam novos pesquisadores a decodificar essa área sob diferentes prismas. A exploração de fontes oferece articulações para investigações inovadoras, o que permite preencher lacunas históricas e proporcionar uma visão mais completa do desenvolvimento da saúde pública ao longo do tempo.

O estudo da gripe espanhola no Brasil, portanto, não se limita à mera reconstituição de eventos passados, mas envolve percepções crítica das narrativas que emergiram e de como foram moldadas por contextos socioculturais e políticos. Ao investigar os relatos da imprensa, buscou-se compreender as dinâmicas de (des)informação que permeiam períodos de crise.

Em suma, a presente pesquisa se justifica em compreender os vestígios da gripe espanhola na saúde, de modo a oferecer análise crítica que possibilita construir políticas públicas e práticas de saúde futuras, ao desvelar narrativas históricas complexas e reflexão necessária sobre os desafios das pandemias.

SEÇÃO II

2 METODOLOGIA

2.1 Tipo de estudo

O estudo se pauta no método historiográfico e deve ser entendido pela perspectiva da história cultural, no domínio da história das massas, pois compreende o campo do saber historiográfico que envolve linguagens, comunicações, representações e práticas, dando voz à pluralidade (Barros, 2004).

Entende-se que as práticas culturais devem ser pensadas, tanto no sentido de quem as produz, como na sua utilização, e aplicabilidade em uma sociedade investigada (Barros, 2003; Barros, 2011). Isto se percebe as múltiplas faces do assunto ao ser, necessário optar pela abordagem da história do discurso, que evidencia a riqueza do texto na dicotomia de assumir a função simultânea de objeto de significação e comunicação cultural entre os sujeitos (Barros, 2004).

O texto é um produto histórico, construído por uma conjuntura social e que, inevitavelmente, guarda traços da situação na qual foi produzido, que podemos entender como contexto. Sendo assim, na perspectiva da semiótica, o plano de conteúdo remete à noção de um diálogo entre textos, e o plano de expressão, às múltiplas linguagens que vão carregar os sentidos; essas estruturas e suas relações são expressas por meio de códigos, constituindo estrutura sintagmática dotada de significação (Oliveira, 2004; Morato, 2008).

2.2 Delimitações: temporal e geográfica

No que se refere à delimitação temporal, utilizou-se o arco temporal de 1920 a partir do marco da recrudescência da terceira onda da gripe espanhola nas páginas dos jornais ao ano de 1922, com a redução brusca de matérias jornalísticas com a temática da gripe espanhola.

A delimitação geográfica foi a cidade do Rio de Janeiro, à época, capital federal, devido à sua importância socioeconômica, ao registro das múltiplas ocorrências da gripe espanhola e à presença dos órgãos sanitários.

2.3 Documentos históricos

Os documentos históricos evocados nessa pesquisa foram os relatórios demográficos, arquivos da gripe espanhola e jornais. Cabe salientar que os jornais tornam-se interessantes fontes para os historiadores, porque são entendidos como instrumento e campo de lutas, pois ocultam interesses políticos e sociais, que podem, no entanto, serem desvelados por meio de sua análise (Barros, 2019).

Ademais, os jornais foram utilizados como fonte de análise e os demais documentos subsidiaram a construção da narrativa que sustentou o contexto, neste sentido, Aróstegui (2006) conceitua e define fonte como material: instrumento, ferramenta, símbolo ou discussão intelectual que procede da criatividade humana, por meio do qual se pode inferir algo acerca de uma determinada situação social no tempo. Isto possibilita ao pesquisador determinar o que de-seja utilizar para compor o corpus documental.

2.4 Locais de busca e critérios de seleção documental

Para compilação do *corpus* documental, foi designado, inicialmente, o repositório da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Brasil, devido à facilidade de acesso e à possibilidade de consulta remota como local de busca, entretanto em decorrência de lacunas que emergiram, se fez necessário a inclusão do Arquivo Nacional do Brasil para ter acesso aos relatórios e arquivos da gripe espanhola que corroboraram para a construção do contexto histórico.

Para evitar que a seleção dos jornais fosse realizada de forma arbitrária foi utilizado alguns critérios a saber: estar entre os principais periódicos circulantes no ano de 1920 na cidade do Rio de Janeiro; não possuir ônus para reprodução; ter preço acessível à população.

Após seleção dos jornais foi necessário realizar distinção das matérias jornalísticas, sendo aplicado os seguintes critérios:

- Inclusão: matérias jornalísticas selecionadas pelo algoritmo da hemeroteca digital que apareceram na busca das palavras-chave “grippe hespanhola”, “influenza hespanhola”, “efeitos da grippe hespanhola” e “hespanhola”.

- Exclusão: aquelas matérias jornalísticas com ônus por diretos autorais, revistas, publicidades e propagandas, imagens distorcidas e que não contemplassem a delimitação temática ou temporalidade do estudo.

2.5 Instrumento de coleta

Para elencar a massa documental, foi realizada busca no repositório da Hemeroteca Digital, a partir do instrumento de coleta, a seguir especificado (Quadro 1).

Quadro 1 – Instrumento de Coleta

PERIÓDICO	DATA	Nº DA PÁGINA	Nº DA EDIÇÃO	TIPO DE MATÉRIA	ZONA DE VISUALIZAÇÃO	IMAGEM
-----------	------	--------------	--------------	-----------------	----------------------	--------

Fonte: Autor, 2025.

Cabe destacar que cada tipo de matéria jornalística tem a sua finalidade, a saber: a notícia é o relato de uma série de fatos a partir de um fato mais importante ou interessante. Trata-se do registro de fatos sem comentários ou julgamentos; a notícia é considerada matéria-prima do jornalismo, e deve ser recente, inédita, verdadeira, objetiva e de interesse público; e a nota pode ser entendida como uma pequena notícia, pois registra algo que vai acontecer, ou anuncia eventos programados (Bahia, 2010).

Visto isso, Bahia (2010) diferencia os tipos de matérias em: suíte, quando um assunto pede prosseguimento no dia seguinte ao dia em que foi primeiramente noticiado, devido ao interesse que desperta; esse tipo de matéria deve apresentar informações e angulações novas e muitas vezes se prolonga por semanas e até meses; reportagem, que é o conjunto de providências necessárias à confecção de uma notícia jornalística: cobertura, apuração, seleção de dados, interpretação e tratamento dentro de determinadas técnicas e requisitos de articulação do texto jornalístico.

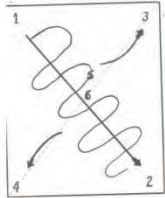
2.6 Organização documental

A massa documental desse estudo foi organizada em planilha do programa Excel de forma cronológica conforme o quadro 1 instrumento de coleta, como subsídio para a organização, foi utilizada, de forma adaptada, a matriz de análise publicada por Porto (2007), em sua tese de doutorado intitulada *Os ritos institucionais e a imagem pública da enfermeira brasileira na imprensa ilustrada: o poder simbólico no click fotográfico (1919-1925)*, como instrumento facilitador para decodificação e entendimento do material organizado.

Entende-se que a massa documental é constituída por cópia ou reprodução de documento que apresenta bastante semelhança com o original. Iremos denominá-los de *fac-símile* para melhor compreensão. Contudo, é importante ressaltar que o processo de cópia e reprodução pode resultar na perda de qualidade da imagem e, conseqüentemente, perda de seu conteúdo e expressão (Porto e Fonseca, 2010; Neto, Porto e Aguiar, 2012).

Quadro 2 – Matriz de análise

Dados de identificação		
Itens	Como preencher?	Resultado
Localização do Acervo	Local de busca	
Nome do jornal	Nome do periódico	
Periodicidade	Diário, semanal ...?	
Proprietário	Quem era?	
Editor	Quem era?	
Característica do Registro da Imprensa Escrita		
Data de publicação	Data	
Página	Qual página?	
Edição	Qual a edição?	
Número	Qual o número?	
Registro da Imprensa Escrita		
Tipo de Registro	Notícia? Nota? Suítes? Reportagem?	

Manchete e lead	<p>Lead – Abertura do texto jornalístico. Responde à maior parte das seis perguntas básicas da cobertura jornalística de um fato: quem, o quê, quando, onde, como e por quê?. O lead teve ter com características essenciais a objetividade, a clareza, a concisão e a precisão (Bahia, 2010).</p> <p>Manchete – Frase ou palavra que forma o título principal da primeira página do jornal, anunciando o assunto mais importante da edição (Bahia, 2010).</p>	
Temática	Qual a temática do conteúdo?	
Quantidade de fotografias	Caso tenha imagem. Quantas?	
Características do Conteúdo Escrito		
Resumo do conteúdo escrito	Síntese do conteúdo	
Personalidades / Autoridades citados	Escrever os nomes dos citados	
Locais citados	Escrever os locais citados	
Zona de Visualização da Matéria	<p>Qual a zona de visualização?</p>  <p>Zonas de visualização conforme A zona primária ou principal (1) contém elementos de forte atração para chamar a atenção do leitor. Como a visão instintivamente se desloca com rapidez em diagonal para o lado inferior oposto (zona morta - 4), a rota básica da vista se projeta do lado superior esquerdo (zona morta - 3) para o lado inferior direito (zona secundária - 2). Neste sentido, a importância do centro ótico (5) e geométrico (6) da página necessita oferecer aspectos atrativos para que a leitura seja ordenada, com racionalidade, sem o deslocamento brutal da visão (Silva, 1985).</p>	
Características da Imagem Jornalística		
Cenário	Interno ou externo?	
Pessoas	Quantas pessoas? Quantos grupos? Quantos homens/mulheres/crianças?	

Artefatos	Objetos	
Postura	Sentado, deitado	
Expressão corporal	Rindo, sério...	
Observações gerais		
Espaço livre para as devidas articulações com outras notícias		

Fonte: Porto, 2007 (adaptado)

2.7 Procedimento de análise

É preciso compreender o jornal, não unicamente, como um veículo passivo e neutro na transmissão de informação, mas como um sistema capaz de produzir, difundir discursos e instaurar o processo de comunicação. Dessa forma, os jornais são capazes de revelar “certas” verdades e aspectos da realidade de interesses políticos e econômicos que muitos prefeririam conservar ocultos (Barros, 2023).

Contudo, os registros jornalísticos podem induzir o leitor a fazer uma análise primária sobre as informações veiculadas, o que determina o viés interpretativo dos fatos pela escolha de palavras ou ordem dos termos na disposição de títulos, entre outros recursos da diagramação. Assim, a decodificação do discurso jornalístico, por meio da análise da matriz, se torna necessário para certa compreensão crítica das matérias.

Pela aplicação dos critérios de seleção e após a organização dos dados foi possível identificar a massa documental, para então se iniciar o processo de análise dos documentos. A partir da aplicação da matriz, os dados foram triangulados, a fim de que se pudesse comparar, contextualizar, ampliar e realizar interpretações, que por sua vez tinham o objetivo de investigar e identificar diferentes percepções e esclarecer os múltiplos significados (Marcondes e Brisola, 2014).

2.8 Estratégia de discussão

A etapa de discussão dos documentos se propõe a produzir ou reelaborar conhecimentos e criar novas formas de compreender os fenômenos.

Estabeleceu-se como condição que os fatos veiculados pelas notícias sejam mencionados, pois constituem o objeto da pesquisa, ainda que, por si mesmo, não produzam conhecimento analítico. É por isso que o investigador deve interpretá-los, sintetizar as informações, determinar tendências e na medida do possível fazer a inferência (Sá-Silva; Almeida; Guindani, 2009).

Desta forma, a materialização da análise dos jornais, por meio da matriz, permitiu construir a estratégia de discussão dos documentos. Os dados de identificação, as características do registro da imprensa escrita, a organização e forma do conteúdo, características da imagem fotográfica e demais observações gerais, considerados em conjunto, possibilitaram compreender analiticamente e de forma sistemática as intencionalidades implícitas, que podem até construir o discurso da população, receptora da informação.

Nesse processo, o discurso foi entendido como a infraestrutura que sustenta o sentido. Quando associado a uma expressão, temos o texto, o qual consiste na articulação de um discurso (Greimas, 2004).

Na discussão analítica de um documento deve-se levar em consideração a natureza do texto ou seu suporte, antes de tirar conclusões. Efetivamente, os subentendidos, a estrutura de um texto pode variar enormemente, conforme o contexto no qual ele é redigido e buscar a compreensão dos documentos selecionados, colocando luz à intencionalidade posta no texto pelos grupos que a originaram (Sá-Silva; Almeida; Guindani, 2009 e Xavier, 2010).

Ademais, como forma de decodificação dos registros noticiosos, foi utilizada em alguns casos a técnica de inferência, entendendo que ela é a informação que está implicitamente contida num texto ou diálogo que o ouvinte ou leitor usa para facilitar a sua compreensão. A noção de inferência pertence à lógica e surgiu com Aristóteles, que introduziu os fundamentos da lógica clássica. Sendo ela uma ciência formal e, isenta de conteúdo, portanto, passível de ser empregada em outras áreas formais. A inferência clássica é um processo lógico pelo qual, a partir de suposições (premissas), se chega a uma conclusão (Palombini, 2009).

Assim, para articular a discussão às conjecturas dos fatos, foi inserida a perspectiva da microanálise, sendo necessária para pontuarmos conceitos utilizados a partir de breve descrição deles. Conforme Gomes (2019), entende-se

que tais aspectos, somados a redução da escala de observação e ditados por ela, permitem uma compreensão dos documentos e posteriormente, melhor emprego do conceito.

Para dar suporte na estratégia de discussão, cabe compreender que os jornais se apóia necessariamente, em uma base discursiva textual e imagética. Isso visa caracterizar o hábito de compra de grande número da população. Discutir os valores culturais imputados nos jornais se faz necessário. O fato de ser barato, socialmente penetrante, de fácil manuseio e descartável é relevante para a formação de um hábito de consumo, o que caracteriza os jornais como instrumento e campo de luta ocultando, assim, o interesse político-social desvelado por meio da análise do discurso (Barros, 2023)

Não obstante, a semiótica como aporte de discussão do conteúdo imagético permite a imersão em pontuações que somente o escrito não contemplaria. A apropriação das imagens, compõem-se como evidência do passado e como testemunhas da reconstrução visual. Posiciona o pesquisador, paralelo à operação historiográfica, em um lugar peculiar levando ao conhecimento de forma mais aprofundada (Gomes, 2019).

2.9 Referencial teórico do exame da hipótese

Para isso, utilizaremos os conceitos de Pierre Bourdieu, como lentes interpretativas para compreender as dinâmicas entre a imprensa, as instituições médicas e a população. Sendo assim, discursos foram legitimados e outros marginalizados, o que facilitou a construção da narrativa sobre a pandemia e seus desdobramentos para examinar a hipótese traçada.

A noção de campo, é fundamental para entender o papel da imprensa no contexto da gripe espanhola, caracterizada como espaço social estruturado, ocupado por agentes em constante disputa social, cultural, econômica e simbólica.

A constituição social de um campo, com suas peculiaridades, seus mo-tes materiais e simbólicos, é gerado na trama da realidade a partir da relação complexa entre texto e contexto (Bourdieu, 2004). Isto quer dizer que, para não enveredarmos na armadilha do “erro do curto-circuito” necessitaremos com-

preender as “relações de força entre os diferentes tipos de capital ou, mais precisamente, entre os agentes suficientemente providos de um dos diferentes tipos de capital para poderem dominar o campo correspondente” (Bourdieu, 2008, p. 52).

No início do século XX, o campo jornalístico no Rio de Janeiro estava em processo de consolidação, adquirindo autonomia relativa ao mesmo tempo em que dialogava com outros campos, como o político e o científico. Nesse cenário, a imprensa desempenha papel de disseminação e mediação da informação, o que proporciona a construção de consensos ou dissensos acerca da pandemia (Bourdieu, 1983).

O campo jornalístico, embora relativamente autônomo interage diretamente com o campo médico, que buscava legitimar seu discurso científico em meio ao cenário de incertezas e disputas com o campo político, responsável pela implementação de medidas de saúde pública, cuja atuação tendenciava entre a tentativa de controle das narrativas sobre a pandemia e a busca por apoio popular. Nesse período, os jornais mediadores centrais de informação, possuíam a capacidade de moldar opiniões e influenciar comportamentos sociais (Bourdieu, 1983). Dessa forma a imprensa posicionou-se como agente central na construção da realidade social da gripe espanhola.

A luta simbólica, pelo prisma de Bourdieu, refere-se ao embate entre agentes ou instituições pela imposição de visão legítima da realidade. O confronto intenso durante a terceira onda da gripe espanhola, envolvendo diferentes narrativas sobre as causas, os desdobramentos e as respostas à pandemia, proporcionou a imprensa, enquanto agente do campo jornalístico, desempenhar papel estratégico na mediação dessas disputas, amplificando algumas vozes como as dos especialistas médicos e silenciando outras, como as de segmentos populares que resistiam às orientações institucionais (Bourdieu, 1989).

A luta que se opera, portanto, no processo de formulação de discursos tem como base o domínio da produção ideológica legítima. Sem deixar de ter como referência as estruturas econômicas da sociedade, esse processo se caracteriza como um processo de luta, de embate, cuja eficácia não é obtida por intermédio do recurso à força propriamente dita. Nesse sentido, tem lugar uma

luta especificamente simbólica, cujo objetivo consiste na definição do mundo social, por meio da imposição de instrumentos de expressão arbitrários da realidade, com essa imposição não sendo sentida como tal (Bourdieu, 2008).

O discurso da imprensa competia com outras narrativas, incluindo as médicas e políticas se manifestavam tanto na definição das causas da epidemia quanto na prescrição de respostas sociais e individuais. Ao veicular matérias com a temática da pandemia, os jornais desempenhavam papel na construção da realidade social, cuja disputa simbólica era visível nos discursos jornalísticos, tendenciosos no sensacionalismo com manchetes alarmistas, propiciando chamar a atenção do público e ao mesmo tempo articular ações das autoridades políticas e sanitárias na busca por legitimá-las. Dessa forma seria permitida a naturalização dos discursos, a fim de consolidar a percepção hegemônica da pandemia e das formas adequadas de enfrentá-la (Bourdieu, 2008).

O poder simbólico, na perspectiva de Bourdieu, estrutura a percepção dos agentes sociais, além de suas práticas cotidianas, no que cerne a capacidade de impor e legitimar significados de forma sutil para construir o processo de dominação. No contexto da terceira onda da gripe espanhola, a imprensa exerceu esse conceito, ao moldar percepções sobre a gravidade da pandemia, as narrativas sobre o papel das autoridades, a eficácia das medidas de saúde pública e o comportamento social (Bourdieu, 1989).

O poder simbólico é o poder invisível que só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que estão sujeitos a esse poder ou mesmo daqueles que o exercem (Bourdieu, 1989). Neste caso, as autoridades sanitárias do Rio de Janeiro à época, eram as detentoras do poder simbólico.

Matérias com manchetes alarmistas contendo o número de mortos podiam potencializar o surto da sociedade, enquanto narrativas positivistas com medidas sanitárias e explicações médicas reforçavam a autoridade do governo e dos especialistas médicos. Desta forma, a imprensa configurava a experiência da pandemia e mobilizava emoções e comportamentos, sustentando o poder simbólico. Essa capacidade de direcionar as percepções da sociedade destaca a imprensa como ator que participou ativamente na construção da crise sanitária e na configuração das respostas sociais (Bourdieu, 1989).

2.10 Aspecto ético legal

Devido ao fato da pesquisa demandar o manejo de fragmentos de artigos de textos jornalísticos ou imagéticos, a Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998, garante a utilização de texto de domínio público publicados e digitalizados na Hemeroteca Digital, respaldando a utilização dos fragmentos sem a necessidade de autorização prévia de direitos de imagem/autorais (Brasil, 1998).

Assim sendo, esta pesquisa está sustentada pelo alicerce da Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016, tendo em vista que não houve coleta de dados com seres humanos, foi dispensada a necessidade de submissão ao CEP/CNS, conforme o parágrafo único da resolução (Brasil, 2016).

SEÇÃO III

3 RESULTADOS

3.1 Introdução

A presente seção destina-se à apresentação dos resultados. A massa documental correspondeu a 1.657 documentos, oriundos da aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, o *corpus* de análise selecionado totalizou 62 documentos em 4 periódicos: *Gazeta de Notícias*; *O Paiz*; *Correio da Manhã* e *A Noite*.

A seção foi organizada em 7 subtítulos, a saber:

3.2 – Histórico dos periódicos e suas respectivas linhas editoriais;

3.3 – Tipologia das matérias veiculadas nos periódicos;

3.4 – Conteúdos das matérias jornalísticas;

3.5 – Imagens veicula nas matérias jornalísticas;

3.6 – Localização das matérias jornalísticas;

3.7 – Organização das seções para narrativa histórica;

3.8 – Síntese da seção.

A discussão sobre a elaboração da narrativa histórica produzida pelos jornais sobre o período pós gripe espanhola, no Brasil, sustentará o desenvolvimento das próximas das seções. Ela foi elaborada com base nos dados extraídos a partir da aplicação da matriz de análise.

3.2 Linha e política editorial

A linha editorial pode ser entendida como a política de atuação pré-determinada pela direção do veículo de comunicação. A lógica com que o jornal enxerga o mundo, indicando valores e paradigmas, influencia a construção da sua mensagem e orienta o modo como cada texto será redigido, assim como os termos que podem ou não ser utilizados e a hierarquia do tema na edição final (Pena, 2005; Venancio, 2009).

Por outro lado, Moreira (2019) diferencia os termos “política editorial” e “linha editorial”, por entender que estes possuem significados estritamente distintos. Para o autor, a política editorial tem a influência e opinião do seu editor, sendo definida pelo julgamento que este faz sobre determinado problema ou questão adversa, e que será mantido por todo o grupo. Ela, por sua vez, é classicamente definida pelo confronto entre os interesses comerciais e políticos da empresa jornalística.

Para alguns autores, o termo “linha editorial” pode ser utilizado de forma análoga à “política editorial”. Rosinha (1989) explica que ela é a arte ou ciência relativa à organização, coordenação e execução de atividades orientadas a comunicar, que se aplicam sobre a forma escrita, visando o interesse de determinados grupos ou públicos.

Tendo refletido sobre o que foi proposto pelos autores Pena (2005), Venancio (2009), Moreira (2019) e Rosinha (1989), no intuito de conceituar linha e política editorial, esta pesquisa optou pela utilização dos termos de forma análoga.

O Quadro 3, visto a seguir, apresenta uma síntese histórica dos periódicos selecionados para análise nesta pesquisa e ajuda-nos a compreender a formação das políticas e linhas editoriais adotados por eles.

Quadro 3 – Síntese histórica dos periódicos

PERIÓDICO	ANO DE CRIAÇÃO	SÍNTESE HISTÓRICA
Gazeta de Notícias	02 de agosto de 1875	Periódico fundado em 2 de agosto de 1875, por José Ferreira de Sousa Araújo. Inicialmente, a Gazeta de Notícias era dirigida por três diretores associados: além do fundador, chefiavam o jornal Henrique Chaves e Emanuel Carneiro. Este veículo foi responsável por introduzir uma série de inovações na imprensa brasileira. O clichê das caricaturas e da técnica de entrevistas foi um dos seus repertórios, e ambos o tornaram um dos principais jornais da Capital Federal durante a República Velha. No momento de sua fundação, a luta pela abolição da escravidão e pela Proclamação da República foi uma de suas marcas (Alonso, 2015).

O Paiz	01 de outubro de 1884	O Paiz foi um periódico matutino publicado no Rio de Janeiro, fortemente associado aos movimentos pela deposição da monarquia no Brasil, ao abolicionismo e ao Partido Republicano. Fundado pelo imigrante português João José dos Reis Júnior, mais tarde agraciado com o título de Conde de São Salvador de Matosinhos, circulou desde 1 de outubro de 1884 até a Revolução de 1930. Seu primeiro redator-chefe foi Rui Barbosa, que, após apenas três meses no cargo, foi substituído por Quintino Bocaiúva (1836-1912), então presidente do Partido Republicano, e que Werneck Sodré afirmou ter comprado o jornal em 1887, permanecendo como redator até 1889, quando sai do jornal para assumir seu primeiro mandato como senador. Bocaiúva supostamente vende o jornal em 1902, através de processos financeiros obscuros, para outro imigrante português, João de Sousa Lage (Sodré, 1966).
Correio da Manhã	15 de junho 1901	O Correio da Manhã foi um periódico brasileiro que em sua primeira fase foi publicado no Rio de Janeiro, entre 15 de junho de 1901 e 8 de julho de 1974. Fundado por Edmundo Bittencourt, vangloriava-se por dar ênfase à informação em detrimento da opinião. Caracterizou-se por fazer oposição a quase todos os presidentes brasileiros no período, razão pela qual foi perseguido e fechado em diversas ocasiões, e os seus proprietários e dirigentes, presos. Na época de sua criação, o jornalismo carioca era acusado de estar a serviço do governo, subordinado ao presidente e sem independência, e as frequentes acusações de jornalistas recebendo suborno reforçavam esse quadro. Desde seu nascimento, o Correio da Manhã se posicionou contra as Oligarquias e a favor dos direitos do povo (Correio da Manhã, 2001).
A Noite	18 de julho de 1911	Jornal carioca diário e vespertino, fundado em 18 de junho de 1911 e extinto em 27 de dezembro de 1957. Em virtude de desentendimentos com a direção da Gazeta de Notícias, da qual era secretário-geral, Irineu Marinho decidiu abandonar seu cargo e, juntamente com mais 13 companheiros, fundar um novo jornal. Em 1925, Irineu afastou-se da direção do jornal, sendo sucedido por Geraldo Rocha. Marinho estava na Europa quando soube do plano de Geraldo para torná-lo acionista minoritário na empresa. Assim, desligou-se dela e fundou O Globo (Abreu 1984).

Fonte: Autor, 2025.

A história dos periódicos utilizados nessa pesquisa demonstra a pluralidade em relação à (não) oferta de apoio da imprensa ao governo da época. Entretanto, se faz necessário observá-la mais atentamente, considerando as diferentes linhas editoriais dos jornais, a fim de que seja possível também compreender a intencionalidade de cada veículo de comunicação implícita em cada um dos registros noticiosos publicados em suas páginas.

Quadro 4 – Linha e política editorial

PERIÓDICO	FUNDAÇÃO	EDITOR-RESPONSÁVEL	TENDÊNCIA DA LINHA e POLÍTICA EDITORIAL
Gazeta de Notícias	02 de agosto de 1875	Cândido de Campos	Situacionista
O Paiz	01 de outubro de 1884	João Lage	Situacionista
Correio da Manhã	15 de junho 1901	Leão Veloso	Oposicionista
A Noite	18 de julho de 1911	Irineu Marinho	Oposicionista

Fonte: Labriola, 2021 e Abreu, 1984

Por meio das tendências das linhas e políticas editoriais, as empresas jornalísticas evidenciam seu direcionamento político e atendem, em parte, ao objetivo da imprensa de oferecer esclarecimento aos seus leitores, facilitando a compreensão das posturas assumidas na prática da elaboração narrativa, ao assumir o tradicional status de veículo de informação.

Nesse sentido, o enquadramento de um jornal como situacionista ou como oposicionista facilita a apreensão do viés ideológico embutido nas informações noticiadas, e a percepção do seu (não) alinhamento com os objetivos dos representantes do poder político em exercício naquele período histórico. Por isso, pode-se dizer que, ao optar por utilizar periódicos com linhas editoriais antagonistas, o viés de análise do historiador não será comprometido, pois possibilitará refletir sobre os registros publicados por grupos distintos ao invés de apresentar uma versão do que foi noticiado (Azevedo, 2009).

Como foi visto, havia conflitos políticos internos e externos às redações. Ao se estudar os periódicos de maior ocorrência (*Correio da Manhã* e *O Paiz*) é possível verificar a diferença ideológica estabelecida em suas linhas e políticas

editoriais, já que o jornal Correio da Manhã é declaradamente oposicionista, enquanto o jornal Paiz pode ser lido como situacionista.

O Quadro 5 demonstra que, nos anos de 1920, os valores praticados pelos periódicos se assemelhavam. Dessa forma, entende-se que o valor pago pela unidade de uma edição não era o fator de seleção adotado pelo público-alvo, e que a relação de aproximação entre o leitor e os ideais do jornal (seu alinhamento ou não com o governo) fosse mais relevante na tomada de decisão sobre a compra.

Quadro 5 – Valores e periodicidade

PERIÓDICO	VALOR UNITÁRIO	VALOR ASSINATURA	PERIODICIDADE DA PUBLICAÇÃO
Gazeta de Notícias	1\$00	16\$000 semestral 30\$000 anual	Diário
O Paiz	1\$00	3\$000 mensal 10\$000 semestral 30\$000 anual	Diário
Correio da Manhã	1\$00	15\$000 semestral 30\$000 anual	Diário
A Noite	1\$00	16\$000 semestral 30\$000 anual	Diário/Vespertino

Fonte: Autor, 2025.

Em busca de aproximar os valores do jornal de 1920 da compreensão do leitor contemporâneo, convém lembrar o valor da xícara do cafezinho, que na mesma época passou de 100 para 200 réis, passando a custar mais que o jornal (Estadão, [sd]).

Dentro desse contexto, outro fator que salta à atenção está relacionado à condição do analfabetismo da época, visto que 71,20% da população brasileira, correspondente ao total de 18.549.085 indivíduos com 5 anos ou mais, era analfabeto (Gil, 2022).

Tendo isso em vista, é possível depreender o tipo de público que tinha acesso ao jornal, dada a sua acessibilidade, facilitada pelo baixo custo. No entanto, é importante ressaltar que a predominância da publicação de tipologias

jornalísticas mais complexas e sem ilustrações, em detrimento daquelas mais objetivas e ilustradas, evidencia o interesse desses mesmos jornais em atrair outros tipos de leitores, mais críticos e escolarizados.

3.3 Tipologia das matérias veiculadas nos periódicos

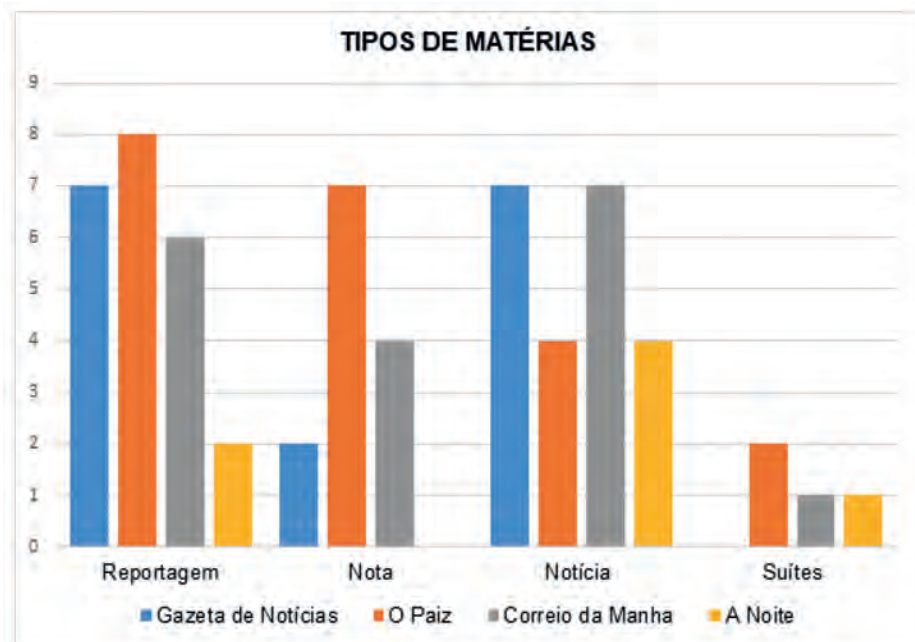
Uma vez estabelecido o *corpus* de análise documental elencado, isto é, feita a seleção que somou 62 registros noticiosos, foi necessário tipificar as matérias escolhidas para posteriori análise do conteúdo, visto que a tipologia pode diferenciar a intencionalidade com que se produziu o texto bem como o viés ideológico imposto nele por parte dos intelectuais. Afinal, para autores como Sevcenko (1989), a sociedade recebe o conteúdo da forma que os editores desejam para serem consumidos.

A identificação das tipologias das matérias jornalísticas permite a constatar o rigor intelectual com que se produziam as notícias e também o público-alvo almejado por cada veículo. A ausência de suítes no periódico *Gazeta de Notícias*, por exemplo, reflete sua preocupação em transmitir a mensagem para leitores que não possuíam poder de compra para consumir jornais diariamente.

Pessoas com maior nível sócio-político-econômico e cultural tendiam a dar preferência à compra de jornais em que prevalecessem tipologias complexas. Nesse sentido, a ausência de notas identificadas no periódico *A Noite* permite inferir que esta era uma estratégia de diferenciação adotada pelo veículo para investir na atração de um público superior intelectualmente.

É possível visualizar no Gráfico 1 o número de ocorrências de cada tipo de matéria.

GRÁFICO 1 - Tipos de matérias 1920-1922



Fonte: Autor, 2025.

A leitura do gráfico demonstra a predominância da opção dos jornais por matérias do tipo reportagem, seguida do tipo notícia, nota e suítes, respectivamente. As matérias do tipo reportagem e notícia registram 72,57% das ocorrências, o que denota atributos de valor e rigor intelectual a esses periódicos, já que se trata de textos mais longos e complexos, priorizados em relação aos tipos mais objetivos e curtos. O gráfico também indica que a *Gazeta de Notícias* tem 7 reportagens, 7 notícias e 2 notas. *O Paiz* somou 8 reportagens, 4 notícias, 7 notas e 2 suítes. No *Correio da Manhã* foram contadas 6 reportagens, 7 notícias, 4 notas e 1 suíte. E, por fim, no jornal *A Noite* foram identificadas 2 reportagens, 4 notícias e 1 suíte.

3.4 Conteúdo das matérias jornalísticas

Conforme Barros (2023), o jornal é uma força política e um agente capaz de interferir ativamente no rumo do país que se insere, em razão da intencionalidade posta nos discursos veiculados por ele, por meio dos quais influencia a opinião pública e ajuda a formar a memória coletiva. O Quadro 6, a seguir, apresenta um panorama cronológico do que foi registrado nos jornais analisados ao longo do ano de 1920.

Quadro 6 – Conteúdo das matérias jornalísticas

PERIÓDICO	DATA	EDIÇÃO	SÍNTESE DA MATÉRIA JORNALÍSTICA
Gazeta de Notícias	07/01/1920	00007	O governo espanhol está tomando medidas para impedir que a epidemia da gripe espanhola se alastre, como o fechamento de escolas. Pág. 1
Gazeta de Notícias	08/01/1920	00008	O Dr. Newton de Campos, inspetor sanitário, foi visitar os navios que apresentavam passageiros doentes; ao adentrar as embarcações, fez leitura do relatório de bordo, em que consta o estado de saúde dos passageiros e tripulação. Tendo tomado posse das informações, procurou o diretor, Dr. Carlos Chagas, que decidiu encaminhar os pacotes para o Lazareto da Ilha Grande. Pág.1
Gazeta de Notícias	08/01/1920	00008	Autoridades sanitárias tomaram precauções a respeito do caso pacote “Malte” que entrou na Guanabara com “hespanholados”. O “Malte” trouxe casos de gripe sob as mais perigosas formas e foi para Lazareto, mas o isolamento, por si, não implica no salvamento coletivo de uma nova incursão da gripe hespanhola. Não devemos, portanto, nos surpreender se daqui para frente outros navios nas mesmas condições entrarem em nosso porto. Seria inconveniente a repetição nesta quadra de carnaval, pois outra vez produziu inúmeros malefícios, imagine agora com as ruas cheias de carnavalescos e de calor extremo. Pág.1
A Noite	08/01/1920	02901	Vapor francês é encaminhado ao Lazareto para desinfecção. Foram encontrados 11 doentes a bordo, alguns em estado grave, e 2 óbitos. O Dr. Carlos Chagas foi à Ilha Grande e levou uma equipe de enfermeiros e desinfetadores. Pág.4

A Noite	12/01/1920	02905	Um novo pacote em péssimas condições sanitárias fundeu o porto depois do Malte e do Plata, o Garonna. Advindo de Bourdeaux, trouxe doentes e foi encaminhado ao Lazareto, onde recebeu a visita do inspetor da Saúde do Porto, Dr. Newton de Campos. O capitão, Biemont Abel, fez declaração por escrito informando a data de saída da França e os locais em que fez escala. No verso do documento consta também a relação de passageiros, com a data dos óbitos. Pág.4
Correio da Manhã	13/01/1920	07624	Paquete francês, advindo de Bordeaux, foi visitado pelo inspetor da Saúde do Porto, Dr. Newton de Campos. O capitão, sr. Blemont Abel, informou que fez escala na cidade de Vigo, Espanha, e em outras cidades, embarcando e desembarcando passageiros e mercadoria, e também que houve óbitos durante a viagem, em decorrência de Tifo, sendo encaminhado ao Lazareto devido sua escala na cidade de Vigo. Pág. 3
O Paiz	13/01/1920	12878	Apesar de inúmeros telegramas terem chegado ao Brasil informando a situação de epidemia de gripe espanhola em outros países ao redor do mundo, no ano de 1920, o cenário caótico se repete, após navios com pacientes doentes atracarem em terras brasileiras. O serviço de higiene e profilaxia precários da época aumentam o risco de contaminação. Pág. 3
Gazeta de Notícias	14/01/1920	00014	O diretor do lazareto da Ilha Grande, Dr. Alvim, recebeu ontem telegrama do Dr. Carlos Chagas informando a chegada do navio francês "Garonna". Foi mandado que o navio desembarcasse nessa ilha, pois os passageiros haviam sido atacados pela moléstia suspeita. Também foi solicitada o envio urgente de material de expurgo e itens necessário são tratamento dos doentes. O Dr. Carlos Rohr se dirigiu ao local para examinar os doentes. Dr. Carlos Chagas estabeleceu para o "Garonna" o mesmo processo aplicado ao "Malte". Após rigoroso expurgo, deixarão os passageiros em quarentena, no Lazareto. Pág. 4

A Noite	14/01/1920	2907	O diretor de saúde pública, Dr. Carlos Chagas, foi procurado pelo jornal para falar sobre o "Garonna". Chagas informou que o médico bacteriologista, Dr. Carlos Rohr, declarou que os enfermos do navio francês não possuíam nenhuma moléstia contagiosa. Pág. 2
Correio da Manhã	15/01/1920	07626	O médico bacteriologista do Lazareto da Ilha Grande afirma que nenhum dos passageiros do "Garonna" foram atacados por doença infectocontagiosa, portanto está afastada a ameaça da gripe espanhola. De qualquer modo, o pacote foi submetido a uma rigorosa desinfecção. Pág. 2
Correio da Manhã	15/01/1920	07626	Informações enviadas pelo Dr. Carlos Rocha ao Dr. Carlos Chagas relatam que nenhum dos passageiros doentes do Garonna foi acometido por tifo ou gripe espanhola. O Pacote francês permanece no Lazareto para realização do expurgo. Pág. 5
Correio da Manhã	16/01/1920	07627	A Saúde do Porto interditou mais um pacote advindo de portos espanhóis, no qual havia uma mulher apresentando sintomas de meningite cérebro-espinal, por precaução, devido aos casos epidêmicos registrados na Espanha, com o intuito de diminuir a probabilidade de infecção na cidade do Rio de Janeiro. O navio foi encaminhado ao Lazareto da Ilha Grande para verificações sanitárias. Pág. 2
O Paiz	20/01/1920	12885	O Dr. Carlos Chagas entra em conferência com o senhor Ministro a fim de discutir providências sanitárias que serão tomadas sobre o pacote Aurigny, que estava no Lazareto para desinfecção, por ter trazido passageiros com Gripe Espanhola. Uma das medidas aprovada foi a permanência desse na ilha até o próximo sábado para completa realização do expurgo. Pág. 3
A Noite	21/01/1920	02914	Epidemia da gripe espanhola está se alastrando pelo norte da França e Bélgica. Pág. 1

Correio da Manhã	22/01/1920	07633	<p>Em face ao reaparecimento da gripe espanhola em vários países, que pavorosamente lavrou essa capital há quinze meses, o governo resolveu tomar medidas rigorosas para que todos os navios suspeitos sejam encaminhados para o Lazareto, na Ilha Grande.</p> <p>Uma modificação dos ritos, implementada pelo Dr. Carlos Chagas, determina que o médico da saúde dos portos adentrasse os navios e verificasse, por meio de rigorosa inspeção sanitária, as condições de saúde vigentes ali. Aqueles em que ficasse comprovada a ausência de risco de contaminação receberiam dispensa da desinfecção. Pág. 1</p>
Correio da Manhã	22/01/1920	07633	<p>É oficialmente anunciado o aparecimento da gripe espanhola em três campos do exército no estado de Illinois, EUA, atacando preferencialmente soldados norte-americanos que estiveram na Europa. Foram registrados, nas últimas 24h, 1.887 novos casos. Pág. 3</p>
Gazeta de Notícias	26/01/1920	00026	<p>Não há como dissimular que a gripe espanhola ameaça novamente o Brasil, pois a epidemia apresenta recrudescência em vários países com os quais possui permanente comunicação.</p> <p>O governo declarou que, em comparação à epidemia de 1918, o país está melhor organizado e mais capaz de se equipar devidamente para combater a moléstia. As autoridades sanitárias inclusive já tomaram medidas para evitar contaminação no país.</p> <p>Alguns médicos afirmam que a gripe espanhola dificilmente se reproduz nos mesmos lugares e intensidades. Ainda que discute o aparelhamento do serviço profilático da cidade é insuficiente. Os obituários vão revelando a existência no Rio de Janeiro de moléstias epidêmicas e infecciosas que zombam do zelo da higiene pública e das autoridades sanitárias, peste bubônica. Solicitando que o governo não espere os efeitos desastrosos para determinar as medidas profiláticas. Pág.1</p>

Gazeta de Notícias	26/01/1920	00026	Os navios empestados estão a exigir medidas drásticas. A Argentina pode ser visitada pelos transatlânticos depois que são desinfetados no Lazareto da ilha grande. A Europa está assolada por epidemias. Vindo de Southampton, o paquete Darro chegou e a informação recebida era que seguiria diretamente para Lazareto, por causa de casos de gripe espanhola. Dr. Sardinha, inspetor sanitário marítimo, soube que durante a viagem faleceram 2 passageiros na enfermaria onde 13 enfermos lutavam contra a gripe espanhola. Quando "Darro" já estava ancorado no porto, já haviam sido tomadas as providências para encurtar a estadia no nosso porto, para seguir logo após com seus 800 passageiros para Lazareto. Pág.3
O Paiz	27/01/1920	12892	Os relatórios do serviço de saúde pública dos Estados Unidos informam que a Gripe Espanhola já foi registrada em 20 estados, embora ainda não seja considerada de natureza epidêmica. Os médicos admitem que a vacina para o combate é completamente sem valor, ainda se registra o número de casos e óbitos em Nova York e Chicago e fazem apelo solicitando enfermeiras voluntarias em todo o país para o combate à epidemia. Pág. 2
Correio da Manhã	27/01/1920	07638	Conferência realizada entre os Drs. Carlos Chagas e Alfredo Pinto no Ministério do Interior, para discutir sobre a temática da invasão da gripe espanhola, sendo acordada medidas para evitar novamente o flagelo na capital. Dentre as medidas estão a instalação de hospital provisório para atendimento de qualquer surto da gripe espanhola, a conclusão das obras do Lazareto, realização do expurgo dos navios advindos de portos infectados, que trazem doentes e continuar com a desinfecção das malas postais. Pág. 3

O Paiz	27/01/1920	00027	O navio "Aurigny", que esteve em Lazareto por 9 dias, foi visitado. Após esse tempo, os mantimentos e a água acabaram, e então foi permitida sua vinda ao Porto para abastecer-se e desembarcar os passageiros, entre os quais estavam o general Gamelin e os demais militares da missão francesa para o exército. O Dr. Almeida Nunes, inspetor sanitário, afirmou que o estado sanitário estava satisfatório, como afirmava também o General Gamelin. Dr. Almeida Nunes aceitou a informação, mas perguntou sobre 3 passageiros que foram atacados pela gripe, o que bastou para interditar o "Aurigny", que foi mandado para a boia de isolamento ao nordeste da Ilha das Enxadas por 3 dias. Pág. 3
A Noite	28/01/1920	02921	O Dr. Carlos Chagas, diretor do DNSP, resolveu adotar medidas enérgicas para evitar o alastramento da gripe espanhola no Brasil, para evitar que se repita o cenário visto em 1918. Pág. 3
O Paiz	29/01/1920	12894	Os relatórios mostram que a epidemia de influenza continua se espalhando por todo país, e divulgam números de novos casos e óbitos. O Departamento de Saúde Pública dos Estados Unidos declarou investimento de 500 mil dólares em estudos para descobrir as causas da doença e meios efetivos de evitar a propagação. Também é mencionada a preocupação da Europa e da Ásia, já que na Espanha foi proibido o embarque de emigrantes procedentes de locais contaminados. Pág. 2
Gazeta de Notícias	29/01/1920	00029	O "Veenbergen" recebeu o batismo de pólvora seca. Com a chegada dos navios empestados, a saúde pública adotou medidas eficientes, mas algumas situações escapam ao ideal desejado, como aconteceu ontem, na chegada do navio norueguês. Foi acordado entre o diretor da Saúde Pública e o Ministro das Marinas que os navios portadores de epidemias não se misturassem com os demais. Pág.3
O Paiz	30/01/1920	12895	Médico Parisiense relata ter tido numerosas curas de gripe espanhola graças a aplicação de Serum desenvolvido pelo Instituto Pauster, e o departamento de saúde pública dos Estados Unidos informa que o percentual de mortes é inferior a 1918. Pág. 2

O Paiz	31/01/1920	12896	A Epidemia continua a se alastrar pelos Estados Unidos, devido a apresentação mais branda os doentes não estão procurando os médicos, ainda foi apresentado os números de casos de Nova York e informado o decréscimo de novos casos. Pág. 1
O Paiz	31/01/1920	12896	A situação internacional é grave, com vários países da Europa e Estados Unidos sendo assolados pela gripe espanhola. Os navios que aportam precisam apresentar atestado sanitário. A reorganização do serviço de saúde pública sugere a ampliação de unidades de 3 Lazareto no litoral para dar suporte às cidades marítimas, e a matéria ainda informa que a direção do serviço de saúde pública está confiada a quem mais inspira segurança, Dr. Carlos Chagas. Por fim, relatam-se as medidas de profilaxia como meio mais eficaz para que o mal importado dos oceanos não assole novamente o país. Pág.3
O Paiz	31/01/1920	12896	O médico francês Dr. Folley escreve sobre a cura da gripe espanhola pela aplicação de um soro anti-praga. Pág.1
Gazeta de Notícias	02/02/1920	00033	O que aconteceu com o navio Almanzora da mala Real inglesa, mostrou as intenções criminosas de alguns comandantes e médicos de navios, que colocam interesses comerciais das empresas que servem. O Almanzora chegou às 8h da manhã, o inspetor Dr. Lopes Machado, recebido pelo médico de bordo Dr. J.M. Renton. O estado sanitário informado era bom. Mas sabendo da Astúcia De alguns médicos e comandantes, que é quanto o inspetor está na câmara, mandam ocultar doentes, o Dr. Lopes Machado dirigiu para a 3° classe, onde tomou conhecimento de mais de 50 pessoas tossindo. O Dr. Lopes Machado mandou o navio para o Lazareto logo que recebessem água e comestíveis. Essa atitude desgostou os representantes da Maia Real, o próprio embaixador inglês foi a Saúde do Porto dizer que queria ir aí Almanzora e contrariou-se por não ter sido atendido. Pág.3
O Paiz	03/02/1920	12899	Na Dinamarca foram hospitalizados 300 pacientes gripados, e em 22 horas houve 22 mortos, a moléstia se alastrar pela Dinamarca. Pág.1

Correio da Manhã	04/02/1920	07646	Passageiros do paquete Benevete reclamaram do envio da embarcação para o Lazareto, alegando não ter casos a bordo. O diretor de Instrução Pública oficializou junto ao prefeito que não poderá ceder a Escola Deodoro para instalação de posto hospitalar no caso de aparecimento da gripe espanhola. Pág.3
O Paiz	04/02/1920	12900	A epidemia da gripe espanhola reapareceu nos Estados Unidos, Espanha, Dinamarca, Portugal e outros países. O médico Brasileiro Dr. Irineu Malagueta, previu em dezembro de 1919, um possível surto no Brasil entre os meses de janeiro e fevereiro de 1920, informando que as medidas do DNSP não seriam suficientes a população precisa auxiliar para evitar a propagação. Pág. 3
Correio da Manhã	05/02/1920	07647	Aparecimento de 15 casos na ilha das Enxadas, o serviço de saúde pública impôs medidas rigorosas a ilha tornando-a incomunicável e sendo necessário a desinfecção da ilha. A Capital do Estado do Rio de Janeiro, a cidade de Niterói, apresentou 2 casos suspeitos, sendo descartados depois do atendimento no hospital Paula Candido. O Dr. Carlos chagas solicitou reabertura da escola Deodoro como hospital em caso de extrema necessidade, havendo tempo, para não atrasar o início das aulas outro edifício será utilizado. Pág. 3
Gazeta de Notícias	05/02/1920	00036	O hospital provisório foi montado na Escola Deodoro, na previsão da epidemia se alastrar, a diretoria de Instrução Municipal demonstra preocupação em relação ao início das aulas nessa escola, providenciando a escolha de outros locais para abrigar o hospital provisório. Pág. 3

A Noite	06/02/1920	02929	Em visita as embarcações o inspetor de saúde identificou um caso suspeito de um adolescente da terceira classe do transatlântico italiano com quadro de febre alta e broncopneumonia, impossibilitando o desembarque na cidade do Rio de Janeiro. O diretor Dr. Carlos Chagas foi pessoalmente inspecionar o local destinado aos sitiados do transatlântico, Ilhas das Flores, durante a visita informou que criará um hospital flutuante. Recebeu a notícia do primeiro óbito de gripe na Santa Casa de misericórdia, descartada gripe espanhola, posteriormente. Pág.2
O Paiz	06/02/1920	12902	O governo deseja tomar medidas extraordinárias como construção de hospitais de madeiras e transformar escolas públicas em enfermarias, com o intuito de evitar nova epidemia, entretanto ainda não tomou a decisão de proibir a aglomeração, apresentando múltiplos casos de pessoas acometidas pela gripe espanhola. Pág. 4
Gazeta de Notícias	06/02/1920	00037	Nenhuma novidade na capital Niterói sobre a epidemia que acometia desde outubro de 1918, o Dr. Carlos Seidl, se mostrou desorganizado, o que possibilitou a entrada do dr. Carlos Chagas no combate à epidemia, com as medidas de profilaxia imposta por ele foi possível diminuir o avanço da epidemia nos anos seguintes. Pág. 1
O Paiz	07/02/1920	12903	O serviço de saúde pública dos Estados Unidos informou que na semana que findou no dia 31 de janeiro foi registrado mais de 100 mil casos e Nova York teve aumento dos seus casos de 5 mil para 30 mil. Pág. 2
Correio da Manhã	07/02/1920	07649	Ajudante de motorista da assistência sente sintomas de gripe espanhola e teve que abandonar o serviço por se achar doente. Pág 3
O Paiz	08/02/1920	12904	O serviço de saúde pública dos Estados Unidos calcula em 700 a 800 mil casos de influenza espanhola, embora os relatórios anunciem 300 a 400 mil casos atingindo o auge da epidemia. Pág. 2

Gazeta de Notícias	08/02/1920	00039	É descrito sobre a organização da Escola Deodoro, permanecendo no segundo andar os materiais escolares, e disposto no primeiro andar o hospital provisório com 132 leitos podendo ser capaz de acomodar 200 camas. Pág.3
O Paiz	10/02/1920	12906	O comissário de saúde declarou que a epidemia de influenza terminará no fim desta semana os números de novos casos e óbitos vem diminuído em relação as semanas anteriores. Pág. 1
O Paiz	10/02/1920	12906	Elogia-se a forma de trabalho do serviço sanitário federal, dirigido pelo Dr. Carlos Chagas, apesar dos problemas financeiros e estruturais de pessoas, as medidas estão sendo adotadas, embora careça de melhores condições científicas, estão sendo satisfatória, com exceção ao processo de desinfecção dos navios, pois a morosidade prejudica todos os demais serviços. Pág. 3
Correio da Manhã	11/02/1920	07653	O DNSP continua empenhado em prevenir a população contra a epidemia da gripe espanhola, o inspetor de profilaxia visitou os soldados que achavam estar acometidos com a doença, identificado que não havia sintomas referente a moléstia. O diretor da Instrução Publica disponibilizou o prédio de duas escolas para servirem de hospital, o DNSP irá utilizar o pacote Brasil como hospital flutuante. Pág. 3
O Paiz	11/02/1920	12907	O serviço sanitário continua praticando com rigor suas ações para evitar a propagação da gripe espanhola, apesar de termos o carnaval e a chuva contra nós. Entende-se que a epidemia não será tão mortífera quanto a ocorrida em 1918, necessitando ampliar o Lazareto da Ilha Grande para poder ter capacidade suficiente de atender os navios que chegam de todas as partes do mundo. Pág. 3
O Paiz	14/02/1920	12910	O serviço de saúde pública dos Estados Unidos informa que a epidemia passou seu cume e agora declina. Calcula-se que a média de mortandade seja a metade da somada em 1918. Pág. 2
O Paiz	14/02/1920	12910	Preparação para o início do carnaval do ano de 1920, data que faz com que a população esqueça de todos os aborrecimentos e vivam a utopia de ser feliz. Pág. 6

Correio da Manhã	14/02/1920	07656	Dr. Carlos Chagas está evitando que a gripe espanhola domine a cidade, sem fazer promessas que possam falhar, mesmo que não conheçam a profilaxia direta, a população está confiante. Tudo induz a crer que, as medidas rigorosas aplicada nos portos tem proporcionado o não alastramento da epidemia. Pág. 2
Gazeta de Notícias	17/02/1920	00048	Os casos de gripe espanhola decrescem, sendo uma boa notícia tendo em vista que o carnaval se aproxima. Com a mobilização do serviço de saúde a epidemia não se alastrou, na última semana houve diminuição do número de óbitos. Pág. 6
O Paiz	29/02/1920	12925	Explicação da origem da gripe espanhola como consequência de gases asfixiantes e tóxicos empregados durante a guerra nas trincheiras da Europa. Pág. 4
Correio da Manhã	08/03/1920	07678	Gripe espanhola está se espalhando entre as forças do exército com mais de mil novos casos em Stockolmo. Pág. 1
Correio da Manhã	09/03/1920	07679	No hospital provisório da Vila Miliar, onde se encontram 50 soldados internados, ocorreram 2 casos de óbito por gripe espanhola. No hospital Central do Exército, 44 soldados estão acometidos pela gripe. Em conferência, o Ministro Dr. Alfredo Pinto informou que está quase extinta a gripe nesta capital. Pág. 3
Gazeta de Notícias	13/03/1920	00072	A gripe espanhola não apresenta tanta importância nos obituários, na última semana de fevereiro de 1920 mortalidade de outras doenças, como a tuberculose foi maior que a espanhola. Pág. 2

A Noite	04/03/1920	02964	Dr. Moncorvo Filho manifesta suas impressões sobre a reorganização do serviço de saúde pública, descrevendo-a como práticas confusas e os métodos de higiene, deploráveis. devido os conflitos de jurisdição entre a Diretoria de Saúde Pública e a Higiene Municipal. Em decorrência da gripe espanhola que devastou esse território o povo teve a nítida impressão do descaso do poder público, graças aos postos da iniciativa particular o resultado não foi pior, Descreve ainda que, pelo conhecimento do Ministro Alfredo Pinto espera que o processo de regulação seja melhor, tendo em vista que, todo dinheiro gasto em higiene resulta em riqueza para a nação, entretanto há críticas sobre a taxação dos jogos de azar licenciados que irão custear a profilaxia rural, pois foi decidido 15% ao invés de 50%. Pág. 1
O Paiz	15/03/1920	12940	A gripe espanhola, que ameaçou recrudescer em caráter epidêmico no Brasil, foi contida pelas medidas da Diretoria Geral de Saúde Pública, sem que a ameaça tivesse maior repercussão. Entretanto, nos Estados Unidos a gripe assolou a população devastadoramente, causando alto índice de mortes. Pág. 4
Correio da Manhã	22/03/1920	07692	No início desse ano, a prefeitura cedeu a escola Deodoro para instalação do hospital provisório. Uma vez que a previsão epidêmica não se concretizou, a Diretoria de Instrução Pública solicitou o desmonte das instalações hospitalares com a finalidade de retornaras atividades escolares. Pág. 4
Gazeta de Notícias	26/02/1921	00056	O serviço de higiene municipal foi conhecido por muito tempo como departamento perfeitamente organizado enquanto esteve sob a gestão do Dr. Emílio de Miranda, após a entrada do Dr. Adalberto Ferreira houve um completo desmonte na organização do departamento, durante sua gestão diminui o número de médicos de plantão no posto do campo de Sant'Anna. Pág. 1

Correio da Manhã	31/08/1021	08216	O Dr. Moura Lacerda reafirma sua corrente partidária, isto é, o republicanismo, em carta aberta na qual também afirma “não viver da pátria”, defende sua trajetória como professor de fisioterapia integral e declara não tolerar a perseguição criminosa do DNSP, devido aos pensamentos divergentes relacionados à autocura-física. O doutor também protesta contra a indústria farmacêutica, contra o senado (por não dar voz às suas ideias desde 1918) e encerra afirmando que o DNSP conhece seus métodos de cura e que nunca perdeu nenhum paciente acometido pela gripe espanhola. Pág. 7
Gazeta de Notícias	01/01/1922	00001	Correspondentes dos jornais londrinos comunicam que a epidemia da gripe espanhola se alastra rapidamente na Alemanha, muitos dos acometidos morrem 48h depois de identificada a contaminação. Pág. 3
O Paiz	01/01/1922	13587	Correspondentes dos jornais londrinos comunicam que a epidemia da gripe espanhola se alastra rapidamente na Alemanha, muitos dos acometidos morrem 48h depois de identificada a contaminação. Pág. 2
Correio da Manhã	03/02/1922	08372	A gripe espanhola está assolando a Europa e os Estados Unidos, e a população e o jornal questionam o que a saúde pública tem feito para proteger o país do mesmo problema. O presidente Epitácio Pessoa é descrito como um homem de azar, porque múltiplas doenças precisaram ser combatidas durante o seu mandato. Pág. 2
Correio da Manhã	04/02/1922	08373	Em Conferência com o presidente, em Petrópolis, o Dr. Carlos Chagas informa que não foi oficialmente notificado sobre os casos de gripe espanhola na Europa e nos Estados Unidos, e afirma que o mesmo erro de comunicação não se repetirá, nem será repetido o cenário visto em 1918, uma vez que a saúde pública se encontra mais preparada, e informa novas imposições sanitárias rigorosas para os navios advindos de países com casos de gripe espanhola. Pág. 2

Fonte: Autor, 2025.

A apresentação do resumo das matérias jornalísticas por ordem cronológica, no Quadro 6, facilita a construção de um panorama sequenciado acerca do processo de notificação sobre a gripe. Ao realizamos os resumos objetivamos aproximar o leitor do que ocorreu e como os fatos se deram à época, ao trazer indícios dos interesses político-sociais apresentados aos leitores no sentido de informação e formação de opinião.

Os registros noticiosos selecionados foram marcados pelo protagonismo de algumas autoridades públicas que desempenharam um papel importante no gerenciamento da crise sanitária. O Quadro 7 elenca essas personalidades e apresenta sobre elas uma breve biografia.

Quadro 7 – Biografia das autoridades brasileiras citadas nas matérias jornalísticas

AUTORIDADE	QUANTIDADE DE MATÉRIAS RELACIONADAS	BIOGRAFIA
Alfredo Pinto Vieira de Melo	02	Filho do Coronel João Vieira de Mello e Silva e D. Maria Pinto Vieira de Mello, nasceu em 20 de junho de 1863, na cidade do Recife, Pernambuco. Formado em Ciências Jurídicas e Sociais na Faculdade de Direito da referida cidade, onde recebeu o grau de Bacharel, em 1886. Professor da Faculdade Livre de Ciências Jurídicas e Sociais do Rio de Janeiro e advogado na Capital Federal, convidado pelo Dr. Epiácio Pessôa, para o cargo de Ministro da Justiça e Negócios Interiores, aceitou o cargo, sendo nomeado em decreto de 28 de julho de 1919. Em outro decreto da referida data, foi nomeado Ministro interino da pasta da Guerra, que exerceu até 3 de outubro seguinte, quando assumiu o cargo o Dr. João Pandiá Calógeras (Porto, 2007).

Adalberto Ferreira	01	<p>Filho de Florinda Mendonça Loureiro Ferreira e Bernardino Ferreira da Silva, nomeado Ministro do Supremo Tribunal Federal em 1894, Adalberto Ferreira da Silva nasceu em São Paulo, no dia 28/04/1878. Foi casado por dezesseis anos com Wanda Pacheco Ferreira, com quem teve dois filhos. Em 1902, formou-se pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Seis anos mais tarde, ingressou na Inspetoria de Assistência Pública do Distrito Federal no cargo de subcomissário. Com a inauguração do Posto Central de Assistência Pública em 1907, Adalberto Ferreira foi nomeado médico da unidade de saúde. O Posto Central, instalado na Rua Camerino nº 33, foi a primeira unidade pública municipal de pronto-socorro. No mesmo ano, chegou a assumir o posto de comissário de higiene durante o impedimento do titular, Alberto de Paula Rodrigues. Em seguida, atuou como médico do Posto Central de Assistência Municipal. Foi promovido a Diretor de Higiene e Assistência Pública em 30/10/1919, na gestão de Sá Freire Alvim (1919-1920), tendo permanecido no cargo até 07/06/1920 (Vaz, [sd]).</p>
Carlos Justiniano Ribeiro Chagas	22	<p>Filho do cafeicultor José Justino Chagas e Mariana Cândida Ribeiro de Castro, nascido em 9 de julho de 1878, na cidade de Oliveira, Minas Gerais. Aos 18 anos ingressou na Faculdade de Medicina no Rio de Janeiro, onde, em 1901, foi recrutado para combater a malária que atacava vários trabalhadores na região de Santos-SP.</p> <p>Em 1903, concluiu sua tese intitulada O ciclo evolutivo da malária na corrente sanguínea. Dois anos depois, foi contratado por Oswaldo Cruz para a missão de controlar a epidemia da doença que assolava o município de Itatinga-SP.</p> <p>Em 1918, diante do surto de gripe espanhola que contaminou dois terços da população no Rio de Janeiro, Carlos Chagas foi chamado pelo Presidente Wenceslau Braz para controlar a epidemia. Diante da carência na assistência médica, precárias condições de higiene e de saneamento, o sanitarista instalou vários postos de atendimento médico, no Instituto Oswaldo Cruz, e incentivou a pesquisa da doença. Mediante aos resultados, instalou medidas preventivas e a infecção foi debelada (Kropf; Lacerda, 2009 e Carvalho, 2023)</p>

Carlos Arthur Moncorvo Filho	01	Nasceu no dia 13 de setembro de 1871, na cidade do Rio de Janeiro. Viveu seus primeiros anos na Europa, onde seu pai estagiava nos serviços de Pediatria dos professores Bouchut e Roger. Voltou para o Brasil aos três anos de idade. Na hora de escolher sua carreira profissional, seu pai o convenceu a estudar Medicina. Gradou-se em 1897, na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, que atualmente é uma das unidades da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Fundou o “Departamento da Criança do Brasil”, no início de 1919, instalando-o no mesmo prédio do Instituto de Proteção e Assistência à Infância do Rio de Janeiro (Freire e Leony, 2011).
Epitácio Pessoa	02	Nasceu na Paraíba, onde os pais morreram de varíola quando tinha sete anos de idade. Foi educado e criado pelo tio, Henrique de Lucena, o Barão de Lucena, então governador de Pernambuco. Ingressou na Faculdade de Direito do Recife, na qual se bacharelou em 1886. Epitácio disputou a sucessão de Delfim Moreira, vice-presidente da república que assumiu a presidência devido ao falecimento do presidente eleito Rodrigues Alves (Vizeu, 2019).
Emílio Gomes da Costa Miranda Junior	01	Nascido no Rio de Janeiro, era filho de Emílio Gomes da Costa Miranda, industrial e antigo funcionário do Tesouro Federal. Graduado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, no 5º ano do curso médico foi nomeado interno do hospital São João de Deus, da Sociedade Portuguesa de Beneficência. Em março de 1890, foi nomeado para o corpo médico do exército do Rio de Janeiro, e em 14 de novembro de 1918, foi designado para exercer interinamente o cargo de Diretor Geral de Higiene e Assistência Pública, vindo a ser nomeado titular da Diretoria em janeiro do ano seguinte. Permaneceu no cargo até 16 de outubro 1919, retornando à chefia do Distrito Sanitário, dessa vez vinculado ao Departamento.

Fonte: Autor, 2025.

Observa-se que o nome do dr. Carlos Chagas foi citado em 22 registros noticiosos. Sua participação é notória, tendo em vista seu papel de destaque no DNSP.

Em relação ao conteúdo das matérias jornalísticas, algumas localidades entendidas como instituições de saúde ou de assistência à saúde foram recorrentemente citadas, como mostra o Quadro 8.

Quadro 8 – Localidades

PERIÓDICO	DATA	PAÍS	INSTITUIÇÃO DE SAÚDE
Gazeta de Notícias	08/01/1920	Brasil	Lazareto da Ilha Grande
A Noite	08/01/1920	Brasil	Lazareto da Ilha Grande
Correio da Manhã	13/01/1920	Brasil	Lazareto da Ilha Grande
O Paiz	13/01/1920	Brasil	Lazareto da Ilha Grande
Gazeta de Notícias	14/01/1920	Brasil	Lazareto da Ilha Grande
O Paiz	14/01/1920	Brasil	Lazareto da Ilha Grande
Correio da Manhã	15/01/1920	Brasil	Lazareto da Ilha Grande
Correio da Manhã	15/01/1920	Brasil	Lazareto da Ilha Grande
Correio da Manhã	16/01/1920	Brasil	Lazareto da Ilha Grande
O Paiz	20/01/1920	Brasil	Lazareto da Ilha Grande
Correio da Manhã	22/01/1920	Brasil	Lazareto da Ilha Grande
Gazeta de Notícias	26/01/1920	Brasil	Lazareto da Ilha Grande
Gazeta de Notícias	26/01/1920	Brasil	Lazareto da Ilha Grande
Correio da Manhã	27/01/1920	Brasil	Desinfectório
		Brasil	Lazareto da Ilha Grande
Gazeta de Notícias	27/01/1920	Brasil	Ilha das Enxadas
O Paiz	30/01/1920	França	Instituto Pauster
Gazeta de Notícias	02/02/1920	Brasil	Lazareto da Ilha Grande
Correio da Manhã	04/02/1920	Brasil	Lazareto da Ilha Grande
Correio da Manhã	05/02/1920	Brasil	Ilha das Enxadas
		Brasil	Escola Deodoro
		Brasil	Hospital Paula Candido
Gazeta de Notícias	05/02/1920	Brasil	Escola Deodoro
A Noite	06/02/1920	Brasil	Hospital Paula Candido
		Brasil	Santa Casa
		Brasil	Ilha das Flores
Gazeta de Notícias	08/02/1920	Brasil	Escola Deodoro
O Paiz	10/02/1920	Brasil	Lazareto da Ilha Grande
O Paiz	11/02/1920	Brasil	Lazareto da Ilha Grande
Correio da Manhã	09/03/1920	Brasil	Hospital Provisório da Vila Militar
		Brasil	Hospital Central do Exército
Correio da Manhã	22/03/1920	Brasil	Escola Deodoro
Gazeta de Notícias	26/02/1921	Brasil	Posto Central da Assistência

Fonte: Autor, 2025.

O quadro apresenta as instituições de saúde para assistência à gripe espanhola, majoritariamente, em matérias jornalísticas brasileira, embora seja possível identificar o Instituto Pauster, França, sendo citado. Mencionados nas fontes de análise, jornais, é relevante para se elaborar inferências a respeito dos fatos noticiados, uma vez que a consciência da localidade ajuda a organizar geograficamente no discurso e na mente do leitor a difusão da doença, e também a compreender onde e se estiveram concentradas, tanto as contaminações, quanto a adoção de medidas profiláticas.

3.5 Imagens veiculadas nas matérias jornalísticas

As imagens que compuseram o *corpus* documental fazem parte das descrições das matérias jornalísticas, sendo caracterizadas, por isso, como fotojornalismo. Este é um conceito que se refere ao conjunto de imagens que estão associadas ao texto como adjuvantes, para compor o registro noticioso; mas não raramente necessita-se dessa simbiose para fazer sentido (Moreira, 2019).

O Quadro 9 traz uma síntese das imagens que figuraram entre as matérias integrantes do *corpus* documental da pesquisa.

Quadro 9 – Descrição da imagem

PERIÓDICO	DATA	DESCRIÇÃO DA IMAGEM
Gazeta de Notícias	08/01/1920	Foto do Vapor Malte, em tons de cinza, ambiente externo possivelmente no mar com um único funil.
Gazeta de Notícias	26/01/1920	Foto do Vapor Darro, em tons de cinza, ambiente externo com um único funil, possivelmente atracado no porto.
Gazeta de Notícias	27/01/1920	Foto do Vapor Aurigny, em tons de cinza, ambiente externo com um único funil, possivelmente na baía de guanabara em direção a Ilha Grande.
Gazeta de Notícias	29/01/1920	Foto do Vapor Veenbergen, em tons de cinza, ambiente externo, com um único funil, possivelmente na baía de guanabara.
Gazeta de Notícias	02/02/1920	Foto do Vapor Almanzora, em tons de cinza ambiente externo, com um único funil, possivelmente atracado ao porto

A Noite	04/03/1920	Foto do Dr. Moncorvo Filho em ambiente interno, utilizando trajes formais, e expressão facial séria, possivelmente sentado, ausência de artefatos.
Gazeta de Notícias	26/02/1921	Foto Dr. Adalberto Ferreira em ambiente interno, utilizando trajes formais, expressão facial séria, possivelmente sentado, ausência de artefatos.
		Foto da fachada do Posto Central de Assistência, ambiente externo.
Correio da Manhã	31/08/1921	Foto do Dr. Moura Lacerda em ambiente interno, utilizando trajes formais e expressão facial séria, possivelmente sentado, ausência de artefatos.

Fonte: Autor, 2025.

Entre os 62 registros noticiosos, foram encontradas 8 imagens: 1 no periódico *A Noite*; 6 no *Gazeta de Notícias* e 1 no *Correio da Manhã*. É possível perceber que as imagens foram utilizadas para ilustrar os vapores que traziam pessoas e mercadorias, bem como os bustos de homens e a fachada de um posto de assistência.

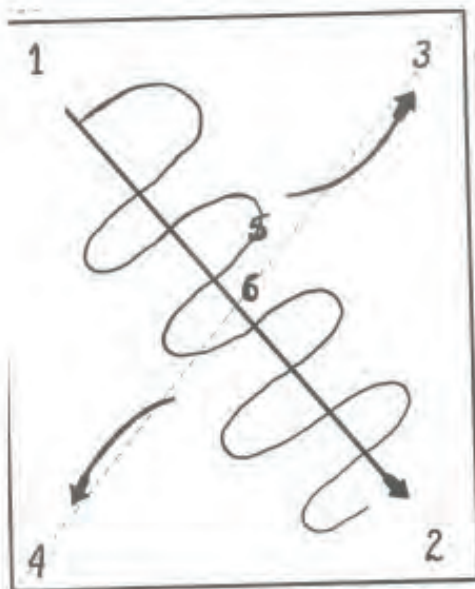
3.6 Localização das matérias jornalísticas

Para auxiliar a análise dos documentos, se faz necessário entender o plano de expressão, formado pelos diferentes enquadramentos das matérias jornalísticas nas páginas dos jornais, a fim de que se possa interpretar o posicionamento dos veículos e dos seus editores pela disposição das informações e a diagramação adotadas, e assim decodificar efetivamente a importância destinada a cada registro.

Compreender a existência e as diferenças entre as zonas de visualização é importante para discutir a intencionalidade do redator no processo de distribuir e diagramar o jornal. A página do jornal é dividida por zonas de leitura, redação da escrita ou imagética, e cabe ao redator escolher em qual zona percorrerá a vista do leitor por mais tempo, ou terá a percepção voltada em confronto com outras áreas da folha impressa (Carvalho, 2023).

A página é dividida em 6 zonas de visualizações, que tem por objetivo a leitura e fixação visual da direita para a esquerda do jornal conforme o esquema abaixo.

Figura 4 – Zona de Visualização



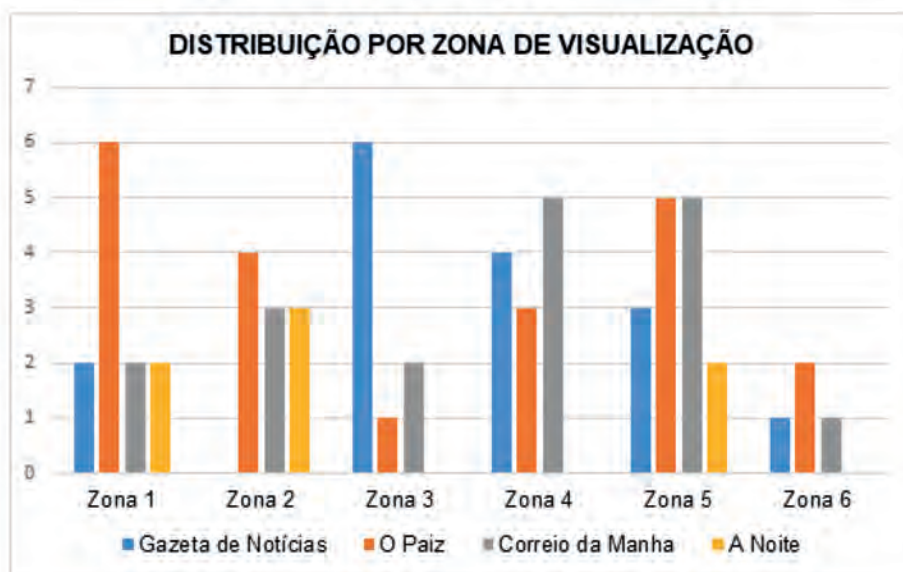
Fonte: Silva, 1985.

A Figura 4 ilustra as diferentes zonas de visualização da página de um jornal e os locais que atrairão a atenção do leitor por mais tempo. O número 1 indica a Zona primária; o 2, a zona terminal; os números 3 e 4 apontam onde estão as zonas mortas; o 5, o centro ótico e, por fim, o número 6, o centro geométrico. Essa categorização respeita a noção imposta pela grafia ocidental, na qual se escreve da direita para a esquerda, sendo este também o percurso obrigatório dos olhos, quando estão lendo. A partir dessa relação se pode prever o comportamento do leitor (Silva, 1985).

Para melhor entendimento das zonas, é preciso descrever a função de cada uma delas no processo da diagramação. A Zona 1 ou primária deve con-

ter elementos fortes para atrair a atenção e consequentemente o interesse do leitor. A Zona 2 ou secundária é chamada assim pois da mesma forma que os olhos se deslocam e percorrem o sentido diagonal, do lado superior esquerdo para o lado inferior direito, a rota básica de leitura é traçada projetando sempre esse mesmo sentido. As Zonas 3 e 4 são consideradas mortas e utilizadas para completar as informações mais relevantes, ofertando importância secundária ao texto, ou um texto sem tanta relevância. A Zona 5 ou centro óptico está situada acima do centro geométrico da página, é a altura em que a visão se desloca, podendo variar conforme a dimensão da página. A Zona 6 é centro geométrico, local em que as linhas diagonais se cruzam, impondo importância no processo de visibilidade da matéria jornalística (Silva, 1985).

GRÁFICO 2 - Distribuição por zona de visualização



Fonte: Autor, 2025.

No intuito de entender a intencionalidade que os editores impregnaram nas matérias jornalísticas, foi construído o gráfico de visualização por zonas utilizadas pelos periódicos. Conforme observado, foi identificado um total de 12 matérias publicadas na zona 1, representando 19,35% do total; a zona 2

registrou 10 ocorrências, representando 16,12% do total; seguida de 9 ocorrências na zona 3, que soma 14,51% do total; 12 ocorrências na zona 4, com 19,35%; 15 ocorrências na zona 5, que representa 24,19% do total, e finalmente 4 ocorrências na zona 6, onde estão alocados 6,48% dos registros noticiosos analisados.

Quando se tem o objetivo de atrair uma maior fixação do leitor, os registros noticiosos devem ocupar as zonas 1, 2, 5 e 6 que, juntas, somam 66,1% das ocorrências entre o *corpus*. Esse número evidencia o protagonismo do tema no período e sua relevância na opinião dos editores e jornais.

O destaque das zonas de visualização nos periódicos auxiliará no processo de análise revelar a intencionalidade editorial, pois possibilita aumentar a fixação do leitor aos temas apresentados, transcende a função da diagramação tornando-se elemento que molda a percepção do público, assim compreende-se que o jornal não atuava apenas como veículo de notícias, mas como agente formador de opinião e identidade cultural.

3.7 Organização da narrativa histórica por eixo temático

Para a realização da narrativa histórica por eixo temático, a discussão proposta é oriunda do resultado do preenchimento da matriz utilizada. Foram elencados 2 eixos temáticos para análise e discussão que compõem a narrativa histórica. **Eixo 1** – Gripe espanhola no mundo; **Eixo 2** – Gripe espanhola no Rio de Janeiro.

Quadro 10 – Quantidade de matérias por eixo temático

EIXO TEMÁTICO	QUANTIDADE DE MATÉRIAS
Gripe espanhola no mundo no período de 1920 a 1922	19
Gripe espanhola no Rio de Janeiro no período de 1920 a 1922	43

Fonte: Autor, 2025.

A constituição dos eixos temáticos possibilitou a construção da narrativa histórica, ofertando maior densidade nas discussões e análise dessa pesquisa, com a finalidade de avaliar o exame da hipótese proposta.

3.8 Síntese da seção

A busca na Hemeroteca Digital, depois de aplicados os critérios de exclusão, resultou em 62 registros noticiosos sobre a gripe espanhola. Esses registros aparecem em 4 periódicos selecionados, sendo 2 deles (*Gazeta de Notícias* e *O Paiz*) associados a uma linha editorial situacionista e os outros 2 (*Correio da Manhã* e *A Noite*), oposicionista. Todos eram jornais de circulação diária e tinham o mesmo valor unitário.

Observou-se que houve maior expressão de registros acerca do tema no ano de 1920 (56 registros), 1922 (4 registros), e em 1921 (2 registros), respectivamente. O tipo de matéria jornalística que apresentou maior ocorrência foi a reportagem (23 registros) e notícia (22 ocorrências), seguidas pela nota (13 registros) e suíte (4 registros).

A organização das matérias jornalísticas em ordem cronológica possibilitou entender a linha do tempo dos acontecimentos, conhecerem as autoridades que emergiram como protagonistas no contexto analisado e os locais onde se desenrolaram atividades importantes tanto para a difusão da pandemia quanto para o gerenciamento da crise sanitária. A listagem dos lugares mais mencionados também foi relevante para se construir um panorama geográfico da movimentação do vírus e da atividade político-sanitária e social no momento pós-epidêmico.

As imagens que figuraram nas matérias focalizam majoritariamente as embarcações e bustos de homens que assinavam os textos com críticas ao governo ou às suas ações, a fim de conferir credibilidade aos argumentos.

Por fim, a análise do posicionamento dos registros noticiosos nas páginas dos jornais evidenciou o destaque dado por eles às matérias sobre a gripe.

SEÇÃO IV

4 GRIPE ESPANHOLA NO MUNDO

4.1 Introdução

Esta seção destina-se a analisar o conteúdo dos registros noticiosos veiculados nos periódicos *Correio da Manhã*, *O Paiz*, *Gazeta de Notícias* e *A Noite*. Para confecção deste eixo, foram selecionados 19 registros noticiosos, recortados entre os anos de 1920 e 1922. A análise buscou identificar os países que foram acometidos pela doença e figuraram nas matérias e compreender como as autoridades responsáveis administraram a crise.

Para tanto, a seção está organizada em 4 subtítulos, a saber:

4.2 Terceira onda da gripe espanhola

4.3 Sinais de alerta e medidas adotadas na terceira onda da pandemia da gripe espanhola

4.5 O posicionamento das autoridades nos jornais;

4.5 Síntese da Seção.

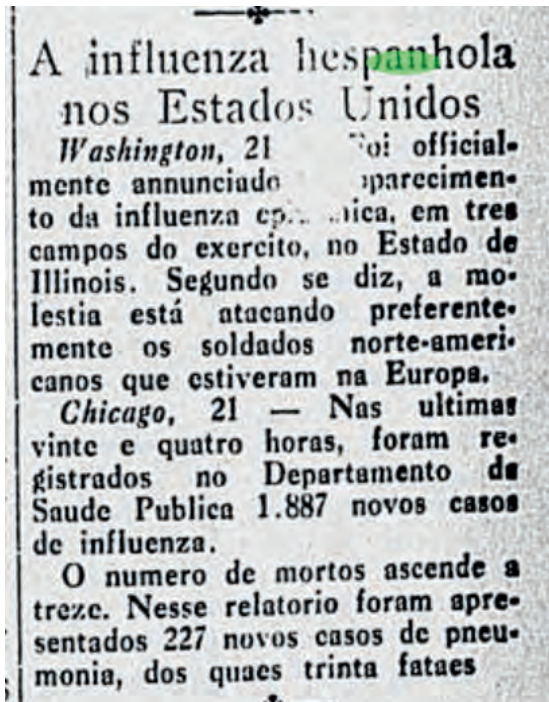
4.2 Terceira onda da gripe espanhola

A terceira onda da gripe espanhola teve seu início de 1919, mais branda, não alarmou a população, entretanto no início de 1920 o surto de casos representou no cenário internacional um novo capítulo de relevância da pandemia. Após as duas primeiras ondas terem causado alta mortalidade global, a terceira onda atingiu populações já debilitadas, exacerbou, ainda, mais a crise sanitária e social, a infraestrutura de saúde estava sobrecarregada, o que agravou as consequências, não apenas ampliou o número de vítimas, mas também evidenciou a falha das estratégias de contenção até então adotadas (Gaspar, 2015).

As tensões já existentes na primeira metade do século XX foram intensificadas na segunda metade do mesmo século por uma série de fatores que, em conjunto, evidenciaram a ineficiência dos preceitos liberais, que até então orientavam as ações dos agentes políticos e econômicos.

Além da ineficácia governamental, o padrão de crescimento econômico que estava emergindo naquela altura, caracterizado pela produção em massa, teve sua plena concretização obstruída pela desconfiança dos agentes econômicos, que restringiam o crédito e pelos conflitos interestatais travados pela hegemonia global durante as décadas de crises (Gaspar, 2015).

Figura 5 – Influenza espanhola nos Estados Unidos

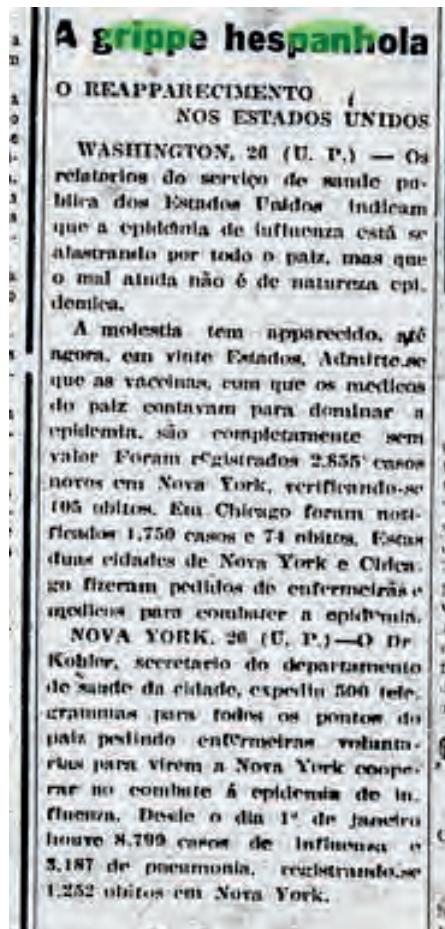


Fonte: Correio da Manhã, 22/01/1920 p.1

Conforme exposto na figura 5 veiculado no periódico Correio da Manhã, os Estados Unidos anunciam, oficialmente, o reaparecimento da gripe espanhola nos campos do exército de seu país, a nota publicada na primeira página na zona de visualização 2, secundária, apresenta indícios de intencionalidade do editor no processo de diagramação do jornal, essa estratégia busca instigar rapidamente a percepção do leitor referente ao crescimento dos novos casos 1887 e número de óbitos 13.

A imprensa da época possuía conhecimento limitado sobre a gripe espanhola, por vezes publicavam matérias com informações desencontradas que confundiam a compreensão do leitor. A falta de uniformidade nas matérias reforça a sensação de incerteza, que podemos inferir como intencionalidade do editor, pois ao mesmo tempo que destaca o caos no cenário internacional ratifica a construção da narrativa sanitária conduzida por Carlos Chagas no Rio de Janeiro.

Figura 6 - Reaparecimento da gripe espanhola nos EUA



Fonte: O Paiz, 27/01/1920 p.02.

O registro noticioso publicado pelo jornal O Paiz no dia 27 de janeiro de 1920, contém elementos a serem explorados que corroboram com a perspectiva do Estado utilizar fatos internacionais para ratificar a construção da percepção pública e consolidar o positivismo sobre as ações do DNSP. O relatório emitido pelo Serviço de Saúde Pública dos Estados Unidos indicava que a Gripe Espanhola havia disseminado em muitos estados, embora as autoridades norte-americanas hesitassem em classificá-la formalmente como epidemia, o que poderia caracterizar um novo cenário, os dados de incidência e mortalidade, especialmente em centros urbanos como Nova York e Chicago, indicavam a recrudescência da epidemia, com a formação da terceira onda.

Frente a esse cenário, observa-se a postura prudente das autoridades médicas, que, reconhecem a ineficácia das vacinas disponíveis e a mobilização do serviço de saúde pública norte-americano em convocar enfermeiras voluntárias no intuito de atender a demanda do aumento de casos de gripe espanhola evidenciava lacuna de recursos humanos especializados, ao mesmo tempo ilustrava limitações estruturais e logísticas enfrentadas por um país que em ascensão como potencial mundial.

A veiculação da matéria jornalística na zona de visualização 01, primária, contendo informações dos Estados Unidos, potência internacional, apresentando suas falhas e lacunas, corroborava com a construção ideológica que as ações do DNSP, liderado pelo Dr. Carlos Chagas, eram eficazes e impediam a recrudescência da gripe espanhola no Rio de Janeiro.

Figura 7 - Devastação em Nova York

A gripe hespanhola

CONTINUA O RECRUEDESCIMENTO—A DEVASTAÇÃO EM NOVA YORK E CHICAGO

WASHINGTON, 28 (U. P.) — Os relatórios publicados pelo serviço de saúde pública dos Estados Unidos mostram que a epidemia de influenza continua a se espalhar por todo o país. Houve ontem em Nova York 3.667 novos casos de influenza e 429 de pneumonia com 168 mortes.

O departamento de saúde de Nova York prevê que haverá 4.000 novos casos hoje.

Houve 1.800 novos casos de influenza e 390 novos casos de pneumonia em Chicago, ontem, com 179 mortes.

Foi declarado pelo departamento de saúde pública que meio milhão de dólares votados pelo Congresso para combater a epidemia será usado principalmente em estudos tendentes a descobrir a causa e evitar a propagação do mal.

A REPERCUSSÃO DA PROPAGAÇÃO DA GRIPPE

LONDRES, 28 (U. P.) — A Europa e a Ásia estão alarmadas com o recrudescimento da epidemia de influenza nos Estados Unidos. Os ministerios de saúde pública da Polónia e do Japão já publicaram avisos, delineando medidas para evitar a propagação da epidemia nesses dois países. As notícias indianas não haver augmento dos casos de influenza na Inglaterra, mas que a molestia está se espalhando em varios pontos da Europa.

PREVENÇÃO DA HESPANHA

MADRID, 27 (A. H.) — Foi prohibido o embarque de emigrantes procedentes dos lugares onde grassa a epidemia da gripe.

Fonte: O Paiz, 29/01/1920. p. 2

O periódico *O Paiz* emitiu um suíte no dia 29 de janeiro de 1920, informando que os relatórios do Serviço de Saúde Pública dos Estados Unidos mostravam aumento da pandemia, chegando a registrar que, em um único dia na cidade de Nova York, a contagem de óbitos somou 168 mortos, com a incidên-

cia de 3.363 casos de gripe e 420 de pneumonia, com estimativa de aproximadamente 4.000 novas ocorrências para o dia seguinte.

Figura 8 – Decréscimo da epidemia nos Estados Unidos

A grippe hespanhola
A EPIDEMIA DECRESCCE NOS ESTADOS UNIDOS
WASHINGTON, 30 (U. P.) — O serviço da saúde pública dos Estados Unidos anunciou hoje que a epidemia da influenza hespanhola continúa a mostrar-se por todo o país, mas em muitas secções se apresenta muito benigna. Diz-se que em muitas localidades os doentes não chamam médicos, preferindo tratar-se a si próprios.
O total do numero de casos aqui recebido é incompleto, acreditando-se que o verdadeiro numero de pessoas affectadas é muito grande. A epidemia em Nova York decrescce de intensidade. Acredita-se que a onda funesta já passou sobre aquella cidade. O numero total de casos annunciados hontem em Nova York foi de 4.706. O numero de mortes devido a influenza é de 100, e o de mortes devido a pneumonia é de 136. Houve grande decréscimo no numero de novos casos de pneumonia. Em Boston tambem já decresceu de intensidade a epidemia.

Fonte: O Paiz, 31/01/1920 p. 1

Ademais, a divergência de ocorrências contida na estimativa em relação aos dados do relatório descrito na reportagem veiculada em 31 de janeiro de 1920 na zona de visualização 01, na primeira página do periódico, abre espaço para interessante reflexão, pois a redução da procura por cuidados médicos pela população pode ocasionar a subnotificação dos casos, tendo em vista a benignidade da moléstia neste momento. É importante frisar, porém, que o aumento dos casos de menor letalidade não corrobora com a ideia de que havia controle da doença, mas permite inferir que foi conquistada imunidade coletiva (O Paiz, 1920, pág. 1).

Conforme a Sociedade Brasileira de Imunologia (SBIM), a imunidade coletiva, também conhecida por imunidade de rebanho, é obtida quando a população está protegida dos agravos de uma patologia em decorrência da grande exposição aos patógenos, seja por contato com a doença ou por meio da proteção vacinal. Como no cenário de 1920 não houve vacinação em massa contra a gripe espanhola, a circulação do agente silvestre fez com que ele perdesse a força de mortalidade de modo indireto (SBIM, 2021).

Figura 9 – Divergência de casos nos Estados Unidos

A gripe hespanhola
CEM MIL CASOS NOS ESTADOS UNIDOS
WASHINGTON, 6 (U. P.) — O serviço da Saude Publica dos Estados Unidos annunciou hoje, que os casos, de influeza hespanhola, em 31 Estados da União, para a semana finda em 31 de janeiro, mostram um aumento de mais de 100.000 além dos casos da semana anterior. Os casos na cidade de Nova Kork, augmentaram de 5.000 para 30.000 durante essa semana.

Fonte: O Paiz, 07/02/1920. p. 2

A gripe hespanhola
NOS ESTADOS UNIDOS
WASHINGTON, 7 (U. P.) — O serviço da saude publica dos Estados Unidos calcula em 700 a 800 mil o numero de casos de influenza hespanhola nos Estados Unidos, embora os relatorios recebidos só annunciem 300 a 400 mil casos.
A epidemia attingiu agora ao seu auge. Em Nova York o mal decresce sensivelmente, o que é notavel por ter sido esta cidade a que foi mais affectada.
Teme-se que a forte tempestade de neve em Nova York venha estimular a recrudescencia da epidemia all.

Fonte: O Paiz, 08/02/1920. p. 2

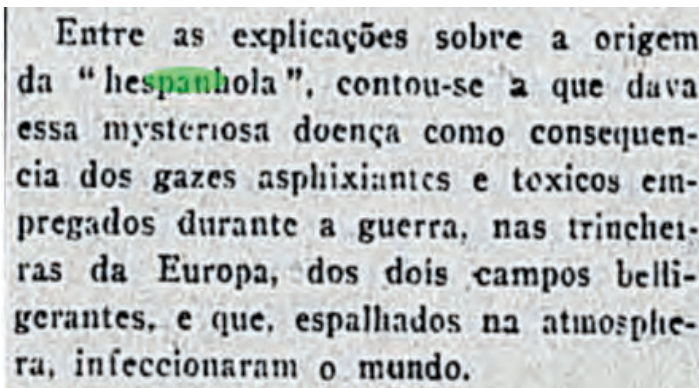
O auge da pandemia norte-americana, em 1920, foi identificado no início do mês de fevereiro, com a exposição da estimativa de casos entre 700 e 800 mil. Contudo, os relatórios do Serviço de Saúde anunciam valores divergentes, menores, entre 300 e 400 mil ocorrências. A utilização da cidade de Nova York como referência para medir a dimensão da pandemia no país justifica-se por esta ter sido a área com maior acometimento. Apesar de a gripe espanhola ter-se alastrado por todo o país, em muitos estados foi identificada a forma mais branda da doença, com relatos de enfermos que conseguiram realizar o tratamento sem a necessidade de acompanhamento médico (O Paiz, 1920, pág.2).

No entanto, cabe uma ressalva: embora o jornal noticiasse que o número de pessoas infectadas tivesse sido incerto, a nota publicada pelo jornal O Paiz

no dia 08 de fevereiro de 1920, também, deduz que os números de casos foram maiores que os divulgados. O decréscimo indicado apontou que a onda que pairava sobre a cidade de Nova York já havia passado. Posto isso, a veiculação desta matéria na zona de visualização 2, secundária, revela a intencionalidade de reforçar um viés ideológico, já que a ampla disseminação de tais informações fortalece a noção de assertividade no que tange às normas adotadas pelo DNSP no Brasil (O Paiz 1920, pág.2).

Cabe salientar, enquanto os países tentavam desesperadamente controlar a propagação da gripe espanhola, ainda se especulava sobre sua origem como demonstrado no fragmento imagético abaixo.

Figura 10 – Explicações da origem da gripe espanhola



Entre as explicações sobre a origem da "hespanhola", contou-se a que dava essa misteriosa doença como consequência dos gases asphixiantes e toxicos empregados durante a guerra, nas trincheiras da Europa, dos dois campos belligerantes, e que, espalhados na atmosfera, infeccionaram o mundo.

Fonte: O Paiz, 29/02/1920. pág.4

A circulação de matérias como a exposta pela figura 10, no ano de 1920, chama atenção para o impacto social da comunicação jornalística, já que o fragmento extraído poderia ser suficiente para acarretar o caos entre a população, inspirando medo e difundindo teorias que se propagavam sem fundamento pelas páginas dos jornais.

Matérias como essa, veiculada no jornal O Paiz, evidenciam que o conhecimento sobre a origem da pandemia era obscuro, apesar dos 02 anos desde os primeiros casos; muito se especulava sobre a gênese da doença, e a probabilidade de a moléstia ter sido criada nas trincheiras da guerra, por meio da utilização de gases asfíxiante e tóxicos, foi considerada, mas logo contestada.

Entretanto, o tema ratifica as lacunas existentes no entendimento da comunidade científica, afinal não se sabia se o patógeno iniciou sua disseminação nos Estados Unidos, por uma mutação genética do vírus Influenza, ou se sua criação foi induzida e utilizada como arma durante a guerra.

De acordo com Osterholm e Olshaker (2020), cientistas da saúde pública descreveram as mutações que ocorreram nos agentes microbianos, causadores de doenças infecciosas. Eles são, capazes de sofrerem alterações rápidas ou modificarem o seu próprio código genético, tornando-se eficiente e capaz de esquivar do sistema imunológico do hospedeiro, desta forma, a disseminação de um vírus como o da gripe, seria possível ocasionar uma nova pandemia.

Figura 11 – Gripe espanhola na Dinamarca



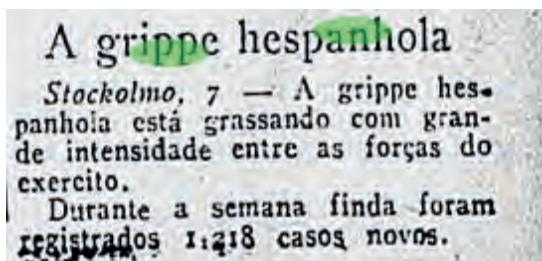
Fonte: O Paiz, 03/02/1920. p. 1

Com a ascensão sócio-político-econômica dos Estados Unidos, no período da gripe espanhola, o governo norte americano precisava descontinuar a ideia do início da moléstia em seu país, desta forma, a veiculação de matérias que pudessem associar à gripe espanhola a primeira guerra mundial, amenizaria a tensão social. Discutir a intencionalidade velada nos textos jornalísticos da época torna-se relevante para a decodificação da mensagem, assim, o fragmento imagético publicado pelo periódico situacionista O Paiz poderia

conduzir os leitores a construção de uma ideologia por meio do falseamento da realidade (Engels; Marx, 2007).

Arelado a disseminação das matérias jornalísticas, veiculado pelos periódicos *O Paiz e Correio da Manhã*, situacionista e oposicionista respectivamente, é possível inferir que o governo, em conjunto a imprensa escrita, desejava construir um viés ideológico que desconectasse a gripe espanhola dos Estados Unidos, de modo, que a matéria do jornal *Correio da Manhã*, do início de março, coadunasse com essa perspectiva ao associar a moléstia aos soldados europeus.

Figura 12 – Gripe espanhola no exército



Fonte: *Correio da Manhã*, 08/03/1920 p.1

A pandemia perdia força em território norte-americano, mas na Europa permanecia sua disseminação, conforme noticiado pelo jornal *Correio da Manhã* de 8 de março de 1920, que anunciava a incidência de 1.218 casos na cidade de Estocolmo, que espalhavam medo entre os soldados.

4.3 Sinais de alerta e medidas adotadas na terceira onda da pandemia da gripe espanhola

Ao longo desse estudo foi possível perceber que a expressão “sinal de alerta” foi amplamente utilizada e difundida no intuito de avisar ou despertar a atenção do público sobre a pandemia. Logo, as medidas adotadas foram as ações que os governos utilizaram após identificação do evento adverso.

Para facilitar o processo de análise, foi elencado, no Quadro 11, as localidades onde, segundo os jornais, se registrou algum sinal de alerta referente à gripe espanhola.

Quadro 11 – Sinais de alerta

País	Periódico	Data	Sinal de Alerta
Espanha	Gazeta de Notícias	07/01/1920	Aparecimento de casos nas cidades de Zaragoza e Múrcia.
França	A Noite	21/01/1920	Aparecimento de casos no norte da França.
Bélgica	A Noite	21/01/1920	Aparecimento de casos na Bélgica.
Estados Unidos	Correio da Manhã	22/01/1920	Aparecimento de casos no estado de Illinois.
Estados Unidos	O Paiz	27/01/1920	Aparecimento em 20 estados.
Estados Unidos	O Paiz	31/01/1920	Anúncio do contínuo alastramento nos Estados Unidos.
Dinamarca	O Paiz	03/02/1920	Internação de 300 gripados na Dinamarca.
Estados Unidos	O Paiz	04/02/1920	Telegramas com reaparecimento de gripe nos Estados Unidos.
Dinamarca	O Paiz	04/02/1920	Telegramas com reaparecimento de gripe na Dinamarca.
Portugal	O Paiz	04/02/1920	Telegramas com reaparecimento de gripe em Portugal.
Espanha	O Paiz	04/02/1920	Telegramas com reaparecimento de gripe na Espanha.
Alemanha	Gazeta de Notícias	01/01/1922	Aparecimento de casos em Baden, Wurtemberg e Frankfurt.
Alemanha	O Paiz	01/01/1922	Aparecimento de casos em Baden, Wurtemberg e Frankfurt.

Fonte: Autor, 2025.

Durante o ano de 1919, foi notada uma calma nos relatos referentes à pandemia. Ao observar os jornais de 1920, identificou-se a veiculação de matérias com ressurgimento de casos, o que, para este estudo, foi entendido como sinais de alerta.

O historiador Niall Ferguson (2021) afirma que os relatórios da Receita Federal dos Estados Unidos mostraram que a atividade econômica estava relativamente forte em meados de 1919, o que se confirma pelo aumento da atividade no setor de construção civil. Entretanto, a recrudescência da doença no final de 1919 e início de 1920 fizeram com que a economia se retraísse, construindo a conexão entre a recessão e a pandemia por conta do número de óbitos.

Essa nova fase da infecção e até mesmo morte, considerada como terceira onda, fez com que países como Espanha, França, Bélgica e Portugal, entre outros, alertassem sua população ao identificar o aparecimento de casos em seu próprio território ou em território próximo às suas fronteiras, tendo em vista que tratava-se o mar como possível condutor da doença, devido ao transporte de carga e pessoas (Ferguson, 2021).

Figura 13 – Retorno da gripe espanhola na Europa

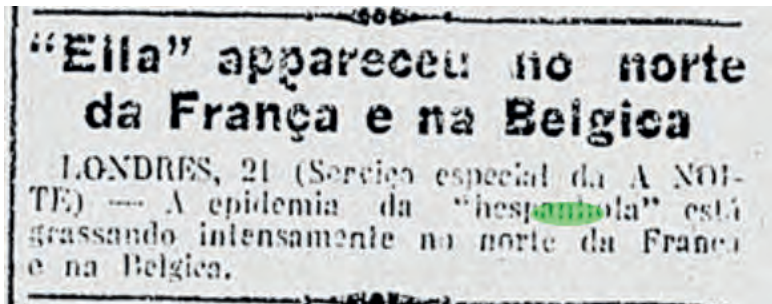


Fonte: Gazeta de Notícias, 07/01/1920. p.1

A figura 13 publicada na capa do jornal *Gazeta de Notícias*, no dia 7 de janeiro de 1920, transcreveu um telegrama recebido da cidade de Almería/Espanha, com o seguinte relato: “[...]informa que ali, como em Zaragoza e Murcia, está grassando com caracter epidêmico a influenza Hespanhola...”. O trecho mostra a preocupação do governo espanhol em sinalizar a população sobre os casos que retornavam a se alastrar na região. O caráter epidêmico, conforme descrito, permite-nos inferir que a doença não era comum naquela região e que necessitava de atenção por parte dos moradores.

Ao analisar a distribuição geográfica da cidade de Múrcia, próxima à costa do Mar Mediterrâneo, localizada a 500 quilômetros de Zaragoza, ao norte do país, e igualmente distante das cidades de importância como Madri, Barcelona e Valência, entendeu-se que a doença se espalhava por todo o território espanhol e não só pelas áreas próximas ao mar.

Figura 14 – Sinal de alerta França e Bélgica



Fonte: A Noite, 21/01/1920, pág.1.

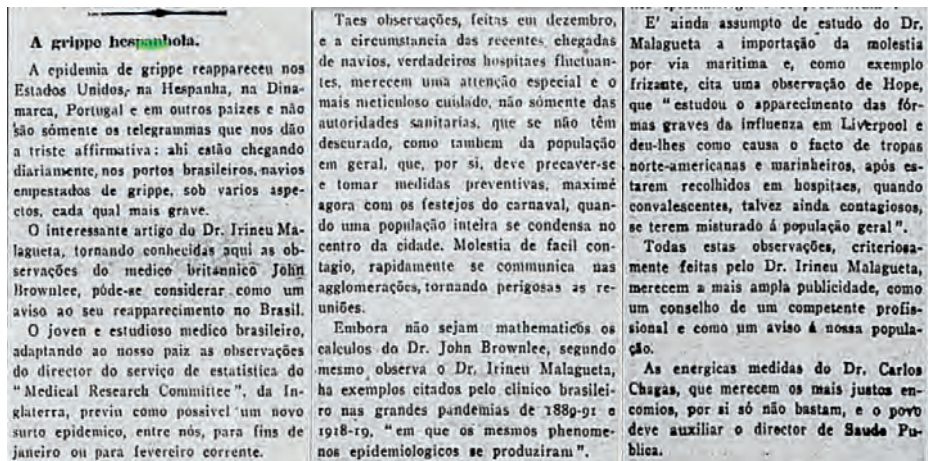
A Figura 14 foi identificada na capa do periódico *A Noite*, destaca que o surto epidêmico da gripe espanhola propagava-se rapidamente pelo norte da França e Bélgica. Cabe salientar que as áreas mencionadas regiões de fronteiras, o que facilitava a disseminação da doença entre os países vizinhos. Tal posicionamento geográfico estratégico amplificava o risco de propagação, evidencia a vulnerabilidade das fronteiras durante epidemias e a rápida difusão de enfermidades em cenários de conflito e movimentação populacional.

Segundo Macneal (1919), a cidade de Brest, localizada no norte da França, foi o ponto de entrada da pandemia na Europa, sendo o local de desembarque dos soldados americanos. O surgimento de novos casos na França gerou preocupações sobre a segurança das fronteiras e a possível disseminação da doença para a Bélgica. Esse cenário destacou a vulnerabilidade das áreas limítrofes dos países e a rápida propagação da moléstia, sublinhando a interconexão das nações europeias durante a crise.

Foram identificados sinais de alerta, também, em outros países, tais como: Portugal, Dinamarca, Espanha e Estados Unidos, conforme indica o fragmento extraído do periódico *O Paiz*, datado de 4 de fevereiro de 1920, com o seguinte relato: “A epidemia de gripe reapareceu nos Estados Unidos, na Hespanha, na Dinamarca, Portugal e em outros países e não são somente os telegramas que nos dão a triste afirmativa...”. Além da sinalização para esses países, o Brasil era avisado também pelas embarcações que ancoravam nos portos nacionais e que advinham dessas localidades (O Paiz, 1920, p.3).

Nos Estados Unidos, o aparecimento de casos de gripe espanhola em mais de 20 estados, veiculado pelos periódicos - *Correio da Manhã* e *O Paiz* -, foi o gatilho para o estado de alerta em relação ao recrudescimento da pandemia no país.

Figura 15 – Reaparecimento da gripe espanhola na Europa



Fonte: O Paiz, 04/02/1920. p.3

Alguns países tiveram sinais de alertas veiculados na imprensa brasileira, no ano de 1920, foi identificado o registro de nações pertencentes à Tríplice Entente, aliança vencedora do conflito bélico de 1914-1918, algumas matérias relataram casos de gripe espanhola em outros países como na Dinamarca, entendido como neutra no conflito. Só foram identificados sinais de alerta em países ligados à Tríplice Aliança, como a Alemanha no ano de 1922, deste modo, deixa a possibilidade de reflexão que os jornais davam ênfase as nações com melhores relações ao Brasil.

Figura 16 – Gripe espanhola na Alemanha



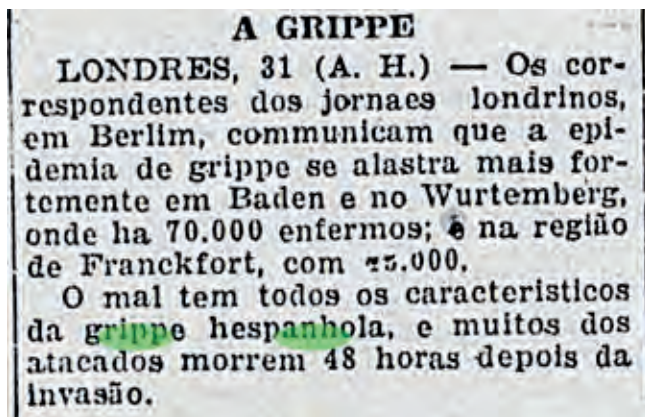
Fonte: Gazeta de Notícias, 01/01/1922. p.3

A ausência de matérias jornalísticas no intervalo de 1920 à 1922 com referência à Alemanha foi intencional, o rompimento das relações diplomáticas entre Brasil e a Alemanha em 1917 reconfigurou a circulação de informações no país, de forma a identificarmos o fenômeno de invisibilidade narrativa, as complexas interseções entre as esferas da saúde pública, alinhamentos geopolíticos e política internacional da época são reafirmadas pela exclusão de registro noticioso sobre a pandemia de gripe espanhola (Garambone, 2003).

É possível compreender que a gripe espanhola não escolheu quem seria acometido ao afetar, países de ambos os lados durante e após a primeira

guerra, entretanto as narrativas sobre a pandemia veiculadas nos jornais foram mediadas pelos interesses sócio-políticos dos editores.

Figura 17 – Gripe espanhola na Alemanha



Fonte: O Paiz, 01/01/1922. p. 2

A veiculação das matérias jornalísticas correspondentes as figuras 16 e 17 respectivamente possibilita reflexão sobre a prática de publicação de textos idênticos ou semelhantes entre os jornais. Foram publicadas em jornais situacionistas, em zona de visualização 6, centro geométrico e 1, primária, que caracterizar a intencionalidade do editor para que a população consumisse o conteúdo publicado, o que reforça a construção da narrativa sanitária de Carlos Chagas.

Desta forma, a identificação e caracterização dos sinais de alerta por parte dos jornais permitiu que fossem elencadas as medidas adotadas pelos países com o intuito de abrandar a proliferação da pandemia.

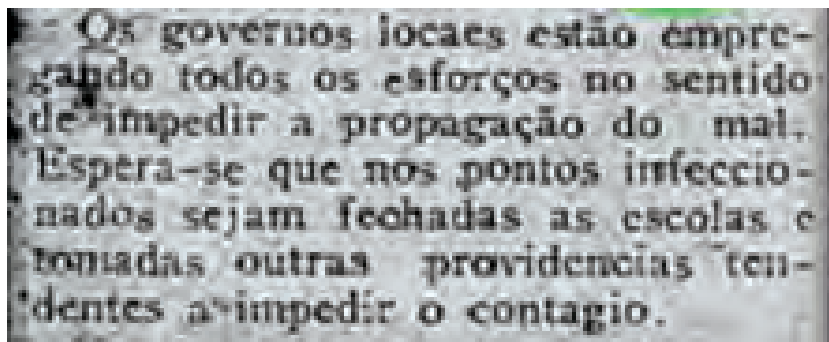
Quadro 12 – Medidas adotadas

PAÍS	DATA	MEDIDAS ADOTADAS
Espanha	07/01/1920	Fechamento de escolas.
Estados Unidos	27/01/1920	Suspensão das vacinas; convocação de enfermeiras voluntárias.
Espanha	29/01/1920	Proibição de embarque de emigrantes de locais com gripe espanhola.
França	30/01/1920	Uso de vacina contra a gripe espanhola.
Estados Unidos	30/01/1920	Estudos para evitar a propagação da doença.
Polônia	31/01/1920	Uso de vacina contra a gripe espanhola.

Fonte: Autor, 2025.

As medidas adotadas evidenciam as ações que foram tomadas pelos países como tentativa de diminuir a propagação da epidemia em seu território. Neste cenário, salienta-se outro fator que contribuiu para a rápida disseminação da epidemia: a morosidade nas medidas de controle. Os governos europeus já conheciam a doença, mas ainda se encontravam despreparados para lidar com uma pandemia de tal magnitude.

Figura 18 – Medida adotada pela Espanha



Fonte: Gazeta de Notícias, 07/01/1920, pág. 1

A Figura 18 aponta para a solicitação de fechamento das escolas em pontos infecciosos. Apesar de esta ter sido veiculada como medida preventiva na Espanha, foi notado que outros países seguiram a ação com a finalidade de

dirimir o avanço da pandemia. O registro jornalístico também demonstra que, quando confrontados com a gripe espanhola, muitas nações, comunidades e indivíduos adotam o que consideram ser medidas eficazes de distanciamento social, incluindo o isolamento dos contaminados e a quarentena dos suspeitos de terem contato com aqueles que estão doentes, o que leva ao fechamento de escolas, empresas até o cancelamento de sessões públicas (Markel, 2004).

Compreende-se que as instituições de ensino foram locais susceptíveis a transmissão, em decorrência da aglomeração de pessoas e as condições do sistema imunológico de crianças, menos desenvolvido, o sistema imunológico na criança inclui o amadurecimento da resposta imune inata a falta de memória imunológica para o patógeno da gripe espanhola, poderia promover a dispersão do vírus com maior facilidade (Jacob e Pastorino, 2010).

No entanto, a utilização do artifício de fechamento de estabelecimentos públicos como providência para impedir o contágio já havia sido utilizada em outros momentos da pandemia. Nos Estados Unidos, houve o entendimento dos locais que utilizaram essa medida tiveram redução nos óbitos e as cidades que além das escolas proibiram as reuniões saíram, consideravelmente, melhor do que aquelas que não adotaram (Markel *et al.*, 2007).

As proibições de reuniões públicas, normalmente, significavam o fechamento de bares, locais de entretenimento público. Eventos esportivos e reuniões internas foram proibidos ou transferidos no exterior, mas as reuniões ao ar livre nem sempre eram canceladas durante este período (Jordânia, 1927).

Ademais, outras ações foram verificadas. Quando o número de casos e óbitos disposto no relatório de saúde apontou o avanço da pandemia, o secretário do Departamento de Saúde norte americano, Dr. Klobber, solicitou, por meio de telegramas, enfermeiras voluntárias para auxiliar no combate à epidemia. Tal fato, pode ser compreendido como pedido de socorro, visto que o número de enfermos preocupava; acumulava-se o total de 8.799 casos de influenza, 3.187 casos de pneumonia e 1.252 óbitos, e o contingente humano na cidade de Nova York era insuficiente para atender essa demanda (O Paiz, 1920, p. 2).

Cabe destacar que a ausência de conhecimento ou o desejo demasiado de combater a gripe espanhola ocasionou múltiplos relatos falaciosos, seja em âmbito nacional ou internacional. Exemplo disto foi observado no relato do mé-

dico parisiense Dr. Charles Folley, que informava numerosas curas obtidas por meio da vacina de Serum, antipestoso, preparado pelo Instituto Pasteur, que o serviço de saúde norte americano utilizou durante pandemia e no auge da terceira onda, e sobre o qual o mesmo governo admitiu ineficácia no combate à doença (O Paiz, 1920, p.2).

Não foi possível comprovar os efeitos adversos mais duradouros da pandemia. No entanto, os norte-americanos que estavam no útero durante a pandemia apresentaram maior taxa de deficiência física em relação àqueles que passaram o desenvolvimento fetal antes ou após o evento; eles também apresentaram risco elevado para doenças respiratórias e cardiovasculares ao longo da vida e relacionaram essas características ao fato de as gestantes terem utilizado a vacina de Serum (Almond, 2006).

Neste mesmo período, verifica-se a veiculação de uma matéria jornalística em que o médico francês, Dr. Charles Folley, promoveu a vacina de Serum, reflexo do desespero para uma cura da doença que matou tantas pessoas (O Paiz, 1920 p.1). A notícia produziu, no imaginário da população, a esperança de uma solução, a difusão de informações como essa também pode ter levado o público ao questionamento do motivo pelo qual as autoridades não teriam disponibilizado amplamente tal instrumento de cura.

Figura 19 – A cura da gripe



Fonte: O Paiz, 30/01/1920. p.2

A figura 19, fragmento do texto do jornalístico publicado no periódico *O Paiz*, em 30 de janeiro de 1920, na zona de visualização 6, centro geométrico, também sobre a suposta vacina, recorre a elementos que visam transmitir credibilidade ao leitor, como a utilização do nome Instituto Pasteur, onde muitas autoridades sanitárias do Brasil tinham aperfeiçoado seus conhecimentos, a forma como foi diagramada possibilita rápida identificação por parte do leitor. Dessa forma, é possível a associação do Instituto Pasteur com a intencionalidade de conferir credibilidade científica à vacina de Serum, solução legítima no imaginário coletivo fomentando pressão sobre as autoridades.

A Figura 19 destaca que nas matérias sobre vacina, ou soro antipestoso³, afirma-se que ela foi desenvolvida pelo Instituto Pauster, e não inventada pelo Dr. Charles Folley, mesmo após ter sido testada no próprio médico que, sem identificação de efeitos adversos em si mesmo, iniciou a administração nos pacientes. Tal método, que supostamente resultou em milhares de pessoas curadas, foi proscrito pelo Serviço de Saúde dos Estados Unidos no que tange ao tratamento da gripe espanhola.

3 O soro antipestoso, produto inventado pelo cientista franco-suíço Alexandre Yersin em 1896, durante pesquisas na Índia, e propagandeado pelo Instituto Pasteur de Paris como a grande arma para vencer a temida peste bubônica (Benchimol,1990).

Figura 20 – Vacina de Serum do Dr. Charles Folley

“O soro anti-praga de que lhe falei não é de minha invenção, e só depois de ter experimentado em mim proprio um certo número de vezes é que me arrisquei a applical-o a outros, do que resultou ter eu conseguido milhares de curas.

Que a influenza hespanhola e a doença do somno são uma e a mesma molestia é facil de demonstrar pela simples razão que ambas são curaveis com a applicação do mesmo medicamento, sendo as curas obtidas identicas em todos os respeitos.

O Dr. Folley, disse-me que: “Nos Estados Unidos foram obtidas curas identicas e muito rapidas graças a injeccão de que lhe falo.”

“Por exemplo ainda hontem fui chamado para tratar de um caso de molestia do somno. Uma mulher há mezes que estava em estado lethargico, varios outros medicos tinham procurado cural-a e achavam-se presentes quando fui fazer o meu tratamento. Estavam tambem presentes varios jornalistas. Em menos de uma hora e meia, durante cujo tempo fiz cinco injeccões, as quaes foram sub-cutaneas e uma na veia, essa mulher que dormia profundamente antes da primeira injeccão, começou a dar signaes de vida logo após a primeira injeccão e após as quatro outras, ria, conversava, leu os jornaes e podia mesmo levantar-se. Já não pensava mais em dormir, ao contrario do que se dava anteriormente.

Fonte: O Paiz, 31/01/1920 pág.01

Conforme Crosby (2003), o uso de máscara tornou-se obrigatório em 1918, uma medida que provocou a aliança entre libertários civis, cientistas cristãos e grupo de interesse econômico, que se uniram na liga antimáscara. É interessante observar tal movimento, sobretudo porque apesar dos esforços para uma possível cura, os únicos recursos realmente efetivos para o combate da gripe espanhola foram as quarentenas, proibição de reuniões e a utilização das máscaras, já que os remédios utilizados até o ano de 1920 eram comprovadamente ineficazes.

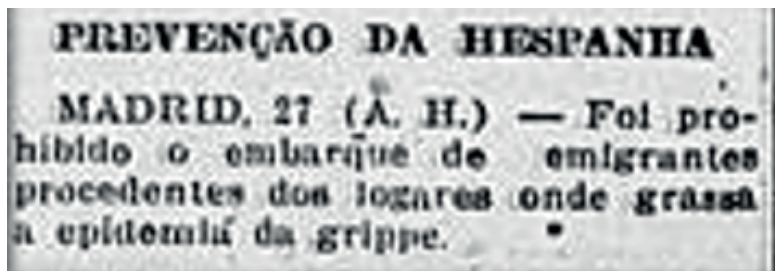
Ademais, à época da pandemia, o vírus da gripe ainda não havia sido identificado, acreditava-se que seu agente patógeno era proveniente de um organismo desconhecido que causava infecção, diminuía a resistência do corpo em geral e dos órgãos respiratórios (Sales, 2004).

Considerando que o agente causal da epidemia foi um vírus, H1N1, isolado por cientistas britânicos em 1933, em vista do conhecimento até aquele momento, não era possível evitar a moléstia por meio de vacinação (Crosby, 2003).

Outra medida identificada por meio dos jornais foi à restrição de embarque de emigrantes, prática observada nos portos espanhóis. A repercussão da propagação da gripe nos Estados Unidos colocou a Europa e a Ásia em situação de alerta, já que a nação norte-americana ressurgiu como grande potência mundial após a Primeira Guerra. O comércio, o serviço de importação de bens de consumo e até mesmo a imigração potencializaram o aumento de contaminação nessas localidades, forçando os governos a estabelecerem medidas para evitar ou reduzir a propagação da moléstia.

Em decorrência da abolição da escravatura em 1888, o Brasil era um bom destino para emigrantes, que se serviam do Decreto nº 528⁴, de 28 de junho de 1890, como subsídio, visto que esta garantia o direito à assistência, independentemente da nacionalidade. Ao mesmo tempo, forçava-se o processo de embranquecimento⁵ da nação brasileira, tendo em vista a facilitação para o repatriamento (Brasil, 1890).

Figura 21 – Proibição de embarque de emigrantes



Fonte: O Paiz, 29/01/1920, pág. 2

4 O Decreto nº 528 de 28 de junho de 1890 tem a finalidade de estruturar e regularizar o processo de imigração para o Brasil e garante os direitos de incentivo e subsídio.

5 Em conformidade ao Decreto nº 528 de 1890 a entrada no Brasil foi prioritariamente destinada a trabalhadores com restrições específicas para imigrantes indígenas da Ásia e África, tendo em vista a abolição da escravatura no ano de 1888, entretanto com autorização do Congresso Nacional essa população restrita, poderia obter autorização de entrada.

Boa parte dos países da Europa possuía alguma comunicação com o mar. A guerra (1914-1918) deixou evidente que os navios eram indiretamente responsáveis por transportar as doenças. Para obstruir a rápida disseminação da gripe espanhola, países como a Espanha, Polônia e o Japão se anteciparam, interrompendo a entrada de pessoas ou produtos oriundos de locais em que houvesse caso de contaminação conforme indicado na figura nº 21 (O Paiz, 1920, pág. 2).

No século XX, o Brasil foi destino de muitas nações, entre as quais constam a italiana, portuguesa, espanhola e japonesa. Pode-se entender que havia um processo de emigração para os outros países em vista do cenário que norteava a época. Dito de outra maneira, em período pós-guerra e epidêmico na Europa e se vislumbrava o destino em um país próspero, atraídos pela melhoria econômica (Canovas, 2005).

Desta forma, as medidas de controle adotadas nos Estados Unidos e Espanha foram replicadas pelos demais países acometidos pela gripe espanhola, mesmo que de forma adaptada, na tentativa de minimizar os efeitos negativos que a moléstia trazia, tanto no cenário econômico e político como no âmbito sanitário.

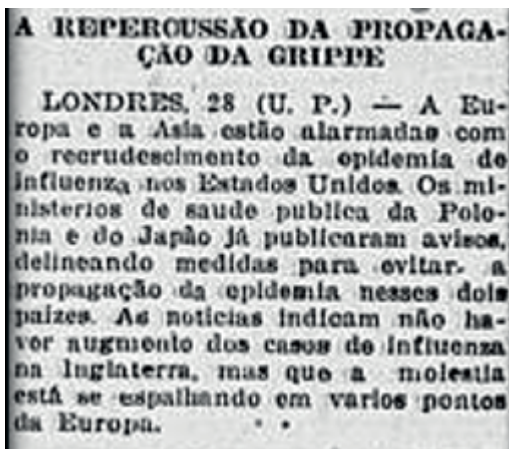
4.4 Posição das autoridades nos jornais

O conhecimento sobre a forma de proliferação da doença em 1920 era limitado, mesmo após um longo período desde o início da epidemia, em 1918. No entanto, foi possível identificar, em alguns fragmentos noticiosos, a preocupação das autoridades em mitigar a propagação da gripe espanhola. Mesmo que muitas informações sobre a doença ainda estivessem fora do alcance dos cientistas, médicos e sanitaristas, as autoridades se posicionaram na tentativa de abrandar a contaminação.

A leitura comparada das notícias que tematizavam a gripe em território nacional e internacional proporcionou a compreensão de que as ações mundiais, de forma direta ou indireta, repercutiram na condução da pandemia em território brasileiro.

A seguir, está o fragmento noticioso nº 22 publicado no jornal *O Paiz*, em 29 de janeiro de 1920, na página 2.

Figura 22 – Repercussão da propagação da gripe



Fonte: *O Paiz* 29/01/1920 p. 2

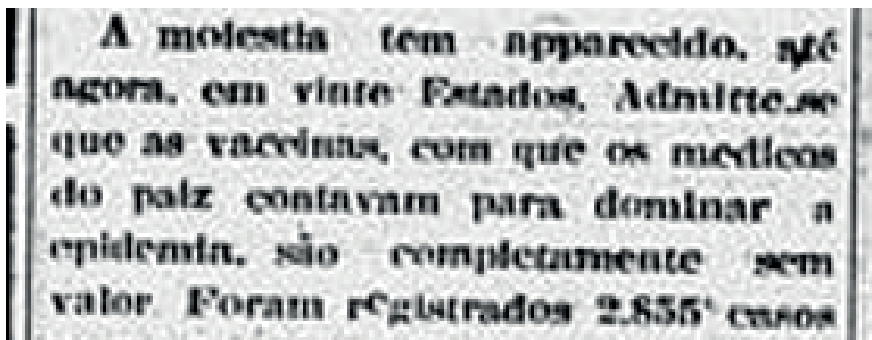
Embora a Inglaterra não indicasse o aumento de casos, era crescente a disseminação em vários pontos do continente. O governo polonês se posicionava, ao iniciar a adoção das primeiras medidas de controle. Mesmo estando em outro continente, o Japão adotava o mesmo posicionamento, instaurando maior rigor na fiscalização das fronteiras terrestres e marítimas.

A conexão entre os continentes Americano, Europeu e Asiático era alcançada pelo mar, por isso o transporte de cargas e pessoas passou a ser considerado o principal meio de propagação da epidemia. Em 1920, o que se sabia sobre a doença e sua forma de contaminação ainda era baseado em conhecimento empírico, tendo em vista que os avanços da ciência no século XIX e início do século XX, sobretudo no campo da bacteriologia e virologia, era obscuro e dúbio, predominando a teoria da eugenia (Barry, 2020).

O fragmento do registro noticioso do periódico *O Paiz* publicado em 31 de janeiro de 1920 e veiculado na primeira página, contém o seguinte relato: [...]“O Dr. Folley parte em breve para a Polônia a pedido especial do governo daquele país, para combater ali a influenza e outras epidemias que devastam

a população polaca” [...].O chefe de Estado polonês, Józef Klemens Pilsudski⁶ (1918-1922), vislumbrou a vacina de Serum, recomendada pelo médico francês Charles Folley, como possibilidade de intervenção ao alastramento da epidemia, após a disseminação da matéria publicada no Jornal norte americano, United Press. O médico francês descreveu os benefícios de cura aos pacientes da gripe espanhola, entretanto, conforme o jornal o Paiz de 27 de janeiro de 1920, a utilização desta vacina já havia sido proscrita pelo serviço de saúde pública da cidade de Nova York conforme a figura 23 abaixo (O Paiz, 1920, pág.2).

Figura 23 – Contraindicação da vacina nos Estados Unidos



Fonte: O Paiz 27/01/1920 pág.2

Outro tema que demanda observação é o posicionamento do governo norte americano em relação à epidemia da gripe espanhola. Inicialmente, o Dr. Royal Copeland⁷, presidente do conselho de saúde de Nova York, ignorou a voracidade da epidemia, ao insistir que não havia riscos de a doença se alastrar; manteve bares, restaurantes e teatros abertos, e enfrentou, em seguida, o

6 Józef Klemens Pilsudski, chefe de estado polonês, nascido em 5 de dezembro de 1867 na cidade de Zalavas, Lituânia, governou de 1918 a 1922, após golpe de estado em 1926, tornou-se ditador do país, considerado político polonês de destaque em seu tempo e foi considerado o maior responsável pelo ressurgimento da Polônia após sua separação da Áustria, faleceu aos 67 anos na cidade de Varsóvia, em 12 de maio de 1935 em decorrência de câncer de fígado (Lenkiewicz e Obst, 2019).

7 Dr. Royal Samuel Copeland nasceu em 7 de novembro de 1868, na cidade de Dexter, Michigan, formou-se em medicina e assumiu a presidência do conselho de saúde da cidade de Nova York em 1918.

fracasso, quando aumentaram o número de óbitos e de infectados. A partir de então, novos posicionamentos foram adotados (Crosby, 2003).

Reconhecer que as autoridades não detinham o conhecimento absoluto não foi tarefa fácil. Entretanto, Segundo Barry (2020, p.455), com o passar do tempo e com avanço da doença, os profissionais reconheciam seus fracassos, o que fica evidenciado pela conhecida frase de Victor Vaughan⁸: “nunca mais me permita dizer que a ciência médica está à beira de vencer as doenças”.

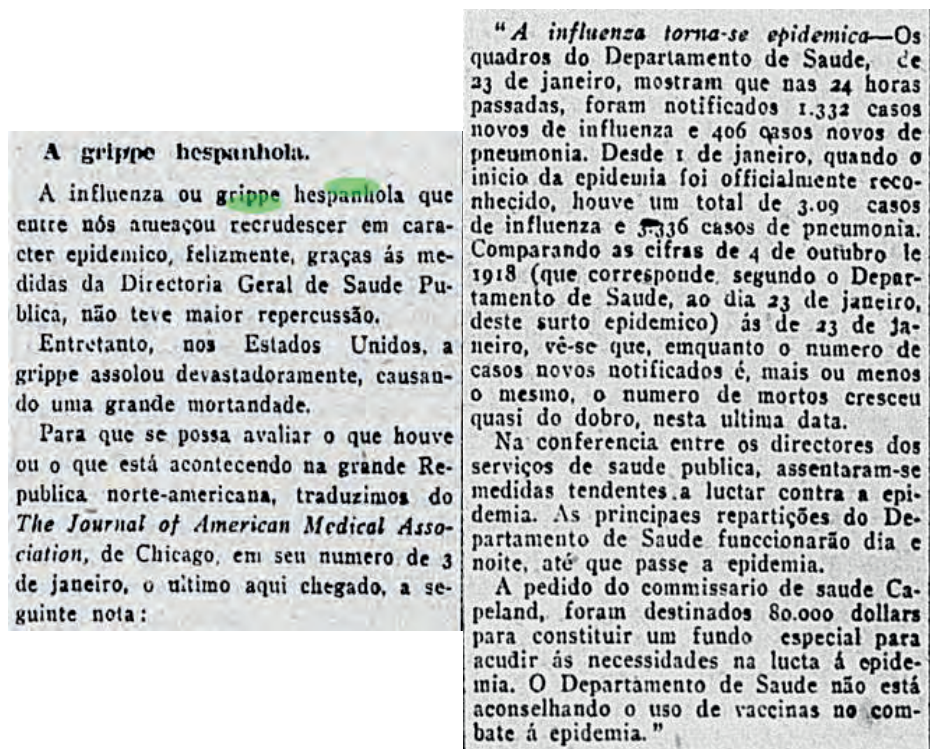
O Dr. Copeland também precisou reconhecer seu precário conhecimento sobre a pandemia, como demonstra o fragmento do registro noticioso publicado em 29 de janeiro de 1920, a saber: “Foi declarado pelo departamento de saúde pública que meio milhão de dólares votado pelo Congresso para combater a epidemia será usado principalmente em estudos tendentes a descobrir a causa e evitar a propagação do mal” (O Paiz, 1920, pág.2).

Para que o público conseguisse compreender o impacto que representava o investimento de meio milhão de dólares em pesquisas sobre a doença em 1920, o jornal Correio da Manhã de 6 de dezembro de 1920 trouxe uma matéria publicada, com o título “O Meio Próprio”, na qual explicou, entre outros assuntos, a cotação do dólar, que oscilava entre 3 e 4 mil réis. Na época, com esse valor, era possível comprar mais de 500 unidades de carros da Ford, que custava 850 dólares ou 3:430\$000 réis (Correio da Manhã, 1920, pág.2).

⁸ Victor Clarence Vaughan (1851-1929), foi médico, pesquisador e reitor da faculdade de Medicina da Universidade de Michigan de 1891 até 1921.

Outro fragmento noticioso relacionado ao tema aparece publicado em 15 de março de 1920, do jornal O Paiz:

Figura 24 – Incentivo financeiro para combater a gripe espanhola



Fonte: O Paiz, 15/03/1920 p.4.

Em decorrência da guerra, os laboratórios de pesquisa funcionavam de forma reduzida. A Europa e os Estados Unidos foram duramente afetados, entretanto os europeus sofreram mais devido ao déficit de mão de obra e investimento característicos ao pós-guerra. Com os incentivos financeiros por parte do governo norte americano, a pesquisa o Instituto Rockefeller se tornou referência, assumindo clara liderança em relação ao mundo (Barry, 2020).

Os trabalhos voltados à gripe espanhola que mais tiveram destaque foram os dos pesquisadores Oswald Avery, no Rockefeller, os de William Park

e Ana Williams, no Departamento de Saúde Pública de Nova York e o de Paul Lewis, na Filadélfia (Barry, 2020).

4.5 Síntese da seção

Em suma, esta seção permitiu observar, pela leitura das matérias jornalísticas, parte do cenário a que foram submetidos os países acometidos pela gripe espanhola.

A entrada do ano de 1918 foi marcada pela transição da economia de guerra para a economia de paz, o que ocasionou desafios. O desgaste bélico contribuiu para o crescimento econômico dos Estados Unidos que, no entanto, logo foi surpreendido pelo caos de uma epidemia e teve de produzir às pressas o conhecimento científico necessário para lidar com a gripe espanhola.

Duramente atingidos pela doença, os norte-americanos obtiveram elevados números de casos e mortes. A morosidade nas ações, inicialmente descentralizadas, com cidades e estados implementando suas próprias medidas para controle da epidemia, aumentou o índice de infectados e de óbitos. Em decorrência da guerra, a eficiência dos laboratórios europeus também foi duramente afetada e a perda de recursos humanos e financeiros impossibilitou grandes investimentos, enquanto os Estados Unidos, que ascenderam economicamente, incentivaram a produção do conhecimento a fim de combater a alta de óbitos, o que alavancou as pesquisas referentes à epidemia.

Os países europeus que estavam se recuperando do esforço de guerra sofreram repercussões econômicas significativas, em razão das medidas adotadas para o controle do alastramento da epidemia. Setores como comércio e turismo foram particularmente afetados, resultando em perdas financeiras substanciais, que levaram à acentuação da desigualdade social.

SEÇÃO V

5 GRIPE ESPANHOLA NO RIO DE JANEIRO

5.1 Introdução

Esta seção tem como objetivo analisar a gripe espanhola no Rio de Janeiro desvelado o período de instalação do surto epidemiológico no país no ano de 1918, início da segunda onda epidêmica; como se deu a redução dos casos e a reabertura do carnaval em março de 1919 e o processo de criação do DNSP, em janeiro de 1920 e o reaparecimento da terceira onda na cidade do Rio de Janeiro até o desaparecimento das matérias jornalísticas em 1922.

As matérias jornalísticas dos periódicos *Correio da Manhã*, *O Paiz*, *Gazeta de Notícias* e *A Noite* que totalizam 43 irão compor o corpo de análise, como forma de elucidar o processo epidemiológico na cidade do Rio de Janeiro, as medidas preventivas adotadas para evitar um novo surto após a recrudescência da gripe espanhola no cenário internacional, o posicionamento das autoridades, a repercussão da política sanitária na sociedade e quais instituições foram utilizadas na assistência dos acometidos pela gripe.

Para tanto, organizamos a seção, a saber:

5.2 A gripe espanhola no Rio de Janeiro;

5.3 O cenário epidemiológico do Rio de Janeiro em 1920;

5.4 Posição das autoridades nos jornais: aspectos políticos sanitários e econômicos;

5.5 Instituições no estado do Rio de Janeiro como porto de assistência aos acometidos pelo vírus da influenza;

5.6 Síntese da seção.

5.2 A gripe espanhola no Rio de Janeiro

No contexto do século XX, a gripe espanhola foi um dos eventos adversos mais devastadores da história moderna, os registros da primeira onda, março de 1918, foi posto como introdutório. A época, o agente etiológico causador da doença e responsável pela rápida disseminação e morte era desco-

nhecido, caracterizada por sintomas semelhantes aos de uma gripe comum, acometeu civis e militares em decorrência da movimentação em massa provocada pela guerra. O atributo relativamente leve desta fase, fez com que muitos subestimassem o potencial letal que foi evidenciado na segunda e terceira onda (Ferguson, 2021).

Ademais, o autor Bertolli Filho (1986), disserta em sua obra intitulada “*A gripe espanhola no município de São Paulo*” que o Brasil foi um dos primeiros países na América Latina a deparar-se com a moléstia, não em solo brasileiro, mas entre os militares pertencentes a missão médica que partiu do Rio de Janeiro, em direção a Europa. Perseguida por navios alemães, o navio La Plata da frota brasileira necessitou atracar no porto de Dacar, onde a tripulação contraiu a doença e parte acabou morrendo, fato esse veiculado nos jornais da época.

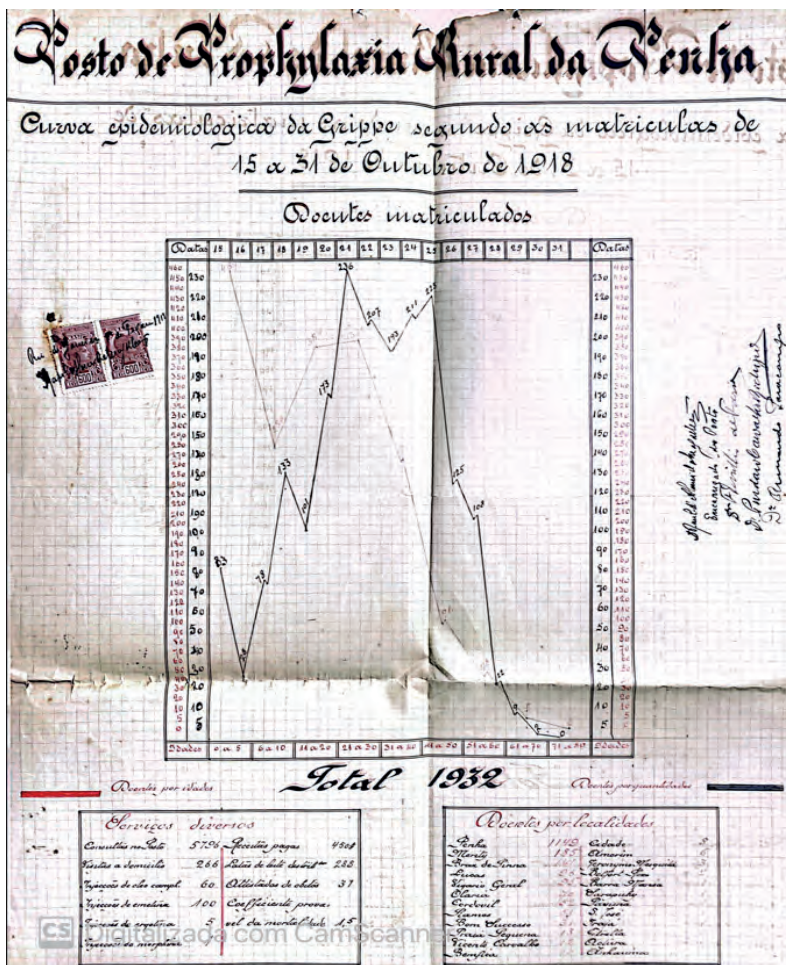
A chegada da doença ao Brasil ocorreu em um contexto já fragilizado pela instabilidade política e social da Primeira República. O Rio de Janeiro, então capital federal, recebeu a primeira leva de infectados em setembro de 1918, trazida por navios que atracaram no porto. A cidade, sem infraestrutura de saúde adequada para lidar com uma pandemia dessa magnitude, tornou-se um epicentro de contágio. O governo e as autoridades médicas, despreparados, lutaram para conter o avanço da doença, mas a falta de conhecimento sobre o vírus e a ausência de tratamentos eficazes contribuiu para a sua rápida proliferação (Schwarcz e Starling, 2020).

Os primeiros casos na cidade do Rio de Janeiro ocorreram entre tripulantes e passageiros oriundos do paquete britânico SS Demerara, que, ao chegar à então capital federal, trouxe consigo a nova ameaça. Em pouco tempo, a gripe se espalhou, acometeu todas as camadas sociais sem distinção o que ocasionou sobrecarga ao já precário sistema de saúde comandado por Carlos Pinto Seidl⁹, diretor geral de saúde pública entre os anos de 1912 à 1918 (Bertolli Filho, 1989).

⁹ Carlos Seidl, diplomou-se em medicina em 1892 pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, apresentando a tese intitulada “Da etiologia perante o diagnóstico, a terapêutica e a higiene”. Foi eleito membro titular da Academia Nacional de Medicina, em 1895, desenvolveu estudos para a profilaxia defensiva no Rio de Janeiro, além de ter realizado estudos sobre a febre amarela e a lepra, que o tornariam referência, considerado um dos mais eminentes sanitaristas brasileiros (ANM, 2020).

O governo do então presidente Venceslau Brás (1914-1918) não foi capaz de lidar com a violência da moléstia, em decorrência à ausência de controle instaurou-se um quadro de desordem pública e sanitária. Este episódio deflagrou uma crise de saúde pública sem precedentes no Brasil, com profundas consequências sociais e políticas. Deste modo, por conta do súbito aumento de casos, considera-se o mês de setembro de 1918 o marco para o início da segunda onda da gripe espanhola no Brasil (Schwarcz e Starling, 2020).

Figura 25 – Curva epidemiológica 15 a 31 de outubro de 1918



Fonte: Arquivo Nacional, Fundo Justiça IJ2-531, 1918.

A curva epidemiológica disposta na figura acima apresenta dados de acometidos pela gripe espanhola no período de 15 a 31 de outubro de 1918, o posto de profilaxia rural da Penha, e os demais postos, conforme região geográfica da cidade do Rio de Janeiro, eram responsáveis por subsidiar à Diretoria Geral de Saúde Pública com informações referentes a cada localidade, nesta unidade no período apresentado foi quantificado 1932 casos.

Nota-se que os dados referente ao quantitativo de óbitos, no Rio de Janeiro, por gripe espanhola publicado no relatório da comissão de estatística demógrafo-sanitária, órgão vinculado a Diretoria Geral de Saúde Pública (DGSP), nos anos de 1918 e 1919 respectivamente foram divergentes, 14.279 e 13.424, tal informação corrobora com o assertiva do diretor deste órgão, Sampaio Viana, que o número de acometidos teriam sido superiores ao apresentado nos relatórios, tendo em vista, a carência de assistência às vítimas da moléstia nos subúrbios, pois grande parte do socorro ficou restrito ao centro urbano devido a insuficiência de recursos humanos (Moncorvo Filho, 1924; Goulart, 2003).

Médicos e sanitaristas da época, e até mesmo a imprensa tentaram sustentar o caráter benigno da gripe por muito tempo, como tentativa de mitigar o pânico que se instaurou frente as limitações referentes ao conhecimento da doença e dificuldade das ações do DGSP, tendo em vista que, a ausência de notificação compulsório da doença, dificultou a quantificação dos óbitos (Teixeira, 1993; Britto, 1997).

Em decorrência do aumento dos óbitos, escândalos relacionados a falta de investimento no serviço de profilaxia dos portos, ausência de estratégias para o combate e prevenção da moléstia, associado a decisão do governo em diminuir perante a opinião pública o caráter de urgência e a letalidade da moléstia, proporcionou que grupos políticos opositores ao governo como Aliança Anarquista do Rio, utilizasse sua influência na imprensa insuflando a população contra o governo ao evidenciar a morosidade e limitações das instituições sanitárias, de modo a tornar insustentável a permanência de Carlos Seidl no cargo de diretor do Departamento Geral de Saúde Pública (Schwarcz e Starling, 2020).

Os moradores da cidade do Rio de Janeiro morriam em qualquer lugar, públicos ou privados, eram recolhidos pelos funcionários da Prefeitura. Os cor-

pos eram empilhados, nos cemitérios, coveiros abriram valas, onde eram despejadas dezenas de mortos, era impossível ignorar a morte, a gripe espanhola impossibilitou os rituais que acompanhavam a morte, ainda bastante comuns na cidade de maneira a assegurar uma passagem tranquila para a vida eterna, o que necessitou providência ágil por parte do presidente (Rodrigues, 1997; Goulart, 2003; Santos, 2006).

Desta forma, em 1918, Carlos Chagas foi chamado pelo Presidente Venceslau Braz (1914-1918) para controlar a epidemia da Gripe Espanhola no Rio de Janeiro, convite esse, recebido em decorrência de seu trabalho junto a Oswaldo Cruz na Diretoria Geral de Saúde Pública. Diante de precárias condições de higiene e de saneamento, o sanitarista instalou vários postos de atendimento médico (Coury, 2010; Neto, *et al.*, 2021).

O cenário favorável a chegada do Carlos Chagas, aclamado pela população, a diminuição natural da intensidade da doença, mesmo que, não houvesse alterado radicalmente a estrutura de combate à moléstia, associado com a própria contaminação e de sua família, com boa recuperação, introduziu no imaginário, que o discípulo de Oswaldo Cruz havia descoberto o agente causal e liderava o desenvolvimento de uma vacina (Goulart, 2005).

O processo de estudar a história da saúde permite identificar semelhanças no comportamento social da população em diferentes eventos adversos como na peste negra, que assolou a Europa, e a gripe espanhola, que impactou o Brasil em 1918. Em ambos os casos, a crise sanitária gerou desintegração dos laços comunitários e a ruptura das normas sociais. O medo da morte e o desespero levaram muitas pessoas a fugirem, enquanto outras, buscavam momentos de prazer e celebração em meio à tragédia.

Na cidade do Rio de Janeiro, a devastação ocasionada pela gripe espanhola, permitiu emergir exemplo emblemático dessa alteração no comportamento social, Carnaval de 1919. A festa, que ocorreu logo após o fim da epidemia, descrita como explosão de alegria em meio ao cenário de medo e luto, a convivência com a morte iminente levou as pessoas a desafiarem as normas sociais e até mesmo a se expor ao risco de contágio. Nesses momentos de incerteza, o prazer passou a ser visto como uma forma de aproveitar o tempo que restava, transformando o medo em celebração da vida (Cony, 2001).

Os dados apresentados na figura 26 evidenciam a mortalidade diária e mensal da gripe espanhola no ano de 1919, a redução abrupta de casos em relação ao identificado na segunda onda. Deste modo, o carnaval de 1919 tornou-se marco no imaginário da população, pois encerrava o momento sombrio que havia assolado a cidade do Rio de Janeiro.

Figura 26 – Mortalidade diária e mensal da Gripe no ano de 1919.

DIAS	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maior	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro	TOTAL
1	5	2	3	1	2	3	1	1	1	3	4	2	26
2	5	4	3	2	4	3	2	1	5	1	2	2	34
3	5	2	1	2	1	3	2	3	4	4	2	2	28
4	5	1	1	2	1	2	2	3	4	2	6	2	25
5	5	2	1	1	4	2	6	1	2	1	2	1	23
6	7	4	1	2	1	1	2	2	2	4	2	1	21
7	7	1	1	2	1	1	1	2	1	4	2	1	21
8	2	1	2	3	3	1	1	4	2	3	1	3	36
9	2	1	2	1	1	1	1	4	2	2	1	1	17
10	4	1	2	1	1	3	2	2	1	4	1	1	21
11	4	2	1	1	1	1	2	1	3	3	1	2	19
12	8	3	1	1	1	1	1	3	4	1	1	1	20
13	1	3	1	3	1	1	1	3	5	1	4	1	31
14	3	1	3	3	3	2	2	1	2	1	2	1	19
15	3	1	1	2	5	1	5	2	2	2	1	2	17
16	2	5	3	1	1	1	1	1	2	2	1	2	25
17	2	1	3	2	3	3	1	1	4	1	1	1	19
18	3	2	1	2	1	2	3	3	3	1	1	1	24
19	3	2	1	2	1	2	3	3	3	1	1	2	22
20	4	1	1	1	1	2	2	5	4	1	1	2	23
21	1	2	4	1	3	1	4	5	4	2	3	1	20
22	1	3	1	1	2	1	1	2	4	4	1	1	28
23	1	3	1	1	2	1	1	4	1	4	1	1	18
24	2	1	1	5	1	2	1	2	8	1	3	2	18
25	4	4	1	2	3	1	1	4	4	2	2	2	30
26	4	2	1	1	1	5	2	2	4	2	2	1	23
27	5	1	1	1	1	5	3	2	2	2	2	1	26
28	1	4	1	1	1	1	1	1	3	3	2	3	19
29	1	1	2	1	1	1	2	1	5	3	2	4	25
30	4	1	1	2	2	1	2	2	1	1	1	1	15
31	1	1	1	1	3	1	2	3	1	3	1	1	19
	87	50	48	47	55	52	50	71	93	61	49	41	704

Fonte: Relatório estatístico demográfico sanitário da cidade do rio de janeiro, 1919.

Neste sentido a observação da figura acima pode ter múltiplas interpretações, mediante a intencionalidade das triangulações das fontes históricas, a redução de óbitos nos meses de janeiro e fevereiro, que culminou no carnaval no mês de março de 1919, associado a substituição presidencial, por meio de eleição, pode ter sido o fio condutor junto aos veículos de comunicação, jornais, para emanar a mensagem que o governo do presidente Epitácio Pessoa possuía maior controle sanitário.

O autor Chalhoub (2018) disserta que apesar de possível, o fundamental em cada história abordada não é descobrir o que realmente se passou, e sim tentar compreender as diferentes versões que os diversos agentes sociais envolvidos apresentam, sendo vistas como interpretações cujos significados cabem desvendar.

Após a comemoração do carnaval notou-se aumento de óbitos nos meses de maio a setembro de 1919, decorrentes da gripe espanhola. No campo da política, a gripe espanhola desempenhou um papel simbólico, na medida em que potencializou as discussões referentes à reforma da saúde e desvelou a incapacidade das esferas governamentais para lidar com questões de âmbito sanitário.

Na esteira do conhecimento, inúmeras moléstias, como a tuberculose e a gripe espanhola, já haviam colocado em dúvida a eficácia da estrutura sanitária existente, deixando a população constantemente assombrada, com medo das doenças. A epidemia da gripe espanhola agravou a crise sanitária. E, nesse cenário, a inquietação da elite intelectual sanitaria acabou somando esforços ao movimento sanitário do fim da década de 1910 (com destaque para a principal iniciativa de natureza nacionalista, a criação da Liga Pró-Saneamento em fevereiro de 1918) para reorganizar o serviço sanitário que até então esteve sob o comando da DGSP, posto isso, a criação do DNSP desacompanhada de uma proposta de regulamentação, significava permanecer com as medidas do passado (Ayres, 2010).

Ademais, em meio crise sanitária provocada pela epidemia de gripe espanhola, Carlos Chagas foi nomeado diretor do Departamento Geral de Saúde Pública no ano de 1919. Chagas, renomado cientista formado no Instituto Oswaldo Cruz e discípulo direto de Oswaldo Cruz, sucedeu seu mentor após o

falecimento deste em 1917, assumindo a liderança do instituto. Como diretor do Departamento Geral de Saúde Pública, promoveu reforma nos serviços de saúde federais fundou o DNSP, sendo responsável pela criação de seu regulamento, que foi considerado, à época, um dos mais avançados e completos em termos de normas de higiene e saúde pública (Lima e Pinto, 2003).

O DNSP foi criado pela publicação da Lei nº 3.987, de 2 de janeiro de 1920, e diretamente subordinado ao Ministro da Justiça e Negócios Interior, Dr. Alfredo Pinto. Tendo em vista os múltiplos papéis do departamento, o serviço foi, em seguida, dividido em 3 diretorias: Diretoria dos Serviços Sanitários Terrestres na Capital Federal; Diretoria de Defesa Sanitária Marítima e Fluvial e Diretoria do Saneamento e Profilaxia Rural (Brasil, 1920).

O órgão emergiu no cenário brasileiro como aparelho institucional complexo, com a finalidade de centralizar o comando da saúde pública e ampliar a intervenção do Estado, que é responsável pela execução de ações tanto no então Distrito Federal (Rio de Janeiro) como nos demais estados do território nacional. Formulado por um grupo de homens, médicos e sanitaristas, as proposições da reforma sanitária que foram observadas no Código Sanitário estavam descritas no Decreto nº 14.189, de 26 de maio de 1920, o qual, por sua vez, foi posteriormente substituído pelo Decreto nº 14.354, de 15 de setembro de 1920 (Mascarenhas, 2013).

5.3 O cenário epidemiológico do Rio de Janeiro em 1920

O relatório anual epidemiológico apresentado pelo médico demografista, Dr. Sampaio Vianna, responsável pela seção demográfica do DNSP, apresentou o panorama estatístico demográfico sanitário da cidade do Rio de Janeiro. Nesse documento foi possível identificar que a seção demográfica, vinculada ao DGSP, realizou estudo referente a epidemia da gripe espanhola, entregue a gestão anterior no dia 31 de janeiro de 1919, contudo o estudo não havia sido impresso e distribuído até a confecção do relatório anual (Relatório estatístico demográfico sanitário da cidade do rio de janeiro, 1919).

No relatório entregue pelo Dr. Sampaio Vianna, ao diretor do DNSP, foi possível identificar as múltiplas causas que levaram a população da cidade do

Rio de Janeiro ao óbito no período de 1915 a 1919. Quarenta causas de óbito foram apresentadas no documento, o que permitiu identificar que doenças associadas ao sistema respiratório como: gripe; tuberculose pulmonar; afecções do sistema respiratório; obtiveram 8017 óbitos somente nos anos de 1919, o que representa aproximadamente 32,99% dos óbitos totais naquele ano (Arquivo Nacional, 1919).

Além disso, sob a influência do Dr. Sampaio Vianna, diretor da Inspeção de Estatística, Demografia Sanitária, Educação e Propaganda, vinculada ao DNSP, consolidam a relação entre o processo de comunicação e as políticas públicas de saúde. Desde a criação do DNSP, a propaganda e a educação sanitária foram incorporadas como pilares fundamentais em suas estratégias de comunicação ao proporcionar informação populacional, principalmente no controle das epidemias e boas práticas de higiene (Gama, 2019).

Figura 27 – Óbitos quadriênio 1915-1919 na cidade do Rio de Janeiro

Em resumo, e confrontados os algarismos com os do ultimo quadriennio, foram as seguintes as causas dos obitos de 1919:

	1915	1916	1917	1918	1919
Febre amarella.....	-	-	-	-	2
Peste.....	2	-	1	1	1
Variola.....	258	121	418	222	305
Sarampo.....	286	108	333	128	659
Difteria e crup.....	56	67	89	74	108
Coqueluche.....	137	111	209	182	395
Escarlatina.....	1	3	2	2	2
Grippe.....	584	426	411	12.720	704
Febre typhoide e doencas para- typhicas.....	172	177	97	91	125
Dysenteria.....	170	133	177	236	287
Beriberi.....	24	6	3	1	2
Lepra.....	23	19	24	28	29
Erysipela.....	46	27	36	34	33
Outras molestias epidemicas..	4	3	10	6	8
Paludismo agudo.....	185	118	215	139	317
Paludismo chronico.....	221	224	200	210	205
Tuberculose pulmonar.....	4.233	4.103	4.035	4.748	4.222
Tuberculose meningea.....	60	46	43	43	60
Outras tuberculoses.....	145	114	139	118	127
Infeccao purulenta e septicem- ia (excepto a puerperal)....	157	184	203	214	167
Raiva.....	3	3	8	3	8
Syphilis.....	216	236	270	380	316
Cancer e outros tumores mali- gnos.....	405	376	463	431	468
Outros tumores.....	9	41	5	10	4
Outras molestias geraes.....	474	437	380	323	352
Affecções do systema nervoso..	1.350	1.298	1.333	1.313	1.316
Affecções do aparelho circula- torio.....	2.493	2.178	2.338	2.484	2.423
Affecções do aparelho respi- ratorio.....	2.068	1.838	2.435	2.682	3.091
Affecções do aparelho diges- tivo.....	4.338	3.725	4.324	4.668	5.469
Affecções do aparelho urina- rio.....	822	932	1.059	1.024	924
Affecções dos orgaos genitales	38	34	36	47	41
Septicemia puerperal.....	86	65	77	91	96
Outros accidentes puerperaes da gravidez e do parto.....	91	44	62	70	77
Affecções da pelle e do tecid- o cellular.....	100	77	99	100	115
Affecções dos ossos e dos or- gaos da locomoção.....	12	14	16	15	14
Affecções da primeira idade e vicios de conformação.....	874	813	824	921	793
Senilidade.....	206	181	188	173	178
Mortes violentas (excepto sui- cidios).....	695	585	543	614	505
Suicidios.....	175	115	121	117	120
Molestias ignoradas ou mal de- finidas.....	277	324	282	450	232
Somma.....	21.496	19.306	21.508	35.113	24.300

Fonte: Relatório estatístico demográfico sanitário da cidade do rio de janeiro, 1919.

A mudança no cenário político sanitária no Brasil, em específico na capital federal, Rio de Janeiro, pós epidemia da gripe, permite a reflexão sobre a idealização de segurança sanitária que o governo almejava, posto o investimento técnico-científico e econômico até a materialização do DNSP, de modo que é possível inferir, a necessidade de se criar uma ideologia, por meio da veiculação de registros noticiosos, jornais, para construir no imaginário que as medidas adotadas pelo Dr. Carlos Chagas foram suficientes e eficazes para proteger a nação da recrudescência da moléstia que, novamente, assolava o mundo.

Além da gripe, a cidade do Rio de Janeiro também enfrentava outros desafios epidemiológicos, como reaparecimento da febre amarela em 1919 e a continuidade de outras doenças conforme a figura 27, que evidenciou os motivos dos óbitos no quadriênio 1915-1919, que podem ter sido utilizadas como pano de fundo para retirar o foco do processo epidêmico que a espanhola ocasionou.

A urbanização acelerada e a desigualdade socioeconômica contribuíram para a persistência desses problemas de saúde pública. Carlos Chagas, à frente do DNSP, buscou intensificar as campanhas de vacinação e as ações de saneamento, inspiradas nos esforços anteriores de Oswaldo Cruz, para conter essas epidemias e modernizar a saúde pública na cidade. As ações de saúde no Rio de Janeiro durante esse período foram essenciais para validar o modelo sanitário que buscava lidar com os desafios epidemiológicos de uma cidade em rápida transformação e vulnerável a crises de saúde (Benchimol, 1999).

Figura 28 – Retorno da gripe espanhola pelo jornal Gazeta de Notícias

A volta da "hespanhola" !

Grande numero de casos fataes a bordo do "Malte"

A ida desse navio para o Lazareto



O "Malte", o fóco de "hespanhola"

Fundeou, á tardinha de hontem, no nesso porto, o paquete francez "Malte", da Chargeurs Réunis, procedente do Havre.

O inspector sanitario Dr. Newton de Campos foi visital-o, voltando pouco depois, declarando ás demais autoridades do porto estar o "Malte" interdctado.

A seu bordo, desde o dia 1 de janeiro até hoje, haviam fallecido cinco pessoas de gripe cerebral, de forma pneumonica e intestinal, exactamente a "hespanhola" que nos atacou em fins de 1918!

E não foi preciso ao Dr. Newton de Campos inquirir o medico do navio, pois que esse facultativo veio esbaforido ao encontro de S. S., pedindo a interdicção do "Malte".

Tivera um trabalho lusano durante a viagem, como demonstra o seu relatorio, concebido nos seguintes termos.

AS PROVIDÊNCIAS DA SAUDE PUBLICA

De posse dessas informações, o Dr. Newton de Campos regressou immediatamente á terra, procurando immediatamente comunicar-se com o Dr. Carlos Chagas, director da Saude Publica.

S. S. não estava na sua repartição, no seu escriptorio, nem na sua residencia, o que não impediu aquelle seu subordinado de tomar as urgentes providencias que o grave caso exigia.

Assim, o Dr. Newton de Campos ordenou ao commandante do "Malte" que partisse immediatamente para o Lazareto da ilha Grande, logo que recebesse generos alimenticios.

Um auxiliar doutorando encarregou-se da fiscalisação do embarque dessa carga, enquanto o Dr. Newton de Campos ordenava o aprestamento do rebecador "Republica" para a desinfecção do "Malte", naquelle ilha.

O LAZARETO NÃO ESTÁ EM CONDIÇÕES

Diariamente a imprensa, como ainda hontem o fizemos, se refere ao criminoso estado de abandono em que se acha o Lazareto da ilha Grande, onde tudo falta. Como as epidemias não se fazem annunciar, é facil de calcular o mal que disso advem para o estado sanitario da cidade, exposta á contaminação de epidemias como a que assolou o "Malte".

Não dispondo de aparelhamento, o referido Lazareto impediria que a "hespanhola" accometta aquella zona e mesmo as circumvizinhas? — é a pergunta que se acode á população afflicta.

Fonte: Gazeta de Notícias, 08/01/1920 p.01.

O fragmento jornalístico, figura 28, publicado pelo periódico Gazeta de Notícias, situacionista, permite observar apontamentos para a possibilidade da recrudescência de um novo surto epidêmico da gripe espanhola no Brasil. A matéria do tipo notícia, veiculada na primeira página, caracteriza a necessidade

de informar os leitores sobre as ocorrências daquele momento, entretanto a posição da diagramação, zona 4, entendida como morta, por não compreender o eixo principal de visão do leitor, remete a intencionalidade do editor em não proporcionar ênfase para o conteúdo descrito no texto, também identifica-se a imagem do pacote, recurso utilizado para compor a notícia e direcionar o leitor a entender que a doença era transportada pelo mar.

Ademais, o fragmento jornalístico no contexto político sanitário, permite analisar a notória preocupação das autoridades em evitar que se instalasse novamente o caos social em decorrência do retorno da gripe espanhola, haja vista que, o DNSP havia sido criado 06 dias antes da veiculação desta notícia, o que poderia descredibilizar o departamento, de modo que a influência do governo dentro do periódico, *Gazeta de Notícias*, situacionista, pode ter sido utilizada para amenizar o momento adverso que já estava ascendendo no cenário internacional.

Devido ao medo do reaparecimento da epidemia no Brasil, foi observado nos registros jornalísticos algumas condutas do Dr. Carlos Chagas, como: desinfecção das malas postais advindas de embarcações com passagem em portos com casos, suspeitos ou confirmados; quarentena e desinfecção das embarcações; reforma dos lazaretos; reabertura de postos de assistência e necessidade de atestado sanitário para atracação das embarcações. Ademais, foi possível identificar que houve, de fato, maior preparação do governo para lidar com a crise sanitária, e isso se deve, em específico, ao processo de reorganização do serviço de saúde, baseado na experiência da epidemia de 1918, que proporcionou um arcabouço de conhecimento útil à demanda de 1920 (Schwarcz e Starling, 2020).

Figura 29 – Preocupações sanitárias

Dadas as severas precauções das autoridades sanitárias, o caso do paquete "Malte", que hontem aportou á Guanabara repleto de "hespanholados", não é motivo para maiores sobresaltos da população. Em todo o caso, não parece de bom aviso que o publico confie de mais nessas providencias, ao ponto de esquecer das cautelas que lhe cumpre adoptar por si mesmo diante da ainda não desfeita ameaça de um recrudescimento do mal.

O "Malte", que trouxe numerosos casos de grippe, quasi todos sob as mais perigosas formas, foi para o Lazareto. Quererá isto dizer que estamos a salvo de uma nova incursão da "hespanhola"? De certo que não. E também não nos devemos surpreender que, dequi por diante, outros navios, em iguaes ou peores condições, entrem no nosso porto. Dahi a necessidade do maior cuidado, de uma rigorosa asopria, de absoluta abstenção de

certos excessos tidos como provocadores da terrivel molestia.

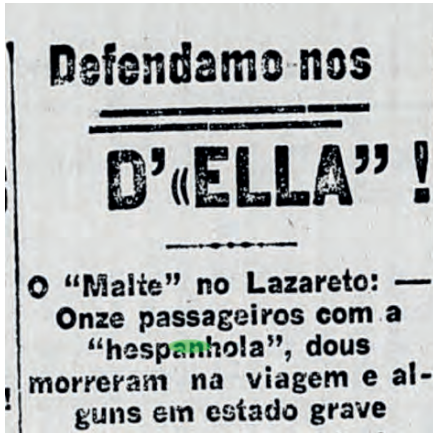
Convenhamos que seria inopportunnissima a repetição da visita da "hespanhola" nesta quadra de carnaval, de grandes e numerosas diversões collectivas. Se da outra vez, num quasi fim de anno tranquillo, numa estação favoravel, ella produziu tantos e tão cruéis males maléficos, imagine-se a devastação que faria agora, com as ruas cheias de carnavalescos, em plena canicula asphyxiante.

A maxima providencia é, portanto, aconselhavel neste momento.

Fonte: Gazeta de Notícias, 08/01/1920. p.1

O fragmento 29 veiculado pelo jornal Gazeta de Notícias, no dia 08 de janeiro de 1920 na primeira página em zona de visualização 03 entendida como morta, caracteriza o dever informativo da imprensa, nele é possível identificar preocupações das autoridades de saúde relacionada ao estado sanitário do paquete Malte e potencialmente com a aglomeração de pessoas que o carnaval desencadeava na cidade, entretanto a ausência de destaque no processo de diagramação infere que o editor do periódico não desejava alarmar a população sobre a recrudescência de a moléstia invadir a cidade do Rio de Janeiro, que naquele momento já grassava o cenário internacional, contudo a utilização da primeira página possibilita entender a relevância do conteúdo. Conforme Garambone (2003) a qualidade da notícia se tornou mutável sendo capaz de traduzir ao leitor somente o que realmente era de interesse dos políticos ou até mesmo da imprensa.

Figura 30 – Pacote Malte



Do director do lazareto da ilha Grande, para onde foi hontem, á noite, o vapor francez "Malte", para ser desinfectado, tal o seu estado sanitario, conforme publicamos em 2º cliché, recebeu, hoje, o director geral de Saude Publica, o seguinte telegramma:

"Acabo de visitar o vapor "Malte", procedente de Vigo, conduzindo 766 passageiros, sendo 632 em 3ª classe. Desses passageiros, apenas 33 se destinam ao Brasil. Na enfermaria de bordo encontrei 11 doentes de gripe, achando-se alguns em estado grave. Dous doentes já haviam fallecido momentos antes da chegada. Vou desembarcar os doentes e, depois, os demais passageiros, afim de fazer um rigoroso expurgo. Necessito da vinda de força de policia para a manutenção da ordem, podendo vir 15 praças e um official. Peço tambem mandar 15 desinfectadores praticos no servico e mais dous enfermeiros, que podem vir no "Republica".

O Dr. Carlos Guegas, logo que recebeu o despacho acima, providenciou sobre a partida, hoje mesmo, para a ilha Grande, do rebocador "Republica", levando a força policial, uma turma de desinfectadores, enfermeiros, desinfectantes, generos, etc.

Fonte: A Noite, 08/01/1920. p.4

A matéria do tipo notícia publicada pelo jornal A Noite no dia 08 de janeiro de 1920, disserta sobre a situação sanitária dos passageiros no pacote francês "Malta", que chegava ao Brasil. A forma como foi inserido o título no texto demonstra a intencionalidade alarmista da imprensa ao fazer a cobertura da ocorrência. O texto informa que, dos passageiros do navio, 11 estavam com gripe, dois dos quais morreram durante a viagem, e outros se encontravam em estado grave. Ao chegar, no Rio de Janeiro, o navio foi encaminhado ao lazareto de Ilha Grande para desinfecção e quarentena, ainda descreve que as autoridades foram comunicadas e a ação do governo para o controle sanitário.

Deste modo, cabe salientar que a diagramação da página do jornal é fundamental para direcionar a intencionalidade do editor, o enquadramento das matérias deve conduzir o olhar do leitor, sendo assim, ao analisar a figura 30, percebe-se no título "Defendamo-nos D'ELLA!", o uso de recursos de atração visual como caixa alta, negrito e a centralização do texto, reforça o destaque, o caráter alarmante e a urgência. Ademais, a escolha do editor em posicionar a matéria na zona de visualização 01, primária, pode ser entendida como inten-

cional, pois possibilita o leitor captar a informação ao abrir a página com maior agilidade (Silva, 1985).

Ademias, foi possível compreender o papel dos jornais durante o período da terceira onda da gripe espanhola em 1920, desempenhava função de mediador entre os interesses sociais e políticos. Sendo assim, não podemos considerar a comunicação um processo neutro de transmissão de informações, mas uma prática social imbuída de significados e interesses de um grupo. Nessa perspectiva, a imprensa brasileira de 1920 não se limitava a um único posicionamento, como ator social, ora estava alinhado ao governo, situacionista, ou em oposição a ele, conforme os interesses e as relações de poderes envolvidos (Martino, 2014).

Figura 31 – Pacote Garonna

DESTA VEZ FOI O "GARONNA"

OITO OBITOS E MAIS DE TRINTA ENFERMOS

O medico de bordo declara :
"L'etat sanitaire actuel est satisfaisant !"

Mais um paquete em pessimas condições sanitarias fundeu em nosso porto durante o dia. Trata-se de um vapor francez, já muito nosso conhecido — o "Garonna".

Depois do "Malte" e do "Plata", que aqui chegaram, ha dias, com gripe pneumonica e que foram mandados para o Lazareto, a Guanabara hospedou, por algumas horas, mais um navio francez cabuloso. O "Garonna" veio de Bordeaux e escalas, e logo depois de fundeado recebeu a visita do Dr. Newton de Campos, inspector da Saude do Porto.

O medico de bordo, além de prestar declarações verbaes a essa autoridade do porto, fez entrega do seguinte documento, escripto pelo commandante do navio:

"Eu, Biemont Abel, capitão do paquete francez "Garonna", declaro, sob minha palavra de honra, que parti de Bordeaux em livre pratica no dia 9 de dezembro de 1919 e fiz escalas em Vigo, Leixões, Lisboa e Pernambuco, onde embarquei e desembarquei passageiros e mercadorias diversas, portos esses considerados em bom estado sanitario. Declaro, outrossim, não ter tido em alto mar communicação com outro qualquer navio e affirmo que nada de anormal occorreu a bordo, concernente à saude publica; declaro, enfim, que todos os passageiros, gosaram e gosam actualmente de boa saude, conforme o attestado medico. Todos os passageiros foram vacinados. (Assignado) *Biemont Abel.*"

No verso desse documento está escripto: "Relação dos passageiros mortos durante a viagem e respectivas datas dos obitos: Maria Rosa Nogueira e Rosa Barrio, no dia 1; Celsa Gonzalez, no dia 2; Antonio Joaquim e Claudia Ribeiro, no dia 3; Innocencio Vidal no dia 4; Manoel Gonçalves e

Manoel Barros, no dia 6. Todos elles foram victimados pelo typho. O ultimo passageiro morio entrou para a enfermaria no dia 27 de dezembro e recousa sempre todo e qualquer alimento. Depois de 4 de janeiro não houve mais "casos" novos de typho. A epidemia havia sido debellada. Foram feitas numerosas desinfecções de enxofre e de cretyl, todos os dias. — (Assignado) *Dr C. Rosas.*"

O Dr. Newton de Campos, deante dessas declarações, e não sabendo afinal, ao certo, qual a epidemia que grassa a bordo do "Garonna", pois, além dos oito obitos verificados durante a viagem, existem a bordo para mais de trinta passageiros enfermos, deliberou enviar o navio para o Lazareto, da ilha Grande, Penna S. S. que se trata da "hespanhola", pois o "Garonna" tocou em Vigo, onde grassa intensamente a terrivel peste.

O "Garonna" foi intimado a tomar agua na enseada de Jurujuba e ficou inteiramente isolado de qualquer communicação com a terra. O doutorando Pereira de Azevedo foi quem fiscalizou o serviço da aguada.

Fonte: A Noite: 12/01/1920. p.4

É possível notar que o fragmento jornalístico publicado na zona secundária de visualização proporciona realçar informações com características de maior detalhe, a intencionalidade do editor em fornecer crítica pode ser velada, entretanto utiliza recursos visuais e textuais para capturar e manter a atenção

do público como título o número evidente de óbitos e doentes em caixa alta e negrito (Silva, 1985). A utilização deste estilo jornalístico reforça o papel da imprensa como mediadora entre a realidade e a percepção social da crise sanitária, ao mesmo tempo em que evidencia tensões coletivas.

Figura 32 – Pacote Garonna preocupações sanitárias

<p>Chegou o "Garonna"</p> <p>As precauções das nossas autoridades sanitarias</p> <p>Vindo de Bordeaux e escalas, fundeou hontem no nosso porto o paquete francez "Garonna", sob o commando do capitão Blemont Abel.</p> <p>Visitado pelo inspector da Saude do Porto, dr. Newton de Campos, o medico de bordo fez entrega a essa autoridade do seguinte documento, escripto pelo capitão do navio.</p> <p>"Eu Blemont Abel, capitão do paquete francez "Garonna", declaro, sob minha palavra de honra, que parti de Bordeaux em livre pratica no dia 9 de dezembro de 1919 e fiz escalas em Vigo, Leixões, Lisboa e Pernambuco, onde embarquei e desembarquei passageiros e mercadorias diversas, portos esses considerados em bom estado sanitario. Declaro outrossim não ter tido em alto mar communicação com outro qualquer navio e affirmo que nada de anormal occorreu a bordo, concernente a saude publica; declaro, enfim, que todos os passagerei-</p>	<p>ros, gosaram e gosam actualmente de boa saude, conforme o attestado medico. Todos os passageiros foram vaccinados. (Assignado) Blemont Abel."</p> <p>No verso desse documento está escripto:</p> <p>"Relação dos passageiros mortos durante a viagem e respectivas datas dos obitos: Maria Rosa Nogueira e Rosa Barrio, no dia 1; Celsa Gonzalez, no dia 2; Antonio Joaquim e Claudia Ribeiro, no dia 3; Innocencia Vidal, no dia 4; Manoel Goncalves e Manoel Barros, no dia 6. Todos elles foram victimados pelo typho. O ultimo passageiro morto entrou para a enfermario no dia 27 de dezembro e recusou sempre todo e qualquer alimento. Depois de 4 de janeiro não houve mais "casos" novos de typho. A epidemia havia sido debellada. Foram feitas numerosas desinfecções de enxofre e de cretyl, todos os dias. — (Assignado) dr. C. Rosos."</p> <p>O dr. Newton de Campos, diante dessas declarações, resolveu enviar o navio para o lazareto de Ilha Grande.</p> <p>Pensa s. s. que a epidemia que grassa n bordo do "Garonna" é a "hespanhola", visto ter o paquete tocado em Vigo.</p>	<p>O barco da "Sud Atlantique" foi intimado a tomar agua em Jurujuba, ficando inteiramente isolado de qualquer communicação com a terra. Motivo: essa concessão o facto de ter o commandante Bremont declarado não lhe ser possivel seguir immediatamente para a Ilha Grande.</p> <p>Terminado, porém, o fornecimento de agua e como retrucasse o capitão que ainda não era sufficiente a quantidade tomada desse liquido, a Saude do Porto respondeu-lhe que 130 toneladas eram o bastante, tomando, então, providencias energicas.</p> <p>Todo o serviço foi fiscalizado pelo sr. Joaquim Pereira de Azevedo, auxiliado pelo sr. Max Frant...</p> <p>Um sub-inspector da P. M. enfermo</p> <p>De volta de uma visita a bordo do <i>Malle</i>, de quarentena, ao largo, caiu doente, com febre alta e vomitos, o sr. Almanzor Chaves, da Policia Maritima.</p>
---	---	--

Fonte: Correio da Manhã, 13/01/1920. p.3

A notícia veiculada pelo periódico Correio da Manhã, no dia 13 de janeiro de 1920, na zona de visualização 4, morta, corrobora com a publicação do jornal A noite exposto na figura 31, ambos possuíam caráter oposicionista ao governo, descrevem o cenário epidemiológico do pacote francês Garonna, entretanto a característica de não realizar duras críticas a saúde pública conduzida por Carlos Chagas na terceira onda da gripe espanhola pode deixar implícito que havia alguma relação entre os periódicos e o governo, de forma a inferir que a relação de oposição era relativizada no que abrangia o processo da saúde pública.

Figura 33 – Estado sanitário Garonna

As ultimas informações sobre o estado sanitario do paquete francez *Garonna* são bem curiosas.

O medico bacteriologista do lazareto da ilha Grande affirma ter verificado que nenhum dos passageiros se acha atacado de molestia infecto-contagiosa. A maior parte delles soffre de doenças de facil tratamento: abcessos, amygdalite, etc. Está, portanto, afastada a ameaça do typho e da "influenza hespanhola", que se acreditava que o *Garonna* nos houvesse trazido de Vigo. Isso já é um grande alivio.

Mas, por outro lado, são as proprias autoridades sanitarias do Rio de Janeiro que dizem que o vapor precisa de um rigoroso expurgo, isto é, de uma desinfecção, de uma limpeza. E é o que deve impressionar os agentes da companhia a que pertencem não só

panhia a que pertencem não só elle como todos os outros pequenos vapores francezes, que têm ultimamente chegado ao porto no mesmo estado. E' preciso que a repetição desses factos, com o caracter alarmante que apresenta, seja conhecida da direcção da empresa, em França.

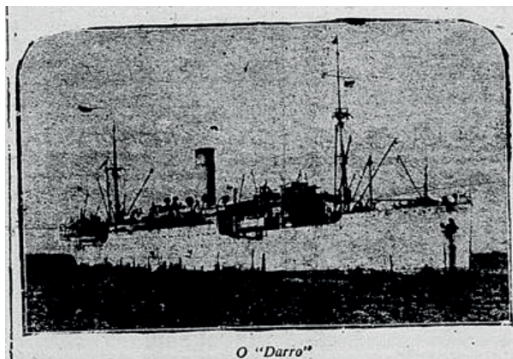
Os paquetes francezes, como se sabe, fazem, não raro, escala em portos hespanhóes. As noticias que nos vêm da Hespanha são realmente assustadoras. Grassam naquelle paiz as mais diversas e perigosas epidemias. Os proprios telegrammas de Madrid noticiam o incremento consideravel e a propagação rapida da grippe. Se aos perigos do contagio, pela estadia nos portos hespanhóes, os pequenos navios juntam ainda o da falta de hygienè a bordo, estaremos ameaçados dum mal duplo, que é trabalhoso para o Brasil estar a prevenir com a interdicção repetida dos vapores francezes.

Fonte: Correio da Manhã, 15/01/1920. p. 2

Ademais conforme identificado na figura 33 o editor do periódico Correio da Manhã veicula notícia referente ao estado sanitário do paquete Garonna no centro óptico, zona de visualização 5, de forma a destacar na página do jornal, a informação que pretende que o leitor absorva com maior agilidade (Silva, 1985). O conteúdo com afirmações que afastam a possibilidade de gripe espanhola na embarcação ratificado pelo médico bacteriologista pretende constatar que o Carlos Chagas applicava medidas sanitárias eficazes, ao mesmo tempo constrói uma narrativa de ideologia sanitária eficiente com apontamentos para, mesmo com realização de paradas em portos de nações estrangeiras no

qual a moléstia continua a acometer, permanecemos sem a identificação da doença no Rio de Janeiro.

Figura 34 – Paquete Darro



O "Darro"

A affluencia de navios empestados ao nosso porto está a exigir do nosso governo medidas severísimas, draconeanas mesmo. A Argentina, que tem a sorte de ser visitada pelos transatlânticos, depois que estes são desinfectados no Lazareto da Ilha Grande, não deixa de assim proceder, tendo em vista que a Europa está assolada por muitos males epidêmicos.

Na manhã de hontem, fundeou no nosso porto, vindo de Southampton, o paquete "Darro", da Mala Real Inglesa. Isso a despeito da informação fornecida na vespera, por essa empresa, de que o navio seguiria directamente para o Lazareto da Ilha Grande, por se ter encontrado durante a travessia alguns casos de gripe pneumónica.

Essa contra-resolução foi motivada pela necessidade que tinha o "Darro" de abastecer-se de viveres,

uma vez que o accumulo de serviço no Lazareto prolonga a estadia all dos navios em quarentena.

Chamando á escada o medico de bordo, soube o Dr. Sardinha, inspector sanitario maritimo, que durante a viagem falleceram dois passageiros, um de angina pectoris e outro de pneumonia, bem como que, na enfermaria, estavam 13 enfermos de gripe pneumonica.

Um dos mortos é o Sr. Joaquin da Silva Rego, industrial em Campos, embarcado em Lisboa.

Ao fim do segundo dia de viagem deu-se o seu fallecimento.

Quando o "Darro" fundeou, já haviam sido tomadas as necessarias providencias para encurtar a sua estadia no nosso porto, de maneira a seguir elle, pouco depois, com os seus 800 passageiros, para o Lazareto.

Fonte: Gazeta de Notícias, 26/01/1920. p.1

A utilização da imagem do paquete Darro na figura 34, veiculada pelo jornal Gazeta de Notícias, situacionista, na primeira página do dia 26 de janeiro de 1920, na zona de visualização 5, foi utilizada de forma ilustrativa para compor a reportagem, mostrando para a população que as embarcações eram encaminhadas para o processo de desinfecção ou quarentena nos Lazaretos, medida

sanitária imposta por Carlos Chagas para controlar ou evitar que a gripe espanhola reaparecesse na cidade do Rio de Janeiro.

Figura 35 – O paquete Veenberg

Defendamo-nos da "hespanhola"!

O canhão indicando o ancoradouro da visita sanitaria

O "Veenbergen" parou, mas a Saude do Porto não sabia...



O "Veenbergen", que recebeu o baptismo de... polvora secca

UM INSPECTOR SANITARIO E UM MEDICO DE BORDO APRESSADOS — O DEFUNTO FICOU A BORDO!

Commentava-se hontem, no Pharo, um facto que não deixa de ter gravidade, occorrido por occasião da chegada do paquete nacional "Macapá".

E' o caso que o Dr. Newton de Campos, com receio de perder o trem de Petropolis, deixou todo o serviço de inspecção sanitaria do referido navio a cargo do auxiliar, academico Candido Godoy, isto, precisamente, quando o "Macapá" ia atracar, e, na occasião, fallecia um innocente, apesar de haver a bordo tres doentes em estado febril!

O morto era o menino Raymundo, de mezes apenas, filho do passageiro Luiz Muniz, e o pequenino cadaver permaneceu a bordo até o dia seguinte, porque o Dr. Newton, bem como o medico do navio, haviam "zarpado" e o Dr. Lopes da Cruz, collega daquele, não quiz passar attestado de obito.

Acresce, para mostrar a gravidade do caso, que havia a bordo um caso de varíola, como verificou o academico Candido Godoy, que inspecionou sosinho todos os passageiros do 1º e 3º decks, do

Fonte: Gazeta de Notícias, 29/01/1920. p.3

Foi possível identificar que o jornal Gazeta de Notícias, na terceira onda da gripe espanhola, por sua proximidade de ideais com o governo auxiliou de forma velada a narrativa para criação de uma ideologia sanitária ao destacar as ações coordenadas por Carlos Chagas, aumentava a confiança da população nele, o que corroborou para legitimar as decisões governamentais (Chalhoub, 1999).

Ademais a abordagem situacionista do periódico Gazeta de Notícias foi evidenciada na figura 35, pois mitigava críticas e o pânico social, ao veicular as medidas sanitárias como ações necessárias e bem conduzidas, sendo assim foi perceptível o auxílio do jornal na condução de ratificar o papel do Estado como protetor da saúde pública e consolidava Carlos Chagas como referência de autoridade científica e sanitaria.

Figura 36 – Cenário da saúde pública

Não pôde constituir nenhuma novidade sensacional a notificação de alguns casos de gripe, verificados nesta Capital e em Nictheroy. Effectivamente, desde que essa molestia aqui appareceu, em outubro do anno atrasado, com caracter de franca epidemia, nunca mais deixou de figurar no quadro de obitos, como aliás figurava antes, com outros nomes. Apenas, como o numero de victimas era relativamente pequeno, não havia motivo para nenhum alarma, e assim fomos vivendo, ou, melhor, morrendo da maestia, sem lhe dedicarmos uma grande importancia. Podiamos neste espaço de tempo ter melhorado

essas condições sanitarias, aparelhado mais efficientemente o nosso systema de defesa hygienica. Não o fizemos. E' preciso recordar que o Sr. Carlos Seidl havia desorganizado inteiramente a Directoria Geral da Saude Publica, com a sua incommensuravel incompetencia, e o seu successor foi o Sr. Theophilo Torres, que — não obstante ter servido sob os ordens de Oswaldo Cruz e realisado alguns serviços apreciaveis, qual o saneamento da Victoria, no Espirito Santo — como chefe de repartição não foi melhor que seu antecessor. O Sr. Seidl e o Sr. Torres dirigiram a Saude Publica por mais de seis annos e, como lhes faltava prestigio scientifico e autoridade administrativa, o Congresso foi, de anno para anno, cortando

as verbas destinadas áquella repartição. O corte ahí está bem explicado, para isentar o Legislativo da responsabilidade do desmantelamento da Hygiene: é que elle comprehendia a inutilidade de manter ou augmentar as despesas com a Saude Publica. Quanto dinheiro ali cahisse seria em pura perda, porque os directores não entendiam do officio e, pois, não saberiam despensal-o com proveito. Eis porque sempre pediamos se puzesse á testa de tão importante departamento administrativo um homem que bem o conhecesse, que tivesse a formidavel capacidade de trabalho de Oswaldo Cruz e fosse um nome acatado nos meios scientificos, porque só assim reconstituirmos a obra do saudoso scienista que extinguiu a febre amarella no Rio de Janeiro.

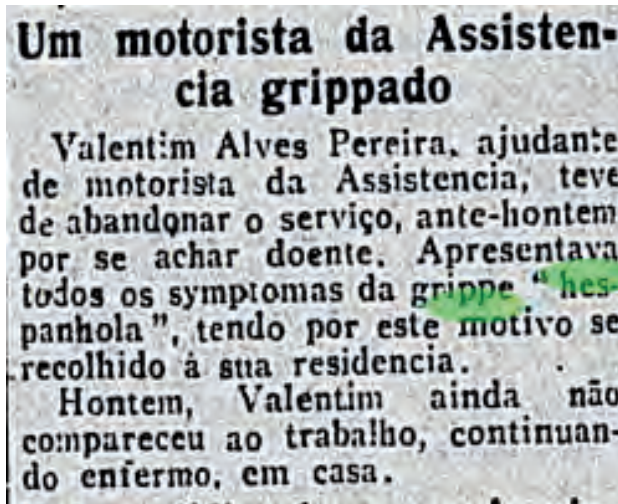
O Sr. Carlos Chagas estava bem nessas condições e a sua escolha foi recebida com applausos. Até agora não ha um só facto — e, si houvesse, seriamos os primeiros a apontar — que o desmereça da nossa confiança. O Sr. Carlos Chagas está na Saude Publica a menos de um anno e não seria em tão pouco tempo que poderia fazel-a entrar nos eixos, voltar ao que era na época de Oswaldo Cruz. E' preciso muito esforço para se conseguir esse verdadeiro milagre.

Fonte: Gazeta de Notícias, 06/02/1920. p.1

O Jornal Gazeta de Notícias apresenta na primeira página na zona de visualização primária a reportagem que remete o destaque negativo de Carlos Seidl e Teófilo Torres frente à DGSP, no ano de 1918, ao evidenciar a incapacidade de lidar e organizar formas eficazes no combate a gripe espanhola durante a segunda onda. Ademais, ressalta no texto jornalístico a capacidade do discí-

pulo de Oswaldo Cruz, o médico Carlos Chagas, em reorganizar o agora DNSP e conduzir a terceira onda da gripe espanhola, com maestria que proporcionou recuperar a confiança e respeito da população, pois ao contrário de seus antecessores entendia que o êxito dependia da conscientização popular (Gazeta de Notícias, 1920 p.1).

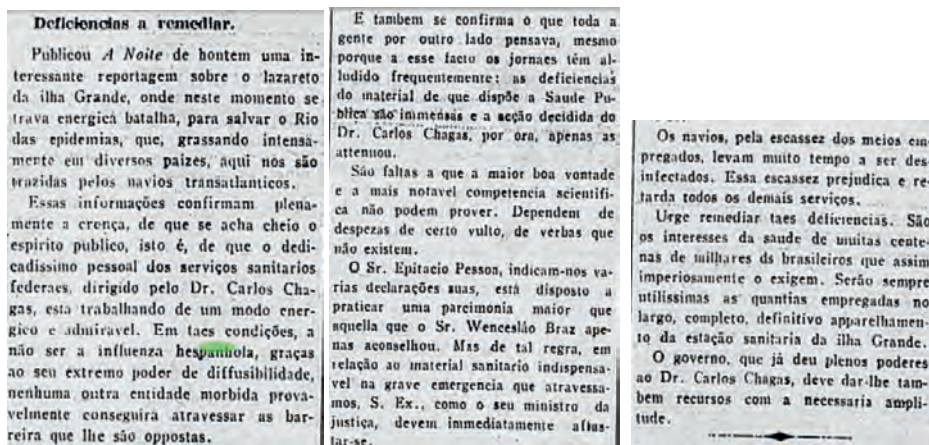
Figura 37 – Acometimento da equipe de assistência



Fonte: Correio da Manhã, 07/02/1920. p.3

O texto jornalístico por vezes utiliza-se do discurso sensacionalista para atingir o leitor, é possível identificar na figura 37 que o editor do jornal Correio da Manhã aproveita essa estratégia no título da nota publicada em 07 de fevereiro de 1920 para provocar impacto aos leitores e de forma velada criticar o governo, ao deixar subentendido no decorrer do texto a possibilidade do surgimento de um caso de gripe espanhola dentro do DNSP por meio do acometimento de um motorista (Angrimani, 1995).

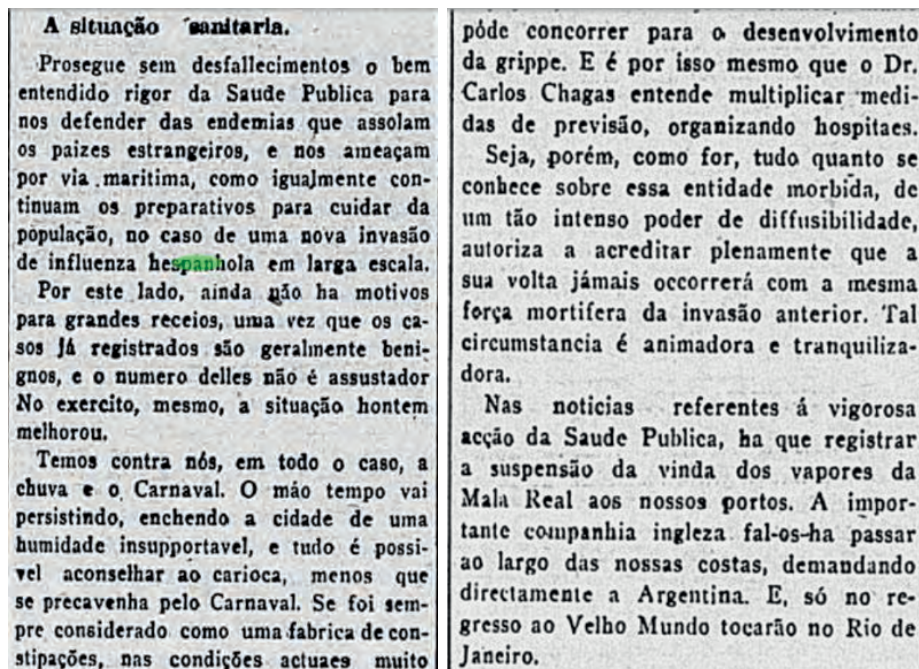
Figura 38 – Serviços sanitários



Fonte: O Paiz, 10/02/1920. p.3

A figura 38 e 39 veiculadas pelo periódico O Paiz respectivamente nos dias 10 e 11 de fevereiro de 1920, abordam a situação sanitária no contexto epidemiológico da gripe espanhola na cidade do Rio de Janeiro, é possível identificar em ambas há intencionalidade do editor em evidenciar o sucesso das medidas sanitárias adotadas por Carlos Chagas, haja vista que, as duas reportagens foram diagramadas na zona de visualização 5, centro óptico, que proporciona maior destaque na folha do jornal, esse realce se faz necessário para a construção da narrativa sanitária, pois se a população não aderisse as medidas propostas por Chagas a eficácia das ações governamentais poderia ser comprometida.

Figura 39 – Situação sanitária



Fonte: O Paiz, 11/02/1920. p.3

A veiculação de matérias jornalísticas com conteúdo que reafirmava a eficácia das medidas sanitárias conduzidas por Carlos Chagas neste período também pode ser entendida como estratégico, haja vista que, era necessário retornar com as atividades festivas como o carnaval que movimentava a economia da cidade do Rio de Janeiro (Butter, 2022).

Segundo Hochman (1998) o discurso era necessário para a construção da percepção de segurança entre a população, de forma a justificar a realização do Carnaval, evento importante para a econômica e cultural, dessa forma os periódicos situacionistas atuaram como mediadores ideológicos para que a sociedade o progresso da saúde pública a partir da inserção de Carlos Chagas, discípulo de Oswaldo Cruz.

Figura 40 – Carnaval

Quatro casos fataes na semana proximo finda

Uma boa noticia para os carnavalescos: a grippe está decrescendo nesta Capital. Havia, antes do carnaval, um certo receio por parte da população desta cidade, relativamente “a hespanhola”, que começara a invadir as quartéis do Exército. E epidemia não teve incremento, felizmente, mas o povo ficou sériamente apprehensivo com a verificação de nove casos fataes da chamada grippe “nostra”, occorridos no Rio, na primeira semana de fevereiro (1 a 7) nas zonas urbana e suburbana.

Houve preocupação das autoridades sanitarias, que temeram o recrudesimento da molestia, e, alghem do meto jornalístico, tomado de pânico, fez correr o boato de que o governo cogitava de transferir os folguedos carnavalescos para quando a cidade estivesse completamente livre do perigo ameaçador. Esse boato, que teve curso muito pequeno, porque desde logo se evidenciou o seu nenhum fundamenta, foi a tempo desfeito officiosamente.

Vejamos agora o decrescimento da grippe. A Saude Publica concluiu hontem o boletim demographo-sanitario relativo á semanaultima, (de 8 a 14) e nelle vimos registrados apenas quatro obitos desta doença, todos occorridos na zona urbana, não se tendo dado nenhum na zona suburbana. Os obitos foram verificados: um a 10, um a 11, um a 12 e um a 13.

Houve, por consequente, uma differença para menos de cinco fallecimentos de grippados, na semana proximo finda.

Os foliões, podem, pois, brincar á vontade hoje, durante todo o dia e toda a noite, até amanhã.

Fonte: Gazeta de Notícias, 17/02/1920. p.6

É possível perceber que o periódico situacionista Gazeta de Notícias veicula em 17 de fevereiro de 1920 que os casos de gripe começaram a diminuir na cidade do Rio de Janeiro, informação relevante no contexto que tanto a população quanto os carnavalescos precisavam dessa “boa notícia” como foi exposta, pois ocorreria em breve o carnaval de 1920. Portanto, a atuação da

imprensa neste momento reafirmação o sucesso de Carlos Chagas em evitar que a gripe espanhola não recrudescesse foi um discurso estratégico para legitimar a ocorrência do Carnaval na cidade do Rio de Janeiro, de forma a consolidá-lo como o protetor da saúde pública e da economia local.

Figura 41 – Gripe no exército



Fonte: Correio da Manhã, 09/03/1920. p.3

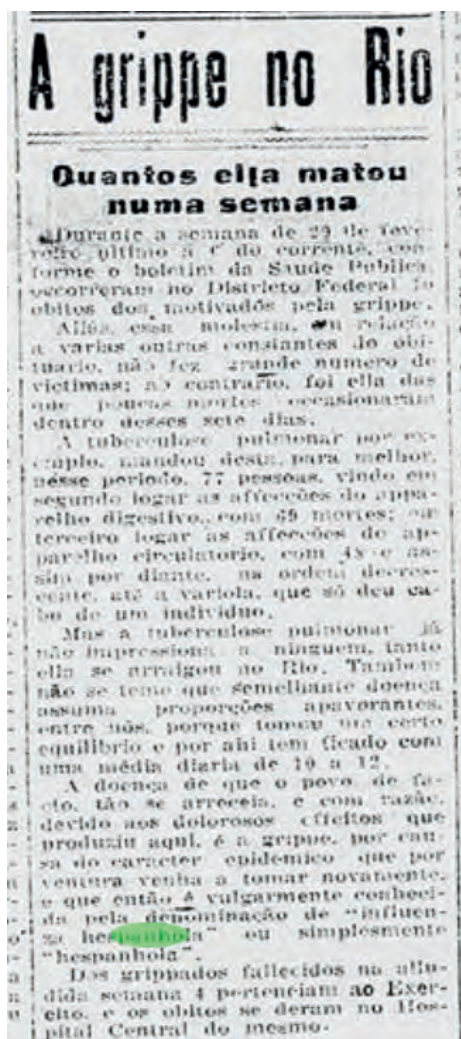
Em 1920, foi observado a publicação de matérias jornalísticas por periódicos opositores, Correio da Manhã, com denúncias de gripe espanhola dentro do exército brasileiro, indicando a intencionalidade do editor de forma velada em realizar uma crítica ao DNSP, a nota veiculada na zona de visualização 3, morta utiliza a informação como instrumento para atacar o governo (Liedtke, 2010).

É perceptível a estratégia de disputa de poder entre os atores da imprensa e DNSP, pois com a proximidade do evento do carnaval, a circulação de matérias que relatavam a possibilidade de um novo surto em instituição de força simbólica como o exército, poderia expor contradições entre o discurso oficial

que construía a narrativa sanitária de Carlos Chagas e o real cenário epidemiológico no intuito de desestabilizar o DNSP.

Segundo Liedtke (2010) ao alimentar a desconfiança pública, rebatendo a narrativa situacionista que buscava consolidar as medidas sanitárias e o DNSP os jornais opositoristas exploravam episódios isolados para questionar a capacidade do estado em proteger a população. O surgimento de casos de gripe no meio militar, evidencia a vulnerabilidade e serve como metáfora do possível fracasso do governo em evitar a recrudescência da gripe espanhola e garantir a eficácia das ações liderada por Carlos Chagas.

Figura 42 – Registros de mortes no Rio de Janeiro



Fonte: Gazeta de Notícias, 13/03/1920. p.2

Para evitar o caos o periódico situacionista Gazeta de Notícias veicula uma reportagem na segunda página do jornal na zona de visualização primária, com elementos que despertam a atenção do leitor, como a utilização do título em negrito, como forma de responder a exposição negativa veiculada pelo jor-

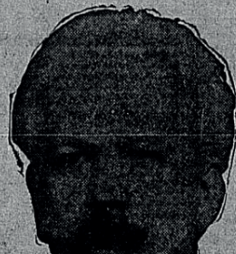
nal Correio da Manhã e ao mesmo tempo proporcionar calma a população, sendo assim, foi divulgado o boletim de saúde pública da capital federal, Rio de Janeiro, com a seguinte apresentação de óbitos: 77 tuberculosos pulmonares; 69 afecções do aparelho digestivo; 48 afecções do aparelho circulatório; 1 varíola; 4 por gripe.

Figura 43 – Protesto e declaração Mouro Lacerda

Protestos e declarações

No Plenário da Opinião Pública

A Autocura-Physica do Dr. Moura Lacerda - Professor, naturalista, de Biocultura e de Automedicina



Eu, brasileiro, cidadão sul luso, republicano, que não vivo da Pátria, auto-curista, professor de physiotherapia integral, declaro aos poderes constituidos, que têm o dever de ouvir-me e atender-me, e perante o povo, que sempre me amparou e defendeu, que não tolero passivamente a perseguição criminosa, aberta e flagrantemente pericardora, que o D. N. da S. Publica, está movendo systematicamente e odiata e relesmente contra a minha personalidade, a minha familia, os meus bens patrimonios e as

prerogativas, que me outorgam e garantem a Constituição de 24 de Fevereiro, o Cod. Penal e o Cod. Civil.

Reajo dentro da Lei, indo, como irei a todos os departamentos do poder representar e requerer contra a mais ignobri das tyrannias — a tyrannia do acambaramento da vida, da saúde e da liberdade dos cidadãos pela colligação de medicos officios do Palacio da Morte, da rua Rezende.

Emquanto não requireo, como vou requerer directamente a esse Departamento acambarador e despota, sem peias, sem sciencia, sem leis e sem moral, porque o que é arbitrário é inconstitucional, não é lei, *is not law*, na phrase de Burke, a prova provada, em publico de que eu curo e a saúde Publica mata, por erro de doutrina e de technica, lavro aqui este protesto contra a pillagem de meus bens, sob uma forma legal hypocrita e de conchavo, multiplex e vezes reproduzida, com o visivel intuito de cansar, esgotar e vencer machiavelmente, visto não haver nem civismo, nem ethica e nem coragem para a verificação publica, séria e honesta, do colossal triumpho, que representa a minha *Synthese* scientifica, a mais perfeita e completa até hoje — a *Autocura-Physica*, a um tempo sciencia, arte, medicina e rejuvenescimento bio-social.

Para defender materialmente os meus bens declaro que já contarei a construção de um consultorio medico-didactico, com todo o mobiliario de *cimento armado*, o que fica consoante á minha logica e á minha acção constructora, que é sempre inderroçavel, edificadas com o cimento armado da fé, da verdade e da sciencia, na Natureza.

Por enquanto continuo, como sempre, á rua dos Ourives 67, a attender a todos e dar-lhes as minhas lições de Bio-cultura e Automedicina, para a effectiva cura, restauração, grandeza e belleza da minha raça.

Protesto contra as fabricas officias de drogas, sãos e venenos, porque o Estado não pôde ser droguita, nem pharmaceutico, nem patrono de laboratorios, porquanto é analfabeto em medicina, em therapeutica, em materia do saude, de eugenia e de hygiene e nem o allegar ignorancia da materia, que é de vida e de morte, lhe pôde forrar á responsabilidade manifesta que tem perante a soberania nacional.

Protesto contra a attitudo dos responsaveis no Senado Federal, que prendem as minhas petições e negam-se systematicamente a ouvir-me, desde 1918 até hoje.

Protesto contra a acção da Camara dos srs. Deputados, que tambem não cuida da salvaguarda da raça e permite que se multipliquem e centupliquem os meios de morte da nação.

Protesto contra a parte do Poder Judiciario, que não defende a Constituição e os nossos codigos, que são as arcas santas das nossas prerogativas e franquias.

Protesto contra uma certa parte da imprensa, da grande imprensa nacional, que sem saber uma palavra de medicina, de hygiene e de therapeutica, se converte em ridiculo realço pago, das sociedades de elogios mutuos, nacionaes e inter-americanas, que querem a fma força crear sabios indigenas, e editar todos os dias novas molestias cerebriñas e fazer prosperar o assombroso industrialismo que dahi nasce, para enriquecer os "trusts", acobertados pelo Reg. do D. N. da S. Publica.

Protesto no terreno pratico, hoje mesmo, contra a embusteira creação das *meningites cerebro-espinaes* e *encephalites lethargicas*, muito necessarias para disfarçar aos olhos do pobre povo a sua devastação quotidiana, por uma molestia de cura banal, como é a *scorpe*, "*hespanhola*", reinante. Essa é, que, agravada pelas drogas e injeções, de que nem o Gigante Escapou, produziu primeiro a bronco-pneumonia e depois, como epilogo tragico do envenenamento drogomaníaco e injectador, invade as meninges. Eu nunca, nem em 1918, nem agora, jamais perdi um só hespanholo; nem quem quer que seja que trate pelas plantas, com sciencia e criterio perderá,

do passo que isso acontece, que a Saúde Publica sabe de tudo isto melhor do que ninguém, não sabendo, porém, como se cura com as plantas e meios naturaes, os medicos na flor da idade e os droguitas estão morrendo escandalosamente e outra vez disimulando as forças armadas, as corporações collectivas, a infancia, as familias e toda a misera população já acadaverada desta miserima e brilhante capital, de um pair de desgraçados, os mais doentes de todo o mundo!

Protesto contra as fitas higienicas de açucareiros, barbeiros, guardanapos, escaradeiras, mata-moscas, caça-mosquitos, pescalombriñas e quejandas, para fazer jus a larguissimos honorarios e promover asbombras dragagens multiformes do erario publico e do suor do povo, o imposto, que é o seu sangue. Este protesto fago tambem como pagante de sempre, que sou, porque não sou funcionario publico e nem meus filhos o são; tambem não quero que elles venham a sê-lo.

Brevemente, darei inicio ás minhas representações postivando e provando tudo, no plenario da soberania nacional.

Iniciarei a acção social, de restauração anthropologica, principalmente do Brasil, por um grande "meeting", em 14 de setembro, falando sobre a "immortal" obra de *Dionis*; o maior poeta, que o mundo produziu até hoje. Hei de, applicando á actualidade a obra divina, mostrar onde está o verdadeiro *Inferno*, onde fica o *Purgatorio dos vivos* e como se atingirá ao *Paraiso da saúde plena*, do amor santo, da felicidade real e da belleza eterna — em Deus, na Luz e na Natureza!

Rumo á Natureza! Quem ensina o salvar, quem salva? **DR. MOURA LACERDA.**
Rua dos Ourives 67 — de 11 á 21 de setembro.

Fonte: Correio da Manhã, 31/08/1921. p.7

Foi identificado em agosto de 1921, que o periódico *Correio da Manhã* também foi utilizado como palco para o debate político, denúncias, publicação de protestos e declarações públicas de setores descontentes. As manifestações nos jornais proporcionavam espaço a diferentes atores que buscavam legitimar suas vozes e interpretações sobre a saúde pública, que por vezes apresentavam divergência entre a posição das autoridades públicas.

5.4 Posição das autoridades nos jornais: aspectos políticos sanitários e econômicos

Não se pode negar que a gripe espanhola impactou de forma especial o universo político. A morte prematura de Rodrigues Alves, 1919, em decorrência da doença, a falta de opções entre a velha guarda da política forçou a escolha de um ancião doente, Delfim Moreira (1918-1919), para substituí-lo, permaneceu no cargo até o ano de 1919. Eleito para cumprir o pleito de 1920-1922, Epitácio Pessoa, paraibano, na época com 54 anos, tornou-se opção por ser considerado membro da nova geração da política. Além disso, tinha experiência como deputado federal, ministro da Justiça (gestão de Campos Salles, entre 1898 e 1902), procurador geral da república e ministro do Supremo Tribunal Federal (Vizeu, 2019).

Em 1920, o Brasil ainda vivenciava os efeitos sociopolítico econômico da guerra e da gripe espanhola, que havia atingido o país de forma intensa no final de 1918. As autoridades de saúde, preocupadas com a possibilidade de um novo surto, tomaram medidas preventivas, reflexo do aprendizado do conturbado ano de 1918, quanto as fragilidades persistentes no sistema de saúde brasileiro. Ator de destaque nesse cenário, Carlos Chagas, então diretor do Departamento Nacional de Saúde Pública, liderou esforços para evitar um novo colapso sanitário. A política de saúde pública nesse momento estava focada na vigilância epidemiológica, no monitoramento rigoroso de casos suspeitos e na educação da população para práticas preventivas (Benchimol, 1999).

O Brasil vivia, desde a guerra (1914-1918), com déficits orçamentários. As ações de financiamento do DNSP advinham do Fundo Sanitário Especial, cuja renda era oriunda da taxação de bebidas alcoólicas, dos cassinos em funcionamento, da venda do selo sanitário e da renda dos laboratórios subordi-

nados ao Ministério da Justiça e Negócios Interiores, entre outros (Sanglard, 2008).

O governo de Epitácio Pessoa, assumiu a presidência em 1919, momento delicado de reconstrução, precisou lidar com os reflexos sociais e econômicos da pandemia da gripe espanhola, apoiou a implementação de políticas, com a intenção e modernizar a estrutura sanitária do país e evitar os erros cometidos durante a segunda onda da gripe espanhola, caracterizado pela falta de coordenação dos recursos (Sevcenko, 2002).

Figura 44 – A ronda da peste

A ronda da peste.

Foi assim que ella entrou, no anno sinistro, a sinistra "hespanhola". Precederam-na telegrammas alarmantes do estrangeiro. Por fim, os navios pestosos começaram a visitar as nossas aguas. E um dia... Quem já se terá esquecido desse horror?

Agora, os mesmos telegrammas alarmantes e os mesmos navios pestiferos e as mesmas demonstrações de força da Saude Publica...

O ultimo desses navios, que nos estão fazendo a ronda da peste, é o *Malte*, paquete francez, a cujo bordo occorreram fallecimentos em numero excessivo e onde o numero de doentes é elevado.

A molestia que transformou esse paquete num hospital é, no dizer da imprensa unanime — suspitissima. Um alto funcionario da policia, conta um vespertino, adoeceu de subito e gravemente, depois de ter-se aproximado da embarcação pestifera.

Tudo isso não pôde deixar de ter uma significação impressionante. Com a hygiene precarissima que possuimos, fingindo de organisação da defesa sanitaria do porto, não seria absolutamente de estranhar que o mal se transferisse do vapor francez para a cidade.

Os antecedentes da "hespanhola" autorizam perfeitamente esse temor. E' verdade que o serviço de inspecção sanitaria maritimo é feito hoje com um rigor que aquelles nunca assás lembrados tempos desconheceram. Mas tambem é verdade que, com um porto desguarnecido de recursos de defesa sanitaria, com um porto desprotegido, á mercê do infiltra-

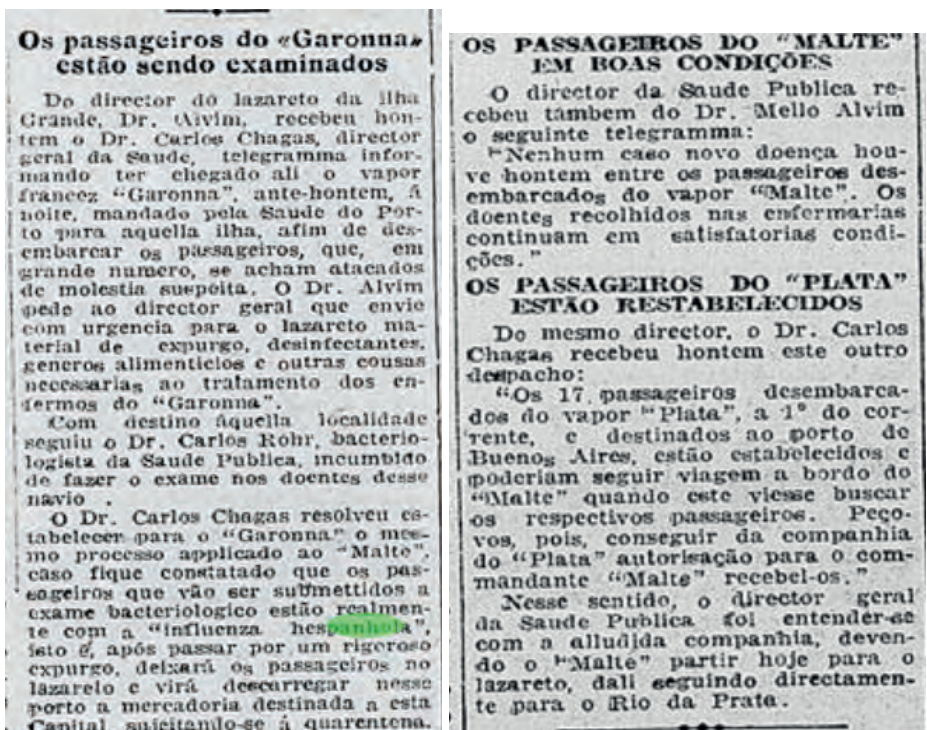
Fonte: O Paiz, 13/01/1920. p.3

Em 1920, as autoridades procuraram reforçar as ações de controle, implementando barreiras sanitárias e campanhas de conscientização, embora a infraestrutura de saúde pública ainda fosse insuficiente para atender a uma população que crescia rapidamente, especialmente no Rio de Janeiro, a capital do

país e epicentro da epidemia. A cidade, densamente populosa e com condições de higiene precárias em muitos bairros, era especialmente vulnerável a surtos de doenças infecciosas, o que intensificou a preocupação das autoridades (Sevcenko, 2002).

No que tange o processo político sanitário as autoridades de saúde da capital federal utilizaram em 1920 o Lazareto da Ilha Grande como estratégia para o controle. A instalação funcionava como de cuidado e profilaxia, onde passageiros de navios suspeitos de contaminação eram mantidos em isolamento e quarentena sob vigilância médica até que serem liberados para entrar na cidade do Rio de Janeiro. Essa prática buscava impedir a inserção e propagação da doença, que permitiu o controle epidemiológico em portos, com o intuito de evitar uma nova disseminação de epidemias (Schwarcz e Starling, 2020).

Figura 45 – Ações de saúde em relação ao paquete Garonna



Fonte: Gazeta de Notícias, 14/01/1920. p.4

Durante a segunda onda da gripe espanhola, Carlos Chagas, utilizou o lazareto com medidas para conter a propagação da doença no Rio de Janeiro, entretanto no ano de 1920 foi possível observar a disseminação e o rigor aplicado na estratégia de profilaxia adotada, reconheceu o potencial dos lazaretos para mitigar que a população saudável contaminasse (Schwarcz, 2020). Embora a veiculação do registro noticioso do periódico Gazeta de Notícias tenha sido diagramado na zona de visualização 4, entendida como morta, o editor compõe a página do jornal com a notícia contendo a temática da gripe espanhola, intencional, de forma a complementar as informações que a população consumia, assim evidenciava o processo de ação e construção da narrativa sanitária do governo.

Figura 46 – O Caso do Garonna

O CASO DO "GARONNA"

O médico bacteriologista regressou do lazareto

E diz que os passageiros não estão com molestias contagiosas

Procurámos, hoje, do director de Saude Publica, informações acerca do paquete "Garonna", que se acha na ilha Grande, bem como dos seus passageiros, que estão no Lazareto, e dados de illas delles como atacados de molestia suspeita, suppondo nos ser typho e outros tratar-se de "hespanhola".

Declarou-nos o Dr. Carlos Chagas que até aquelle momento não recebera mais telegramma do director do Lazareto sobre o caso, porém o Dr. Carlos Rohr, o medico bacteriologista que fôra fazer o exame nos passageiros doentes deise vapor, e que acabava de regressar, lhe havia dito ter verificado que nenhum delles estava nem com o typho nem com a influencia hespanhola. Encontrara realmente seis passageiros do "Garonna" enfermos, mas as molestias de que se acham acometidos são varias e communs, não contagiosas e de facil tratamento, taes como abscessos, amigdalite, etc.

Quanto ao navio, adiantou-nos o Dr. Carlos Chagas, permanecera ali o tempo necessario ao expurgo, vindo depois ao nosso porto fazer o desembarque dos passageiros que para aqui se destinam e das mercadorias consignadas á nossa praça.

A respeito dos 17 passageiros do "Plata" que se destinam a Buenos Aires e ficaram a l' do corrente em tratamento no Lazareto, vão elles seguir, completamente restabelecidos, para a capital argentina, a bordo do "Matte", tendo para isso S. S. se entendido com os agentes desses vapores.

Fonte: A Noite, 14/01/1920. p.2

A utilização dos lazaretos gerou debates na sociedade, referente a forma como foram organizados, pois advinham de adaptações de instalações pré-existentes ou criados emergencialmente. Apesar das críticas, a posição das autoridades de saúde em utilizar os lazaretos foi essencial para o controle e serviu como reafirmação da atuação do DNSP frente à crise sanitária (Kolata, 2002).

O periódico oposicionista *A noite*, veiculou na segunda página na zona de visualização 5, centro óptico, a notícia que ratificava o acerto das autoridades em utilizar o lazareto. No registro jornalístico Carlos Rohr, médico bacteriologista do lazareto reafirma que embora o pacote Garonna tenha sido encaminhado para isolamento e quarentena os passageiros estavam livres da doença.

Figura 47 – Os doentes do Garonna

**OS DOENTES DO
"GARONNA"**

**As suas molestias são com-
muns e de facil trata-
mento**

Segundo informações enviadas ao sr. Carlos Chagas, director geral de Saude Publica, pelo dr. Carlos Rocha, medico bacteriologista encarregado de fazer o exame nos passageiros doentes do "Garonna", nenhum destes se acha atacado de typho, nem tampouco de influenza hespanhola.

As molestias de que estão elles accommettidos, accrescenta o dr. Rocha, são varias e communs, não contagiosas e de facil tratamento, taes como abcessos, amygdalite, etc.

O "Garonna" permanecerá no lazareto da ilha Grande o tempo necessario ao respectivo expurgo, vindo depois ao nosso porto fazer o desembarque dos passageiros que para aqui se destinam e das mercadorias consignadas á nossa praça.

Quanto aos 17 passageiros do "Peta", que ficaram, desde o dia 1º do corrente, em tratamento no lazareto, resolveu o dr. Carlos Chagas fazel-os seguir a bordo do "Malte", já tendo para isso se entendido com os agentes desse navio.

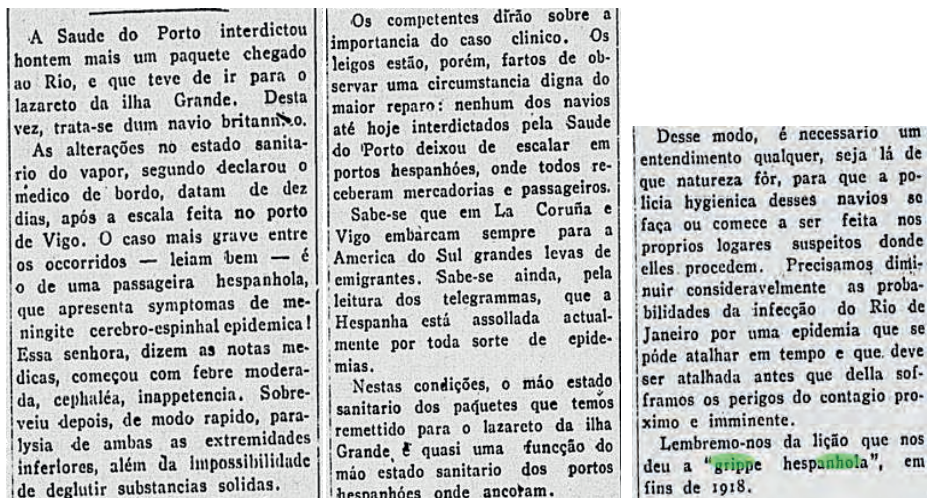
Fonte: Correio da Manhã, 15/01/1920. p.5

Em outro jornal oposicionista, Correio da Manhã, também foi possível identificar matéria que reafirma o sucesso das medidas sanitárias impostas por Carlos Chagas na terceira onda da gripe espanhola, embora a notícia tenha sido publicada na zona de visualização 3, morta, o processo de oposição e situação que os jornais assumiam era relativizado, pois ao deparar com matérias que ajudavam a construção da narrativa sanitária de Carlos Chagas é possível inferir certa proximidade do jornal, personificado pelo editor, em determinados períodos com o governo.

Ademais, a política sanitária implementada por Carlos Chagas em 1920 buscava não apenas o controle imediato de potenciais novos eventos adver-

sos, mas também a construção de um legado de longo prazo para a saúde pública. Ele defendia que a gripe espanhola havia evidenciado a fragilidade das estruturas sanitárias brasileiras e que medidas preventivas deveriam ser uma prioridade contínua (Benchimol, 1999).

Figura 48 – Lições do passado



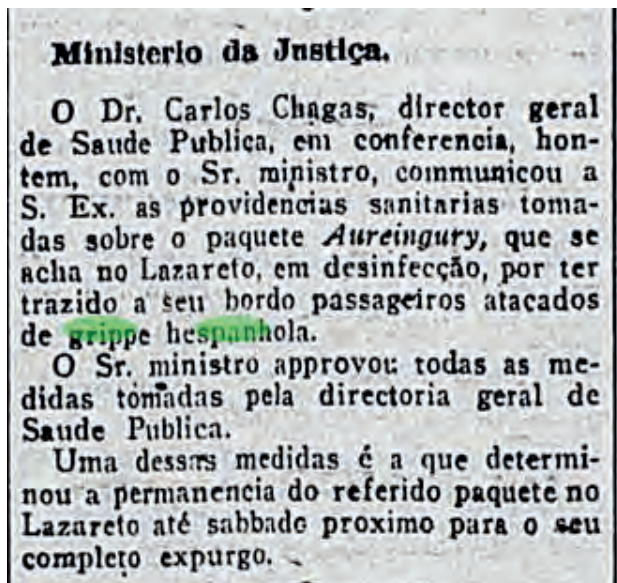
Fonte: Correio da Manhã, 16/01/1920. p.2

A figura 48 destacam as medidas sanitárias adotadas na cidade do Rio de Janeiro, proporcionando ênfase a utilização do lazareto, descreve a interdição do paquete britânico pelo serviço de saúde dos portos vinculado ao DNSP, na embarcação os relatos de doentes, posteriormente identificado como meningite cérebro-espinal, os sintomas inicialmente remeteram a possibilidade de gripe espanhola, corrobora com as ações de Carlos Chagas de reforçar a inspeção sanitária, com a finalidade de evitar a recrudescência da pandemia em território brasileiro. Ademais o fragmento jornalístico realça as ações das autoridades como forma de aplicação de medidas para evitar erros cometidos durante a gripe espanhola em 1918.

O processo de diagramação da figura 48, disposto na segunda página do jornal, no centro geométrico, zona de visualização 6, permite caracterizar a importância que o editor impôs a temática da gripe espanhola. A associa-

ção imprensa neste momento, veiculando as medidas sanitárias evidencia que embora o jornal Correio da Manhã tivesse um posicionamento oposicionista, naquele momento agregava valores para que corroborassem com a posição das autoridades em criar a narrativa sanitária.

Figura 49 – Implementação de políticas por Carlos Chagas



Fonte: O Paiz, 20/01/1920

O registro noticioso datado de 20 de janeiro de 1920, publicado no jornal O Paiz, afirma que o Dr. Carlos Chagas, então diretor geral do DNSP, realizara uma conferência com o ministro, Dr. Alfredo Pinto, comunica providências referentes ao paquete *Aurigny*, que foi encaminhado ao Lazareto para realização de desinfeção por ter trazido passageiros com a gripe espanhola, ressalta a medida profilática determinada pelo DNSP em decorrência da experiência com a gripe espanhola. O registro noticioso do tipo nota veiculado na zona 4, considerada morta, ou seja, como não havia alarde sobre possível foco epidêmico, o governo produziu resposta aos opositores sem que houvesse grande despertar da população (Silva 1985; Bahia 2010).

Contudo, a repercussão dessas políticas na sociedade brasileira foi complexa e nem sempre positiva. A memória da devastação causada pela gripe espanhola de 1918-1919, latente especialmente entre as classes mais baixas, que haviam sofrido os maiores impactos. Muitos cidadãos, particularmente os mais pobres, viam as políticas sanitárias com desconfiança, temendo que as medidas impostas pelas autoridades representassem uma nova forma de controle social e repressão. Esse sentimento foi amplificado pela memória de eventos como a Revolta da Vacina, em 1904, que havia gerado uma forte reação contra a imposição de campanhas de saúde pública que não levavam em consideração as condições de vida da maioria da população (Sevcenko, 2002).

Figura 50 - Para evitar uma nova invasão da gripe

NA SAUDE PUBLICA

PARA QUE POSSA SER EVITADA UMA NOVA INVASÃO DA INFLUENZA

Como já é do dominio publico, a Saude Publica, em face dos reaparecimentos, que em varios paizes se têm dado da epidemia da gripe hespanhola, que tão pavorosamente lavrou nesta capital ha quinze mezes passados, resolveu tomar uma medida em extremo rigorosa, fazendo com que todos os navios provindos dos portos suspeitos vão para o lazareto da ilha Grandê.

Esta medida, de summa prudencia, está visto que era de caracter transitorio; mas, não obstante isto, o director da Saude resolveu modificá-la, hontem.

Para isto, o dr. Carlos Chagas determinou que os vapores entrados de portos onde se sabe existir a molestia, sejam rigorosamente visitados pelos medicos da Saude. Logo que se verifique ser bom o estado sanitario de bordo, o vapor terá dispensa de ir ao lazareto.

A Directoria Geral enviou hontem a este respeito, á imprensa, a seguinte nota:

“A Directoria Geral de Saude Publica, no intuito de defender a cidade contra a invasão de epidemias, enviará para o lazareto os navios que apresentarem condições sanitarias más. Cada navio chegado ao porto soffrerá rigorosa inspecção, sendo concedida livre pratica aos que apresentarem boas condições e não offerecerem perigo de contaminação da cidade.”

O dr. Carlos Chagas recebeu hontem, e o reinetteu á Saude do Porto, para que providencie, o seguinte requerimento:

Fonte: Correio da Manhã, 22/01/1920. p.3

A figura 50 veiculada pelo periódico Correio da Manhã em 22 de janeiro de 1920 evidencia que é de conhecimento público a possibilidade de recrudescência da gripe espanhola, veiculada pelos jornais, assim houve a necessidade

por parte do serviço de saúde pública de impor medidas sanitárias. O processo de diagramação do fragmento jornalístico aponta para a intencionalidade do editor ao publicar a reportagem na zona primária de visualização, o apontamento permite inferir a necessidade de adesão das medidas por parte da população para que houvesse êxito nas medidas aplicadas.

Apesar da resistência popular, Hochman descrever que as classes mais abastadas e setores da sociedade urbana começaram a aceitar a necessidade de modernização sanitária, especialmente nas áreas centrais do Rio de Janeiro, onde a gripe havia atingido de forma devastadores, tanto ricos, quanto pobres. Para muitos, a política sanitária não era apenas uma questão de sobrevivência, mas também de progresso e civilização, uma forma de inserir o Brasil no contexto das nações modernas. A imprensa, em grande parte, apoiava as iniciativas das autoridades de saúde, veiculando informações educacionais e promovendo a ideia de que seguir as recomendações sanitárias era um dever cívico, no entanto, essa aceitação das políticas de saúde pública estava longe de ser uniforme (Hochman, 1998).

Nas áreas mais periféricas e pobres, onde as condições de vida eram muito mais precárias e a presença do Estado menos sentida, as medidas de controle sanitário enfrentaram maiores obstáculos. A falta de acesso a serviços de saúde, saneamento básico e moradias adequadas contribuíam para a manutenção de altos índices de mortalidade por doenças infecciosas, e a política sanitária de 1920, embora bem-intencionada, não conseguiu alcançar essas populações de forma eficaz. O legado da gripe espanhola e das políticas de saúde subsequentes mostrou, assim, as profundas desigualdades que caracterizavam a sociedade brasileira e os limites da capacidade do governo em lidar com crises de saúde pública em um país marcado por imensas disparidades socioeconômicas (Meade, 1986).

Figura 51 - Outra vez a gripe

Já não ha como dissimular que nos ameaça de novo o perigo da gripe hespanhola, recrudescente em varios pontos do estrangeiro em permanente comunicação comnosco.

A temivel epidemia, que tantos soffrimentos, tão cruéis commoções e tantas mortes produziu em nosso paiz, dirige-se a passos rapidos para a nossa costa, sobressaltando a população com a perspectiva dos tragicos episodios ainda bem vivos na lembrança de todo o paiz.

Desta vez, quer-nos dizer a consciencia de que estamos numa situação de ordem administrativa, em que o governo se acha trabalhando, capaz de apparelhar-se devidamente para o combate á epidemia, como é seu dever, de maneira a evitar que se reproduzam as desgraçadas scenas a que assistimos, tão dolorosas, pelo que revelavam

nos effeitos da molestia, como pelo que deixavam ver de desorganisação, de anarchia, de relaxação nos departamentos dos serviços publicos, attinentes á preservaçáo da saude publica e da tranquillidade geral da população.

Dizemos assim, na supposição de que as autoridades encarregadas do serviço de hygiene e defesa prophylatica da cidade tenham, já a esta hora, tomado as medidas necessarias, com a energia devida e com a presteza inadiavel, para que o formidavel perigo que ronda perto de nós não logre desembarcar aqui e correr livremente por todo o paiz, espalhando o terror, devastando a população, paralygando o trabalho, como occorreu da primeira vez.

Fonte: Gazeta de Notícias, 26/01/1920. p.1

A figura 51 veiculada pelo periódico Gazeta de Notícias em primeira página na zona de visualização 5 centro óptico, remete a constante necessidade de disseminar por meio dos jornais a utilização das medidas sanitárias impostas por Carlos Chagas. É possível identificar no texto que o processo de adesão as medidas sanitárias precisam ser organizadas, para que a população permaneça livre do evento adverso que grassava novamente o mundo, a terceira onda da gripe espanhola.

Figura 52 – Ação de desinfecção do paquete Darro

A AMEAÇA DA GRIPPE

**AS MALAS DO PAQUETE INGLEZ
"DARRO" FORAM HONTEM
DESINFECTADAS PELA SAUDE
PUBLICA**

**FORAM ADOPTADAS AS MAIS RIGOROSAS MEDIDAS
SANITARIAS**

Realizou-se hontem, no Ministerio do Interior, uma importante conferencia entre os drs. Alfredo Pinto e Carlos Chagas, director da Saude, ácerca de uma possivel invasão da **grippe hespanhola**, accordando medidas para evitar novamente á entrada do flagello nesta capital.

O governo cogita, como medida preventiva, da installação de um hospital provisorio, para attender á qualquer surto epidemico daquelle mal, bem como de outras medidas que possam garantir á nossa população, caso seja impossivel evitar uma nova invasão da grippe, embora esteja o director da Saude Publica convencido de que essa invasão não poderá ter a extensão e a gravidade da epidemia de 1918.

Serão tomadas providencias para conclusão das obras iniciadas no Lazareto da Ilha Grande, de modo a ficar esse estabelecimento em condições de melhor preencher os seus fins

Por isso o dr. Carlos Chagas irá amanhã ao Lazareto, afim de examinar *de visu* das obras a executar.

A Saude Publica continuará a fazer, com todo o rigor, sem excepção, o serviço de expurgo nos navios vindos de portos infectados, ou que tragam doentes a bordo, de grippe ou de outras molestias.

Fonte: Correio da Manhã, 27/01/1920. p.3

Foi possível identificar na figura 52, que as medidas sanitárias adotada por Carlos Chagas não se resumiu a somente interdição das embarcações que aportavam na cidade do Rio de Janeiro, as malas postais que traziam correspondências e encomendas também passavam por processo rigoroso de desinfecção (Correio da Manhã, 1920. p.3). O fragmento noticioso publicado pelo jornal Correio da Manhã no dia 27 de janeiro de 1920, no centro óptico da 3 página do jornal proporciona maior possibilidade de identificação, devido o destaque no processo de diagramação, o que induz o leitor o entendimento que o DNSP estava em ampla organização para que houvesse sucesso com as

medidas sanitárias e a gripe espanhola fosse impedida de recrudescer como epidemia na cidade do Rio de Janeiro.

Figura 53 – Medidas tomadas pelo governo

Defendamo-nos da "hespanhola"!

O "Aurigny" chegou do Lazareto,
mas continúa interdito

Os passageiros só desembarcarão
depois de amanhã



O "Aurigny", hontem chegou mas que ainda póde ir para o dia

AS MEDIDAS TOMADAS PELO GOVERNO

O Dr. Carlos Chagas, director geral da Saude Publica, teve hontem, á tarde, no gabinete do Dr.

Amanhã, o Dr. Carlos Chagas, irá ao Lazareto da Ilha Grande, para verificar o estado das obras de melhoramentos daquelle hospital, afim de se providenciar para a sua immediata conclusão, de modo que fique em condições de melhor preencher os seus fins.

Deliberou-se tambem que a Saude Publica continue a exercer todo o rigor, sem excepção, no expurgo dos navios vindos dos portos impetados, ou de qualquer outra procedencia, desde que tragam a bordo pessoas doentes de "hespanhola".

O Dr. Carlos Chagas, informou o Dr. Alfredo Pinto de que, apesar de julgar desnecessaria a desinjecção das malas do correio, determinou que tal serviço continue a ser realizado.

A respeito do "Aurigny", que ante-hontem, regressou do Lazareto, onde esteve durante 7 dias, em expurgo, ficou combinado, entre o ministro e o director geral, que não

Alfredo Pinto, ministro da Justica, uma longa conferencia a respeito da situação creada pela entrada dos vapores procedentes de portos impetados.

Entre outras providencias de caracter urgente, no sentido de se evitar a invasão de epidemias, nesta Capital, resolveu-se instalar um hospital provisório, para attender a qualquer surto epidemico de molestias, como a grippa, posto que esteja o director geral do Sanie Publica, conforme declarou ao ministro, convencido de que tal invasão, se se der, não terá a virulencia nem a gravidade da de 1918.

Fonte: Gazeta de Notícias, 27/01/1920. p.3

A estratégia exposta na figura 53 reflete a atenção posta à saúde pública em relação ao controle de fronteiras sanitárias, a imprensa situacionista cumpre o papel de consolidar o posicionamento e as ações do DNSP em práticas preventivas de higiene e saúde, de forma a reforçar a narrativa sanitária, evidenciando o processo de quarentena das embarcações no lazareto da Ilha Grande, assim demonstrava o posicionamento político e evidenciava o aprendizado das autoridades diante dos desafios epidemiológicos, assim reduzia a possibilidade de uma nova crise de saúde no Rio de Janeiro, tendo em vista a recrudescência da terceira onda no cenário internacional.

Figura 54 – Medidas preventivas contra a gripe

O governo toma medidas preventivas contra a gripe

O Dr. Carlos Chagas, director geral da Saude Publica, resolveu adoptar, quanto antes, medidas energicas que previnam uma invasão da GRIPPE, que tantas victimas causou nesta capital, em outubro de 1918. Como se verifica das declarações que S. S. nos prestou e nada existe ainda que justifique, de qualquer modo, os temores da população. Necessario, porém, se tornò a adopção de providencias acatelladoras, dado o grande numero de navios infectados que tem aportado ao Rio de Janeiro, nestas ultimas semanas.

Ainda outro dia, o Ministerio do Exterior recebia do consul brasileiro em São Vicente, um telegramma communicando ter partido daquelle porto com destino ao nosso, trazendo a seu bordo uma centena de gripados, o paquete italiano "Tommaso di Savoia", ao mesmo tempo que os despachos annunciavam a irrupção do terrivel morbus em diversas cidades estrangeiras. Pelo sabio e conhecido bacteriologista Moor Las-sing, foi descoberto o terrivel bacillo, he-entador da gripe, conhecida pelo nome de

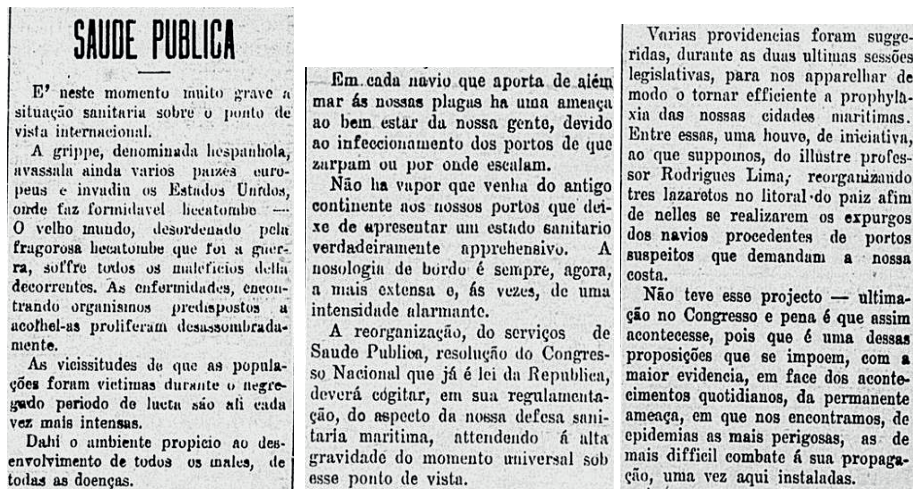
"Hespanhola". O processo adoptado pelo sabio britannico é digno de nota. O sabio descobriu que os germens accumulados no fundo do oceano, que, em virtude das con-sulões maritimas, ascendem à superficie, combinados com as bacterias de Hefier, dando entrada no aparelho respiratorio, produzem os phenomenos morbidos que caracterisem a hespanhola. Para estas inves-tigações scientificas, teve o rubio inglez da recorrer a demorados e perigosos mergulhos. Foi, para isto, que o illustre professor sabendo das grandes vantagens, por sua ex-celencia na confecção, durabilidade e gran-de resistencia, encomendou para o Brasil as esplendidas roupas para mergulhadores da invenção de Henrique Schayé, fabricadas e" expostas na casa H. Schayé, da avenida Gomes Freire n. dezenove. E' assim que uma industria brasileira concorre para a resolu-ção deste grande problema, que era o es-pantallo da sciencia.

Fonte: A Noite, 28/01/1920. p.3

O Jornal oposicionista A Noite, veicula no dia 28 de janeiro de 1920 a notícia que evidencia a tomada de decisão do Dr. Carlos Chagas em adotar precocemente medidas sanitárias contra a invasão da terceira onda da gripe espanhola na cidade do Rio de Janeiro, a zona secundária de visualização utilizada na diagramação desta notícia proporciona enfoque para melhor compreensão dos leitores, assim reitera-se a intencionalidade do periódico em auxiliar a construção da narrativa sanitária, que após adesão da população poderia se

tornar ações cotidianas, o que pode ser entendido como início da construção de uma cultura sanitária.

Figura 55 – Posição das autoridades nos aspectos políticos



Fonte: O Paiz, 31/01/1920. p.3

O periódico situacionista O Paiz, exposto na figura 55 ratifica de forma velada as considerações que o jornal A Noite havia publicado no dia 28 de janeiro de 1920, o caos do cenário internacional com o acometimento de potências internacional como Estados Unidos e outros países, a veiculação na zona primária sustenta a intencionalidade de proporcionar maior alcance da reportagem (Silva, 1985). A estratégia sensacionalista de apontar a situação epidemiológica no cenário internacional permite reforçar que as ações adotadas pelo DNSP estão sendo eficazes no processo de evitar a invasão da terceira onda da gripe espanhola na cidade do Rio de Janeiro (Angrimani, 1995).

Os registros noticiosos exaltavam de forma velada as ações de Carlos Chagas ao utilizar termos como competência técnica, organização, para destacar as medidas sanitárias adotadas no período da terceira onda. Por meio de matérias jornalísticas contendo linguagem persuasiva, os jornais conduziam a população a aderir às políticas de saúde pública, que era apresentada como meio indispensáveis para a proteção coletiva.

Figura 56 – Tentativas de burlar as medidas sanitárias

Defendamo-nos da “hespanhola”

O “Almanzora” foi tambem para o lazareto

Recebido na escada, pelo medico, Dr. J. M. Renton, foi S. S. informado de que o estado sanitario do “Almanzora” era bom, o que levou o Dr. Lopes Machado a subir. Conhecedor da astucia de alguns commandantes e medicos, que, enquanto o inspector sanitario está na camara, mandam a guarnição occultar doentes e quaesquer indicios, o Dr. Lopes Machado dirigiu-se rapidamente para a 3ª classe, sendo recebido com uma verdadeira orchestra de tosse, por mais de 50 pessoas... Perguntando ao Dr. Renton o que era aquillo, teve como resposta que se tratava de uma tossezinha sem importancia, mas o Dr. Lopes Machado, verificando o pulso de uma mulher, constatou 38 graus de febre.

Isso era inquietante e S. S. por serem quasi nove horas da noite, resolveu terminar a visita na manhã de hontem. Havia o Dr. Renton ainda informado que, durante

O que se passou com o paquete “Almanzora”, da Mala Real Inglesa, provou mais uma vez as intenções verdadeiramente criminosas de alguns commandantes e medicos de navios, que, collocam os interesses commerciaes, unicamente commerciaes, das empresas a que servem pois que ninguem acredita em tão boa vontade das companhias, para com os passageiros, acima dos interesses de uma população.

O “Almanzora”, como noticiámos, chegou ás 7 horas da manhã de ante-hontem, partindo immediatamente para seu bordo o inspector sanitario Dr. Lopes Machado.

a viagem, houve um caso de sarampo, um de bronchite aguada, um de insolação, um de fonselites e, finalmente, um fatal, de congestão cerebral, na passageira Josepha Castro, cujo obito se deu no dia 26.

Na enfermaria — accrescentou o medico de bordo — havia dois unicos doentes: Maria Gloria Cordeiro, atacada de sarampo, e André Lopes Maia, de gastro-enterite.

Na visita da manhã de hontem, o Dr. Lopes Machado, diante da “mastigação” do medico do “Almanzora”, que, bastante nervoso, não sabia dizer o que tinham os da “orchestra”, bem como affirmou que a passageira febril estava atacada apenas de “enjão”, resolveu mandar o navio para o lazareto, logo que recebesse agua e comestiveis.

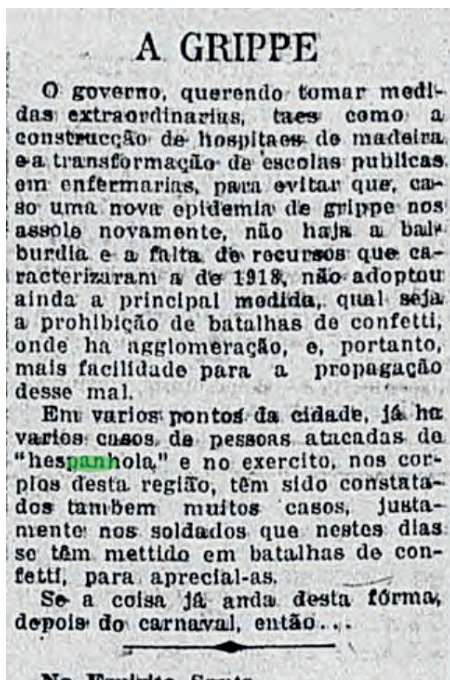
Fonte: Gazeta de Notícias, 02/02/1920. p.3

A figura 56 veiculada no periódico Gazeta de Notícias no dia 02 de fevereiro de 1920, descreve que as ações que o DNSP adotou para conter a invasão da terceira onda na cidade do Rio de Janeiro foram relevantes para diminuir o risco de contaminação por gripe espanhola em 1920, entretanto foi observado insatisfações e até mesmo tentativas de burlar o cerco epidemiológico imposto por Carlos Chagas. Alguns atos como o do médico e comandante do paquete Almanzora em transgredir as medidas sanitárias colocavam em risco o esforço das autoridades sanitárias para controlar a propagação da moléstia (Gazeta de Notícias, 1920. p.3).

O registro jornalístico veiculada na zona de visualização 3, entendida como morta, proporciona uma dualidade de interpretação, em primeiro plano a

tentativa de infringir a norma imposta por Carlos Chagas e em segundo plano apresenta aos leitores que as rígidas fiscalizações realizadas pela Saúde do Porto e o monitoramento constante dos lazaretos asseguravam a segurança da população no que tange o cumprimento das normas sanitárias (Kind, 2020).

Figura 57 – Medidas Extraordinárias



Fonte: O Paiz, 06/02/1920. p.4

A veiculação do fragmento jornalístico publicado pelo periódico situacionista O Paiz, figura 57, destaca a necessidade de utilização de medidas sanitária além das que já estavam sendo aderidas. O esforço de Carlos Chagas em enfrentar a eminente recrudescência da terceira onda da gripe espanhola na cidade do Rio de Janeiro destaca a necessidade de instalações emergenciais como construção de hospitais de madeira e a transformação de escolas públicas em enfermarias, medida adotada durante a segunda onda (Carvalho, 2023). Contudo mesmo sendo um periódico situacionista é possível observar uma crítica referente a ausência de ações preventivas, como a proibição de

batalhas de confete durante o carnaval, evento que potencialmente facilitaria a disseminação da doença devido à aglomeração de pessoas.

É possível compreender que o editor desejava expor limitações que as políticas de saúde, por meio das ações sanitárias de Chagas, oscilavam entre iniciativas significativas e a inércia diante de intervenções preventivas mais simples, como restringir festas populares, tensão recorrente entre saúde pública e práticas culturais, por possivelmente impactar no processo econômico da cidade do Rio de Janeiro, de forma a evidenciar como elementos socioculturais poderiam dificultar o combate às epidemias (Schwarcz e Starling, 2020).

A diagramação, da figura 57 situada na zona de visualização primária da página, reitera a intencionalidade do editor em proporcionar destaque a notícia de forma a reforça o papel dos jornais como mediadores da percepção popular sobre saúde pública (Silva, 1985). A utilização de elementos que versa mesclar informação e opinião busca aproximar o leitor, assim, evidencia a gravidade da situação e mostra como as permissões e pressões sociais podem comprometer as ações sanitárias do DNSP.

Figura 58 – Ameaça da gripe

A AMEAÇA DA GRIPPE
O DIRECTOR DA SAUDE PUBLICA ACHA QUE
A POPULAÇÃO NÃO TEM AINDA MOTIVOS
❖ ❖ ❖ **PARA TEMORES** ❖ ❖ ❖
Seis casos novos no quartel da 2ª linha,
em Nictheroy

A Saude Publica continua vivamente empenhada em prevenir a nossa população contra uma possível epidemia de gripe, adoptando para isso medidas as mais energicas e promptas.

Hontem, o dr. Carlos Chagas mandou o inspector de prophylaxia, dr. Mauricio de Abreu, visitar os soldados do Exercito que se acham atacados de "hespanhola", nenhum delles, porém, apresentando symptomas alarmantes, sendo pelo contrario absolutaente satisfactorio o seu estado.

As delegações de saude não têm verificado, felizmente, nestes ultimos dias, caso nenhum de gripe, muito embora continuem com intensidade as visitas a hotéis, casas de cominços, fabricas, restaurants, etc.

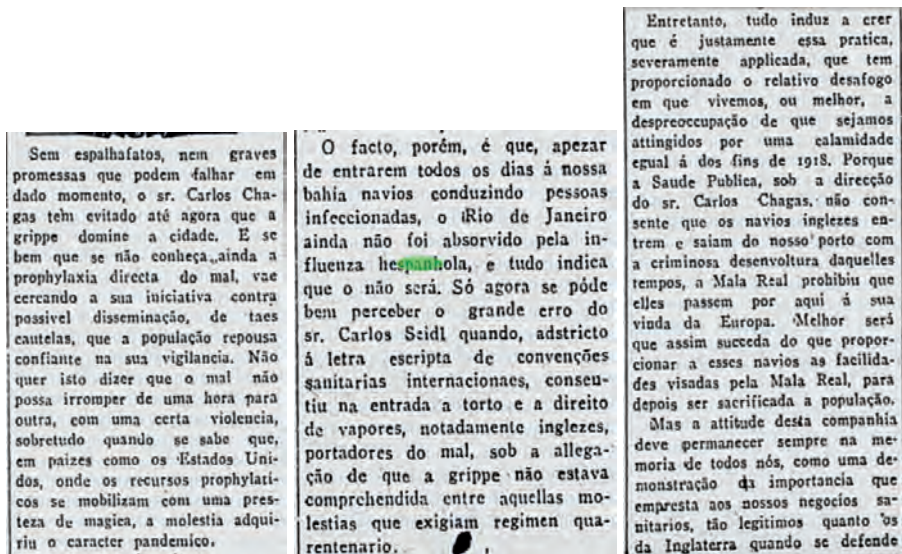
O dr. Carlos Chagas, com quem conversamos hontem à noite, declarou-nos nada haver ainda que justifique qualquer especie de receio por parte da população.

— Amanhã, accrecentou-nos s. s., irei visitar os terrenos à avenida Rio Comprido, onde a Prefeitura vae construir um grande hospital de madeira, para abrigo e isolamento das pessoas que porventura sejam atacadas pelo mal.

Fonte: Correio da Manhã, 11/02/1920. p.3

É possível identificar outros posicionamentos das autoridades de saúde nos jornais, o periódico Correio da Manhã de 11 de março de 1920, descreve que Carlos Chagas encaminhou o inspetor de profilaxia, médico Maurício de Abreu, ao exército diante da ameaça de casos de gripe espanhola na instituição. A presença do inspetor junto aos soldados visava garantir a implementação de ações sanitárias, e orientar sobre práticas preventivas. Contudo foi de forma velada uma ação estratégica para reafirmar o controle epidemiológico, e informar sobre a construção de um novo hospital provisório.

Figura 59 – Quarentena como evolução das medidas sanitárias



Fonte: Correio da Manhã, 14/02/1920. p.2


A figura 59 do fragmento jornalístico Correio da Manhã de 14 de fevereiro de 1920, veiculado na página 2 e na zona de visualização morta do periódico, promove discussão sobre os esforços empregados pelas autoridades sanitárias em conter a invasão da terceira onda da gripe espanhola no Rio de Janeiro. O texto jornalístico enfatiza Carlos Chagas como líder no processo de adoção de ações profiláticas eficazes, de forma a inspirar confiança da população. Contudo, relembra erros do passado, atribuídos a Carlos Seidl, por ter permitido a entrada de navios com infectados, agravando a situação e evidenciando que o rigor no processo de quarentenas das embarcações reflete o sucesso de Carlos Chagas em evitar a invasão da terceira onda no Rio de Janeiro.

Por se tratar de jornal oposicionista a escolha da veiculação da reportagem na zona de visualização 4 morta, pode ser entendida como escolha com a finalidade de elogiar as medidas de Carlos Chagas sem que houvesse destaque visual na diagramação do jornal.

Apesar de todo sucesso que era veiculado na imprensa, foi possível identificar disputa simbólica entre as autoridades por meio dos jornais ao verificar

duras críticas feitas pelo Dr. Moncorvo Filho ao projeto da reforma da saúde pública, liderado por Carlos Chagas, no qual o considerava inconstitucional e cheia de enxertos. O Jornal A Noite, oposicionista, veiculou no dia 6 de março de 1920, texto jornalístico com inúmeras críticas ao processo da reforma sanitária.

Figura 60 – Críticas Dr. Moncorvo Filho

<p>Está em véspera de ser executada a reorganização dos serviços da Saúde Pública. O Sr. ministro da Justiça tem conferenciado, a esse propósito, com o Sr. presidente da República e chefes de vários serviços públicos, com elles concertando providencias para o cumprimento da nova lei. Essa reforma é apreciada diversamente nos meios scientificos, divididos em duas correntes. O Dr. Moncorvo Filho, em palestra commoço, teve a gentileza de resumir do seguinte modo as suas impressões sobre o projecto prestes a entrar em vigor:</p>	<p>hygiene entre nós, e com respeito á nossa capital, então, ainda mais deploraveis, graças ao conflicto de jurisdição sempre existente entre a directoria da Saúde Publica e a Hygiene Municipal.</p>
	<p>Por interferencia benéfica do Sr. presidente da República, o Congresso legislou o anno passado sobre o assumpto, mas a lei inspirada no seio da commissão de Saúde Publica, onde reinaram as mais deploraveis divergencias, surgiu evitada de enxertos tão estapafúrdios, tão desconexos, até mesmo encerrando principios anti-constitucionaes e erros juridicos que, desde logo, a ninguém deixam duvidas sobre as immensas difficuldades que teria a enfrentar o poder publico para emprestar uma fórma pratica e administrativa a semelhante conjunto de dispositivos legais, não obedecendo sequer aos dictames da boa hermeneutica necessaria a qualquer serviço publico. Dahi, claramente, os grandes embaraços em que se deve encontrar neste momento o actual ministro do Interior, cuja capacidade administrativa e apurada cultura juridica todos soberbamente reconhecem, para dar regulamentação a essa lei falha, contraditória em seus artigos, em muitos pontos até encerrando erros juridicos e, mais que isto, criando os maiores tropeços ante a supposta autonomia do poder publico municipal tão alardeada entre nós.</p>

Dr. Moncorvo Filho
rem cada vez mais confusos os methodos de

Fonte: A Noite 14/03/1920

O texto completo, com a foto, foi publicado na zona de visualização 5, que atribui maior importância ao texto e induz a leitura, em decorrência de estar no campo visual principal do leitor. A notoriedade do Dr. Moncorvo Filho, médico pediatra, é expressa pelos seus feitos à época: responsável pela fundação do Departamento da Criança do Brasil em 1919 foi eleito membro honorário da Academia Nacional de Medicina no mesmo ano. Seu prestígio social e a pouca simpatia que guardava pelo governo foram utilizados pela imprensa oposicionista para criticar os órgãos de saúde da época (Venâncio Junior, Venancio Mignot, 2020).

No ano de 1924 o Dr. Moncorvo Filho, novamente corrobora com as críticas ao publicar o livro intitulado *"Pandemonio de 1918: subsídio ao histórico da epidemia da gripe que em 1918 assolou o território do Brasil"* expõe sua experiência ao atuar nesse período crítico, relata a luta contra a epidemia e expressa suas críticas, angústias, temores e incertezas quanto ao futuro. Tais preocupações não se restringiam apenas aos que sofriam com a enfermidade, mas também abrangiam os médicos, enfermeiros e as autoridades, que, frequentemente, eram retratadas como incapazes de enfrentar o que ele chamou de "Pandemônio" (Moncorvo Filho, 1924).

Figura 61 – Críticas a Eptácio Pessoa

A gripe hespanhola está assolando, atterradoramente, diversos paizes da Europa. E já passou aos Estados Unidos da America do Norte, onde os coefficients de mortalidade, segundo os telegrammas, são assombrosos.

Deante desses factos, que tem feito a Saude Publica? O sr. Eptacio Pessoa é, positivamente, um homem de azar. Promovendo a reforma sanitaria, como um dos padrões melhores do seu governo, não só tornou insolueis os problemas de hygiene no paiz, como teve a suprema descaridade de sepultar nomes promissores da ordem do sr. Carlos Chagas, um dos discipulos mais esperançosos de Oswaldo Cruz.

Depois da catastrophe em que a alludida reforma importou, tudo nos acontece, de hora para hora. Já não ha peste que não nos seja familiar. Ahi se acha a meningite-cerebro-espinhal. Ahi reponta a variola. Ahi, a bubonica. Ahi, o typho. Agora a ameaça da gripe.

A memoria dos tremendos dias de 1918 subsiste, estarrecendo-nos de assombro logo que o perigo da recrudescencia da hespanhola se manifeste. E a Saude Publica, transformada em simples e inerte burocracia, cruza os braços, espera que o mal aporte e desespera de si mesma. Quanto ao sr. Carlos Chagas, despacha o expediente com a mesma indiferença dos chefes de repartições que decidem sobre compras de forragem.

Que está em jogo? Apenas a nossa vida. E os incumbidos da defesa sanitaria do paiz, de accordo com a orientação do governo, interessado em véto e em politica-gem, fecham os olhos e deixam que o barco aprõe nos escolhos, para acordar do seu criminoso alheamento.

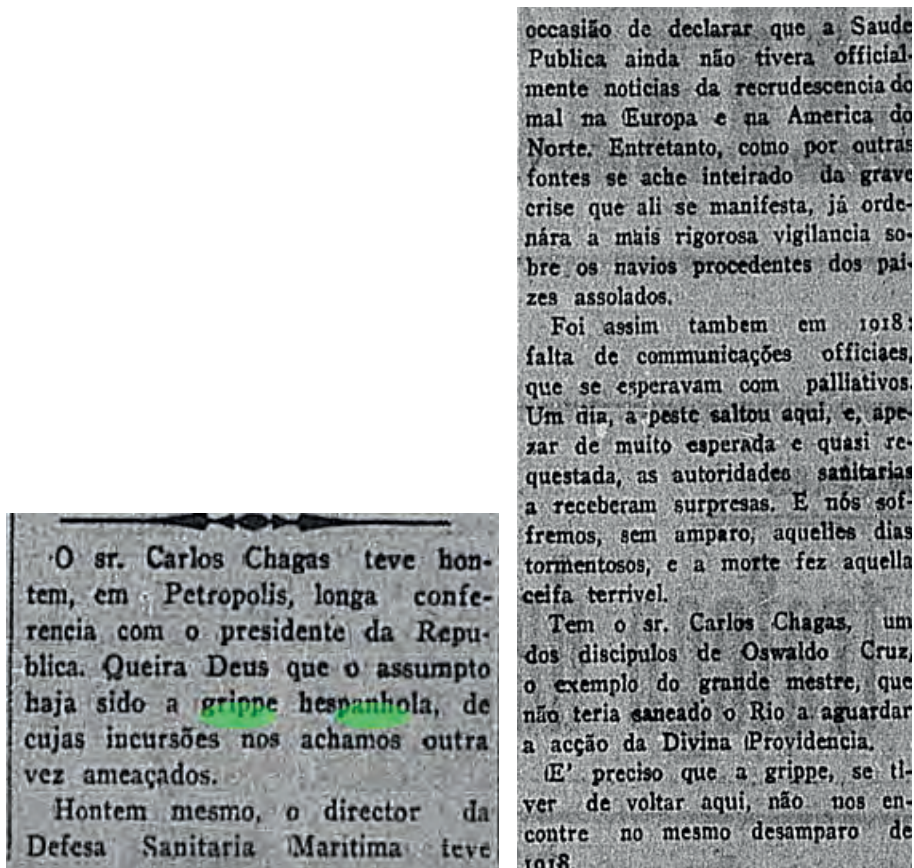
Contemos, apenas, que a providencia divina nos proteja ainda desta vez. E que possa vencer o irremediavel azar do sr. Eptacio...

Fonte: Correio da Manhã, 03/02/1922. p.2

O registro Noticioso veiculado pelo jornal Correio da Manhã, de 03 de fevereiro de 1922, promove um discurso duro ao governo do presidente Epitácio Pessoa, descreve sobre a gripe espanhola estar assolando regiões como Estados Unidos e Europa, versa sobre os padrões de excelência na reforma da saúde pública e como o governo está sepultando o promissor Carlos Chagas, discípulo de Oswaldo Cruz. Embora as críticas veiculada pela imprensa na zona de visualização 5, centro óptico, que proporciona grande apelo ao processo de visualização no contexto da diagramação, com referência ao posicionamento das autoridades políticas sobre a gripe espanhola tenha ressurgido, não foi identificado outros registros que sustentasse as afirmações expostas neste periódico.

Contudo nota-se a partir do fragmento imagético número 62 publicado, em fevereiro de 1922, pelo jornal Correio da Manhã, a preocupação do diretor geral do DNSP, Dr. Carlos Chagas, ao se reunir com o então presidente, Dr. Epitácio Pessoa, para tratar de assuntos pertinentes a recrudescência da gripe espanhola. Embora não houvesse confirmações sobre o real motivo do encontro, é expresso o anseio de que as autoridades tenham discutido novamente a ameaça da gripe espanhola no Brasil. Na sequência do registro jornalístico, descreve que diante do menor sinal da moléstia, medidas rigorosas seriam aplicadas em relação à porta de entrada. A defesa sanitária marítima impôs vigilância sobre os navios advindos da Europa e dos Estados Unidos (Correio da Manhã, 1922).

Figura 62 – Conferência para ações contra a gripe espanhola



Fonte: Correio da Manhã 04/02/1922

Com base nos jornais desta pesquisa foi identificado que os registros noticiosos que versa a temática gripe espanhola findaram em 4 de fevereiro de 1922, esse silêncio editorial sugere que as medidas sanitárias implementadas por Carlos Chagas foram eficazes para conter a recrudescência da terceira onda da gripe espanhola na cidade do Rio de Janeiro.

5.5 Instituições no estado do Rio de Janeiro como porto de assistência aos acometidos pelo vírus da influenza

Durante a epidemia de 1918, os jornais noticiaram a utilização de hospitais e escolas como campo do cuidado, em decorrência do agravo vivido. Com a possibilidade de recrudescência da gripe espanhola no ano de 1920, não foi diferente nos registros noticiosos, que anunciaram o aparecimento de algumas instituições (Ferreira e Cameski, 2023).

Devido o quantitativo de casos de gripe espanhola no Distrito Federal e à falta de locais adequados para o isolamento dos infectados, foram criados 27 postos de assistência para garantir o atendimento à população. Contudo, a integração dos esforços no combate à influenza levou à centralização dos serviços essenciais e das decisões sanitárias, que passaram a ser coordenadas a partir da Escola Deodoro, sob a liderança de Carlos Chagas (Cury, 2010; Silva, 2012; Carvalho, 2023).

No Brasil, assim como em diversas outras regiões do mundo, foi necessário improvisar leitos para cuidar dos enfermos, com colégios, clubes e igrejas sendo convertidos em hospitais improvisados para suprir a crescente demanda causada pela epidemia devastadora. As escolas, originalmente voltadas à educação, tiveram de adaptar suas estruturas para funcionarem como espaços de assistência à saúde. Nesse contexto, com a possibilidade de recrudescência da epidemia a Escola Deodoro foi temporariamente transformada para atender às vítimas da gripe espanhola (Carvalho, 2023; Ferreira e Cameski, 2023).

Durante o auge da gripe espanhola, Carlos Chagas organizou a Escola Deodoro como um hospital provisório, transformando-a em um ponto central de coordenação das estratégias de assistência à população a instituição educacional assumiu simbolicamente o papel de quartel-general, onde foram estabelecidas as diretrizes e práticas que se replicaram em outros espaços destinados ao cuidado dos infectados (Goulart, 2003; Carvalho, 2023).

Figura 63 – Escola Deodoro como hospital

A Escola Deodoro não pôde ser cedida

O director de Instrução Publica officiou hontem ao prefeito, dizendo que não pôde ceder, conforme solicitação feita ha dias pelo director de Saude Publica, o edificio da Escola Deodoro, para nelle ser installado um posto hospitalar, no caso de apparecimento da "hespanhola", pois torna-se a mesma imprescindivel para o seu mister.

Allega ainda s. s. que, devendo as aulas ser reabertas no dia 1º de março, achava conveniente que o prefeito mandasse construir, com toda urgencia, dois galpões de madeira, para servir de hospital em substituição áquelle edificio.

O "Rio Grande do Sul" parte para o Lazareto

O cruzador "Rio Grande do Sul" partirá amanhã para o Lazareto da ilha Grande. Aquelle navio vae ali afim de auxiliar os serviços de quarentena.

Fonte: Correio da Manhã 04/02/1920

A Escola Deodoro será hospital

Por medida de precaução a Saude Publica já mandou restabelecer, na Escola Deodoro, o hospital para o recolhimento dos grippados.

É pensamento do dr. Carlos Chagas só aproveitar porém, a Escola Deodoro, em caso de extrema necessidade pois a hospitalização dos doentes ali iria dificultar o inicio das aulas.

Assim, havendo tempo, as autoridades sanitarias installarão hospitaes em outros edificios.

Mais dois navios para o Lazareto

As ultimas horas da tarde, chegaram a nosso porto os paquetes "Columbia", inter-alliado, e "Benevente", nacional, o primeiro vindo da Europa e o segundo da ilha Grande, para cujo Lazareto fóra mandado, ante-hontem, pela Saude do Porto.

O "Columbia", que traz a seu bordo grande numero de immigrantes, foi enviado para aquelle estabelecimento, o mesmo acontecendo com o paquete do Lloyd; que para ali voltou, por ordem das nossas autoridades sanitarias.

Fonte: Correio da Manhã 05/02/1920

De certo, é possível compreender que o Dr. Carlos Chagas ao identificar a possibilidade de retorno da epidemia em 1920, almejou utilizar a Escola Deodoro, como cenário do cuidado aos enfermos da gripe espanhola. Entretanto, no registro jornalístico é possível observar a disputa de poder entre o diretor de Instrução pública, Ernesto do Nascimento Silva, e o diretor do DNSP ao não ceder a instituição como posto hospitalar.

A utilização da Escola Deodoro como hospital provisório, em 1920, tornou-se ponto de tensão e disputa entre diferentes esferas do poder público conforme identificado na figura 63. O diretor de Instrução Pública, responsável pela gestão educacional, e o diretor do DNSP, encontraram-se em uma disputa simbólica em torno do uso desse espaço, conforme posto pelos jornais Correio da Manhã, respectivamente nos dias 4 e 5 de fevereiro de 1920. Para o diretor

de Instrução Pública, a conversão da escola em hospital temporário representava uma ameaça à função primordial do local, enquanto diretor do DNSP vislumbrava a reconfiguração da escola como uma necessidade emergencial de saúde pública, com o objetivo de conter a ameaça de uma nova crise sanitária.

Figura 64 – Escola Deodoro hospital provisório

O HOSPITAL DA ESCOLA DEODORO JA' ESTA' INSTALLADO

Posto que até hontem não houvesse sido registrado caso algum de "hespanhola" nesta Capital, conforme nos declararam as autoridades da Saúde Publica, esta repartição já montou o hospital provisório da Escola Deodoro, na previsão de que, se porventura epidemia irromper de novo entre nós, os primeiros doentes sejam logo convenientemente tratados, sendo os demais recolhidos em outros alojamentos ainda não installados, mas para os quaes já se escolheu local e se adquiriu o material preciso.

Em virtude de ter a Directoria de Instrução Municipal se mostrado apprehensiva com o funcionamento do hospital na Escola Deodoro, por motivo das aulas, cuja reabertura será em março proximo, a Saúde Publica conservará o referido hospital ali até o mais tardar o fim do mês corrente, por isso que já está providenciando com urgencia para a escolha de outro logar a esse fim destinado.

Deesse modo, não haverá perturbação no funcionamento das aulas naquella Escola.

Fonte: Gazeta de Noticias, 05/02/1920. p.3

A figura 64 destaca a necessidade de instalação do hospital provisório na Escola Deodoro, como medida sanitária de profilaxia na possibilidade de recrudescer a terceira onda da gripe espanhola, da mesma forma que em 1918, quando Carlos Chagas utilizou essa instituição de ensino como seu quartel general (Carvalho, 2023). Mesmo que não houvesse casos confirmados na ci-

dade do Rio de Janeiro as autoridades sanitárias já estavam preparadas para a ocorrência de um eventual surto.

O fragmento jornalístico veiculado na terceira página do jornal na zona de visualização 4, entendida como morta possibilita a compreensão que a matéria poderia ter sido utilizada para compor o jornal, pois tratava-se de uma medida sanitária, com ação positiva durante a segunda onda da gripe espanhola, o que de certa forma, potencializaria a construção da cultura sanitária por parte da população.

Figura 65 – Hospital provisório Escola Deodoro



Estivemos hontem visitando a Escola Deodoro, da Municipalidade, que cedeu á Saude Publica, para installação de um hospital temporario, destinado ao tratamento de gripados, dando o caso serao com virulencia no estrangeiro e nos ameaça seriamente, irrompa de novo no Rio de Janeiro.
O grande predio, que contem tres vastos pavimentos — terreo, primeiro e segundo andares, passou por alguns reparos, feitos pela Saude Publica, ficando, todo effeito das necessarias condicoes hygienicas.
Todo o material escolar se acha

depositado no 2º andar. O 1º está transformado em cinco pavilhões, as enfermarias, offera o corredor, que se presta muito bem, pela sua amplitude, a ser tambem transformado em outra enfermaria, no caso de necessidade. Nesses cinco pavilhões estão distribuidos 132 leitos, muito aseados e bem dispostos, podendo conter mais camas, ultrapassando de 200, ao todo.
No 2º andar, que, como disse, nos está guardado o material de applicação dos alumnos, servirá para o mesmo mister do 1º, com igual numero de leitos. Mas os medicos da Saude Publica, posto que não sabem que a epidemia se mantente novamente nesta cidade, não acreditam que haja necessidade de ser transformado todo o 2º andar em enfermarias, porque o seu reaparelhamento sera muito fraco.

Ademais, outros locais estão sendo preparados para servirem tambem de hospitais provisorios ao mesmo fim destinados. E todas essas providencias, como se sabe, são de caracter preventivo, affin de não sermos mais pillhados de surpresa e desprevidos.
Diz o ditado que um homem prevenido vale por dois...
No pavimento terreo não havia leito algum preparado. Havia, porém, ali, depositados, para serem utilizados no momento opportuno, grande quantidade de camas, colchões, lençoes, cobertores, travesseiros, etc., bem como utensilios outros de que se precise para o tratamento dos enfermos. Quando ali estavamos, vimos chegar um caminhão, com um carregamento desses objectos.
Dois ou tres salões desse pavimento poderão servir de pavilhões para os doentes, se houver mister. Noutro compartimento está sendo montado o gabinete dos medicos, ficando uma sala reservada para os consultantes.

Ao lado da cozinha vimos um montão de achas de lenha, para a preparação dos alimentos dos futuros doentes e para outras serventias.
O material hospitalar que ali se acha, conforme nos disse o encarregado do almoxarifado, Sr. Candido José Viegas, auxiliar de escripta da Directoria Geral de Saude Publica, é sufficiente para, dentro de breves instantes, formar 600 leitos, com os que já se acham promptos.
Está encarregado da organização de tudo aquillo o Sr. Argeu da Silveira, da Directoria Geral.
A impressão que tivemos da visita áquella Escola, sob o ponto de vista de asseio, que é irreprehensivel, foi boa, mas a recordação de que ha dois annos naquelle mesmo local existiam, na mais triste situação de miseria, elevado numero de infelizes grippados, nos contristou sobremancira!...

Conforme a figura 65, a instalação do hospital provisório na Escola Deodoro mostra a adaptabilidade do serviço de saúde pública no período da gripe espanhola. Contudo, evidencia o esforço preventivo das autoridades sanitárias, entretanto indica que os recursos eram precários, pois novamente a instituição de ensino foi utilizada para suprir demandas de atendimento médico. Índícios no fragmento jornalístico aponta que a iniciativa do hospital provisório não apenas incluía o tratamento de casos suspeitos, mas também o isolamento e a rápida transferência de pacientes para outros locais.

A utilização do jornal como fonte foi útil para investigar a resposta para a crise da terceira onda da gripe espanhola e desvelar os discursos sobre saúde e prevenção, desta forma, revela não somente o planejamento inicial de Carlos Chagas, mas a percepção de organização, mesmo sem casos confirmados na cidade do Rio de Janeiro.

Figura 66 – Escola Deodoro deixa de ser hospital

A Escola Deodoro não é mais hospital

Quando, no principio deste anno, a nossa capital esteve ameaçada da invasão da "hespanhola", a Prefeitura cedeu á Saude Publica a Escola Deodoro, na Gloria, para que nella fosse installado um hospital provisorio para o tratamento dos grippados que porventura viessem a apparecer. Felizmente não se verificou a terrivel previsão e a Directoria de Saude Publica resolveu agora remover para o se udesinfectorio da rua General Severiano, em Botafogo, todo o material hospitalar que se achava na alludida escola, a qual entregou á Prefeitura.

A Saude Publica assim fez, pelo facto da Directoria de Instrucção Publica, estar necessitando do predio para o funcionamento regular das aulas, e ainda porque as medidas de defesa sanitaria, tomadas pela Saude do Porto desta cidade, têm eyitado a invasão da terrivel epidemia.

Todo aquelle material, que é inteiramente novo, fica, entretanto, guardado numa dependencia do desinfectorio, até ser necessaria a sua utilização no estabelecimento de outro hospital em local que se fizer conveniente.

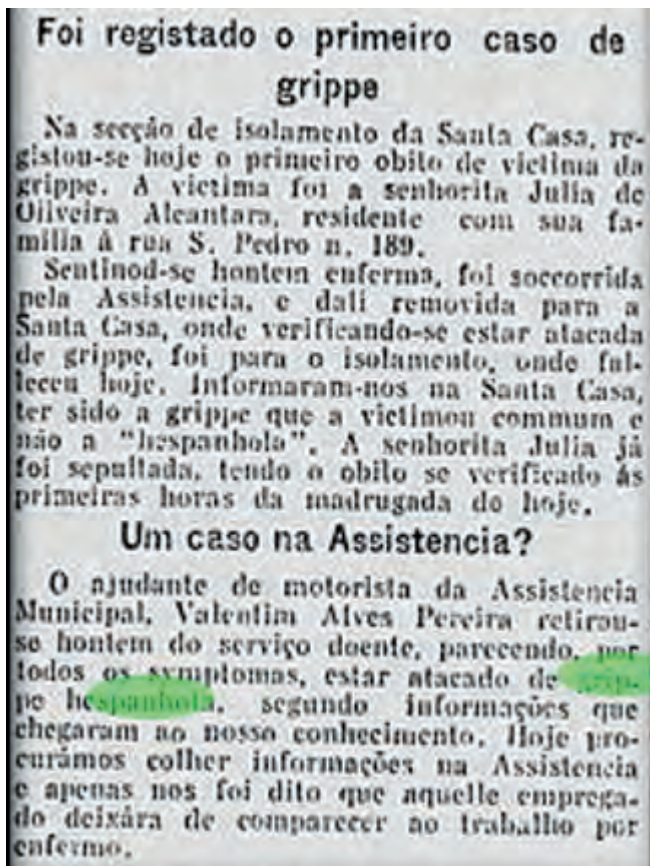
Fonte: Correio da Manhã, 22/03/1920. p.4

A notícia publicada no jornal Correio da Manhã, oposicionista, destaca o desmonte do hospital provisório instalado na Escola Deodoro, cedido ao serviço de saúde pública como resposta a recrudescência da terceira onda da gripe espanhola. É possível identificar no fragmento jornalístico o sentimento de alívio do editor em decorrência da cidade não ter novamente vivenciado a gripe espanhola e de forma velada uma crítica, pois a terrível previsão do DNSP não foi concretizada, que sugere o uso do espaço educacional como instituição de saúde de forma desnecessária ou desproporcional.

Ademais, o registro da utilização da Santa Casa de Misericórdia como cenário do cuidado remete a necessidade de utilização de uma ampla rede de atenção sanitária como condutora do funcionamento das medidas sanitárias para reduzir a possibilidades de retorno da epidemia da gripe espanhola no Rio

de Janeiro, tendo em vista a relevância da instituição no que cerne os eventos adversos.

Figura 67 - Gripe na Santa Casa de Misericórdia



Fonte: A Noite, 06/02/1920.

A Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro desempenhou papel ativo no combate à gripe espanhola em 1918, a instituição possuía tradição no atendimento aos mais pobres, enfrentou escassez de recursos, medicamentos e profissionais de saúde, mas ainda assim foi capaz de adaptar-se à emergência, assim, a atuação da Santa Casa durante a possibilidade de retorno da epidemia em 1920 foi um reflexo do papel das entidades de caridade no contexto sanitário (Queiroz, 2015).

Cabe salientar que o registro noticioso na figura 67 que relata o caso do motorista da assistência foi veiculado pelo periódico Correio da Manhã, figura 37, o que auxilia a construção da narrativa que a imprensa utilizava do artifício de troca de matérias para veiculação nos jornais, conforme o autor Angrimani (1995) descreve em seu livro.

5.6 Síntese da seção

Em suma esta seção permitiu observar a instalação e o comportamento da gripe espanhola e como o Rio de Janeiro enfrentou uma das epidemias mais devastadoras do século XX.

O Brasil foi um dos primeiros países da América Latina a enfrentar a doença, que chegou inicialmente por meio de militares que retornavam da Europa. Em setembro de 1918, o Rio de Janeiro, então capital do Brasil, tornou-se um epicentro do contágio, enfrentando uma crise sanitária exacerbada pela fragilidade das estruturas de saúde e pela falta de conhecimento sobre o vírus. A rápida proliferação da doença levou a um cenário caótico, marcado pela sobrecarga do sistema de saúde e pela incapacidade do governo em conter os surtos, resultando em um aumento alarmante de mortes.

Carlos Chagas, foi convocado em 1918 para liderar os esforços de controle da epidemia no Rio de Janeiro, implementando diversos postos de atendimento médico e promovendo melhorias nas condições de saúde pública. Sua atuação, juntamente com a diminuição natural da intensidade da gripe, começou a restaurar a confiança da população. Em 1919, após a epidemia, o carnaval se transformou em um símbolo de resiliência e celebração, apesar do aumento de óbitos nos meses seguintes. A pandemia não apenas evidenciou as deficiências do sistema de saúde, mas também catalisou discussões sobre reformas sanitárias que culminaram na criação do Departamento Nacional de Saúde Pública (DNSP) em 1920.

O relatório anual epidemiológico apresentado pelo Dr. Sampaio Vianna, responsável pela seção demográfica do DNSP, revelou a gravidade da situação de saúde no Rio de Janeiro entre 1915 e 1919, especialmente em relação à gripe espanhola e outras doenças respiratórias, que resultaram em 8.017 óbitos

apenas em 1919, correspondendo a 32,99% do total de mortes. O DNSP, sob a influência do Dr. Sampaio Vianna, integrou a propaganda e a educação sanitária como elementos essenciais de suas estratégias, buscando informar a população e estabelecer um ideal de segurança sanitária, especialmente após a devastação da epidemia. A legitimação das ações do Dr. Carlos Chagas pelo governo foi reforçada através da mídia, criando um capital simbólico que facilitou a adesão popular às normas de saúde pública.

6 EXAME DA HIPÓTESE

6.1 Introdução

A gripe espanhola chegou à cidade do Rio de Janeiro em setembro de 1918, por meio dos navios que desembarcaram trazendo passageiros e mercadorias, voraz, o vírus se espalhou pela então capital do país e sobrecarregou o sistema de saúde da época. A falta de conhecimento da combater a moléstia provocou superlotação dos hospitais, falta de medicamentos desencadeando caos entre a população.

A súbita alta na taxa de acometidos e mortalidade, revelou deficiências sanitárias brasileiras o que forçou as autoridades da época em adotar medidas que marcaram a sociedade da época, além de provocar sofrimento e perdas, a gripe espanhola revelou a necessidade de implantação de políticas sanitárias eficazes, inspirou movimentos políticos sanitários que contribuíram para a estruturação de um sistema de saúde pública mais consolidado.

Em resposta a crise em 1918, Carlos Chagas adotou medidas para o combate da epidemia que podem ter sido fator imprescindível para evitar que a moléstia recrudescesse em 1920. Deste modo, a construção desta seção encontra-se pautada no referencial teórico de Bourdieu para examinar a hipótese:

- A imprensa utilizou o prestígio social de Carlos Chagas, para veicular nos jornais medidas sanitárias, e criar uma cultura sanitária capaz de reduzir os efeitos da terceira onda da pandemia da gripe espanhola no Rio de Janeiro.

A atuação da imprensa por meio dos jornais durante a gripe espanhola no Brasil, em específico no Rio de Janeiro desempenhou papel decisivo na construção de narrativas e percepções referente à saúde pública. Atentos ao impacto devastador da doença, os jornais adotaram uma postura de alerta à população, contudo, ratificavam a necessidade da higiene e da prevenção como medidas de contenção do vírus (Schwarcz e Starling, 2020).

Ademais, a imprensa pode adotar posturas situacionistas ou oposicionistas em relação ao governo, epidemias e ideologias podem ser difundidas

da mesma forma, o que pode ser observado por meio dos jornais, dependendo dos interesses de cada publicação (Goulart, 2005).

O cenário político-sanitário do Brasil, conforme identificado na seção 5 e 6 revela um campo de disputas simbólicas e materiais em torno das normas de saúde pública. As instituições sociais, como o Estado, desempenham papel central na criação e manutenção de habitus, ou seja, práticas e comportamentos incorporados pela população (Bourdieu, 1983).

A partir dessa perspectiva, a necessidade de criar um ideal sanitário, como o defendido por Carlos Chagas, vai além de uma simples adoção de medidas técnicas de saúde. Trata-se da construção de um capital simbólico, quando o governo deve, por meio de sua autoridade, legitimar as normas e práticas sanitárias, garantindo que a população as incorpore como parte de sua vida cotidiana, gerando, assim, adesão espontânea e inesgotável às políticas de saúde (Bourdieu, 1996).

Segundo Matino (2014), os jornais reforçaram a legitimidade das medidas governamentais à luz que as mensagens midiáticas objetificadas como produtos culturais moldavam a percepção pública. O governo necessitava consolidar a imagem positiva, como agente protetor, tendo em vista o investimento financeiro e intelectual despendido na criação de um departamento, DNSP, que tinha como finalidade mitigar as deficiências sanitárias da época.

Ademais, se torna notório que a exploração do discurso com a temática gripe espanhola era, evidenciar a disputa no campo médico e científico para influenciar a opinião pública. Nesse sentido, o ideal de normas ou condutas sanitárias, proposta pelo Dr. Carlos Chagas ao prevenir o retorno da gripe espanhola. Isto representa a forma de capital científico que o governo utilizou como estratégia para mobilizar no campo da saúde (Bourdieu, 1983).

Nesse sentido, ratifica-se o conceito de poder simbólico que a imprensa exerceu naquele período, ao desempenhar uma forma de dominação sobre a população que se baseava na construção de significados e valores aceitos socialmente, ao moldar as percepções e influenciava crenças sem que houvesse o uso explícito da coerção. Os jornais não apenas transmitiam informações sobre a gripe espanhola, mas contribuía para formação de uma visão coletiva das ações governamentais. Deste modo, compreende-se que o poder simbóli-

co atua quando o agente social é capaz de impor interpretações que reforçam ou contestam a ordem social vigente (Bourdieu, 1989).

Assim, mesmo que algumas publicações adotassem postura mais radicais, ou até mesmo oposicionista, ao governo, a gripe espanhola revelou o papel da imprensa enquanto agente crítico, podendo expor deficiências estruturais do sistema de saúde, ou construir a ideologia que o Estado possuía capacidade em enfrentar a crise de saúde pública (Chalhoub, 2018).

A informação que a população consumia era veiculada pelos jornais e revistas. Desejava-se que o conhecimento adquirido por meio desses meios de comunicação fosse convertido em uma norma social amplamente aceita, o que demandava ação política forte e estratégica para evitar resistências. Logo, as crises de saúde, como a da gripe espanhola, demonstraram a importância de criar habitus coletivos que previnam o retorno de tragédias similares, impondo uma relação de confiança mútua entre a população e as instituições de saúde, além de fortalecer a eficácia das políticas sanitárias em tempos de crise (Bourdieu, 2008).

O sociólogo britânico-jamaicano Stuart Hall, conceitua que a forma de comunicação utilizada pelos jornais em 1920, legitimando as ações do Estado por meio do campo médico, pode moldar a identidade cultural de uma sociedade e participar ativamente na formação de significados coletivos, de forma a produzir narrativas que são disputadas e normatizadas na esfera sociocultural (HALL, 2019).

Ademais, a estratégia utilizada na seção 5, com identificação de registros noticiosos, endossam a recrudescência da gripe espanhola em países com maior desenvolvimento científico, Estados Unidos da América, a produção da narrativa que as medidas adotadas pelo Dr. Carlos Chagas, apresentava eficácia no contexto de melhorias sanitárias.

Contudo, discutir os registros noticioso é pensar no campo da saúde pública como espaço social de luta por múltiplos agentes. O conceito de Bourdieu referente ao campo e poder simbólico fundamentam a disputa entre médicos, cientistas, governo e a imprensa sobre a definição de verdade em relação a doença (Bourdieu, 1989). Neste caso, os médicos, como detentores de capital científico e de capital simbólico, são postos em posição privilegiada para defi-

nir o discurso sobre a doença e as medidas de combate, utilizando a imprensa como forma de propagar a informação pretendida.

Na perspectiva de compreender como o governo brasileiro, por meio dos jornais, conseguiram impor as medidas sanitárias para evitar a recrudescência da gripe espanhola em 1920, foi necessário analisar a influência dos meios de comunicação na conformação das práticas sociais. Para tanto, foi utilizado autores à luz da teoria cultural e da comunicação, que corroboraram como ideais que permite o discurso midiático influenciar na construção de significados e comportamentos na sociedade.

A imprensa escrita consolidada, em 1920, era composta por jornais e revistas, entretanto esse espaço era dinâmico e utilizado como arena para legitimar disputas simbólicas de luta e poder, em decorrência do jornal ter maior aproximação aos leitores em por motivos de ser diário e, por vezes, com valores que a população pudesse consumir com maior frequência foi utilizado para poder disseminar a temática que as autoridades tinham a intencionalidade de criar como hábitus social (Bourdieu, 2008).

Entender a pandemia que assolou o Brasil a partir de 1918 representou não apenas um desafio sanitário, mas desencadeou uma crise sociocultural, forçando as autoridades a recorrerem aos jornais como meio estratégico para disseminar instruções, normas e recomendar condutas no intuito de controlar a doença. Nesse cenário, a imprensa escrita apresentava-se como capital simbólico, que legitimava os discursos oficiais e promovia a propagação de conhecimentos pelas autoridades médicas e políticas., sendo assim, o jornal exercia papel ativo na formação da cultura sanitária (Bourdieu,1989).

Sob a perspectiva de Peter Burke, os jornais foram utilizados como instrumentos que refletiam os acontecimentos e participava ativamente na construção de significados sociais ao destacá-los com potencial de reconfigurar as práticas culturais. Assim sendo, eles contribuíram para modelar o imaginário coletivo sobre a doença e suas implicações, reforçou normas culturais que sustentavam a implementação de medidas sanitárias e consolidavam as práticas de controle social (Burke, 2008).

No processo de construção de uma cultura sanitária, os jornais traduziam as informações de forma a ser possível a compreensão pela população

independente do grau de instrução ao reafirmarem sua posição dominante que pode ser vista como disputa simbólica por capital cultural e social. Ao mesmo tempo, contribuía para a reprodução das estruturas de poder (Chartier, 2009).

Nesse contexto, os periódicos funcionaram não apenas como ferramentas de disseminação do discurso oficial, mas também como espaços de exclusão de outras vozes e saberes. A seleção das narrativas e a disposição da diagramação das informações configuraram os interesses do governo em amplificar, enquanto outras perspectivas, como as críticas às medidas sanitárias, eram marginalizadas, posto isso, é evidenciado a relação de poder que os jornais exerciam a época (Burke, 2011).

O autor Roger Chartier dialoga com a perspectiva de Burke ao descrever que as mensagens publicadas funcionavam como práticas discursivas que ordenavam e estruturavam a experiência da pandemia, vinculava o saber científico às ações governamentais, os jornais reforçavam a legitimidade do Estado na implementação de medidas sanitárias, ao passo que enquadravam as práticas cotidianas da população dentro de uma lógica de controle e obediência. Assim, os jornais atuavam como mediadores entre os discursos oficiais e as práticas populares, contribuindo para a construção de uma ordem simbólica que vinculava o conhecimento à autoridade estatal e promovia a aceitação das normas impostas (Chartier, 2009).

Ademais, podemos entender que os jornais não apenas informavam sobre a gripe espanhola, mas construíam o imaginário social que enfatizava a gravidade da crise, ao mesmo tempo em que legitimavam a autoridade do governo como detentor do saber científico e gestor da saúde pública.

Pierre Bourdieu, por meio do conceito de campo, permite interpretar como os jornais configuraram-se como espaço de disputa entre autoridades médicas e políticas. Durante a gripe espanhola, o governo utilizou os jornais para consolidar que as medidas adotadas por Carlos Chagas em 1918, havia sido eficaz, corroborando a hegemonia discursiva, suprimindo críticas e reforçando a necessidade de disciplina social para evitar o retorno da moléstia e conseqüentemente o isolamento e fechamento de espaços públicos (Bourdieu, 1989, 2008).

A constante referência da gripe espanhola na imprensa visava criar uma consciência sanitária na população. Por fim, essa interação entre governo e imprensa evidenciou uma dinâmica de poder e controle que se articulava pela linguagem e pelo discurso. A combinação de história cultural e teoria da comunicação nos permitiu, portanto, ver que o êxito do governo brasileiro em impor as medidas durante a gripe espanhola esteve atrelado à capacidade de utilizar os jornais como ferramentas de legitimação e controle social.

No contexto brasileiro, a contaminação dos membros da missão militar médica Dakar, deu início a concretude da pandemia nos jornais do Rio de Janeiro, a propagação da doença entre os membros da equipe foi posta como exemplo das dificuldades em conter a moléstia entre profissionais de saúde, o caráter imprevisível da gripe e a velocidade com que se espalhava, transcendendo fronteiras geográficas e sociais obrigando o governo, Dr. Carlos Seidl, diretor Geral de Saúde Pública, a adotar medidas sanitárias para evitar a contaminação da população (Schwarcz e Starling, 2020).

A periodicidade diária dos jornais permitiu que fosse centralizada a capacidade de produzir e reproduzir os conceitos de saúde, como, a vacinação e o cuidado coletivo. Esse domínio sobre o discurso veiculado criava a percepção de que a saúde pública dependia além das ações institucionais, mas da adesão popular a esses valores simbólicos (Bourdieu 2008). Assim, a imprensa escrita com o discurso que aproximava o leitor consolidava seu papel, enquanto mediadora do campo sanitário, legitimando práticas que moldavam o imaginário social.

Foi possível perceber por meio da publicação do jornal O Paiz no dia 26 de setembro de 1918, que o então diretor geral de saúde pública, Dr. Carlos Seidl, iniciou a implementar com maior rigor medidas sanitárias nos portos da cidade do Rio de Janeiro, a fim de evitar o alastramento da doença. No mesmo periódico no dia 17/10/1918, é observado outras medidas como contratação de médicos, e estabelecimento de preço para medicações para que não haja exploração da população acometida.

O registro noticioso do mês de setembro foi veiculado na página 4, zona de visualização 01, primária, possibilitando analisar que o editor desejava dar visibilidade a matéria pelo rápido acesso visual por parte do leitor. Cabe dife-

renciar que o registro do mês de outubro foi diagramado na zona de visualização 3, considerada morta por não ter rápida influência no processo de propagação de um fato.

Figura 68 – Medidas Sanitárias adotadas por Carlos Seidl em 1918.

O gabinete do Sr. ministro forneceu hontem á imprensa a seguinte nota:

“O Sr. ministro do interior reuniu em conferencia, no seu gabinete, os Drs. **Carlos Seidl**, director geral de Saude Publica, João Pedrosa, Inspector da Prophylaxia, e Jayme Silva, chefe da Prophylaxia do Estado do Rio de Janeiro, afim de accordarem em providencias que livrem o Brasil de uma possível invasão da “Influenza hespanhola”, que está grassando em Dakar e no sul da Europa e fez algumas victimas entre os membros da missão medica e os officios e praças da esquadra em operações de guerra.

Foi combinado:

- 1°. Telegraphar para os inspectores de todos os portos recomendando o maximo rigor e vigilancia em relação aos navios que tocarem em portos hespanhoas;
- 2°. Ordenar a um inspector do porto de Recife que embarcasse no vapor “Samara”, que all chegará a 28, procedente de Dakar, e viesse até ao Rio observando o que se passa a bordo e tomando informações sobre a molestia;
- 3°. Proibir que desembarquem os passageiros em transitto, desde que o navio tocou em porto infectado, bem como que o navio encoste ao chão;
- 4°. Pôr de observação os passageiros em portos a que se deslhaem e exigir que declarem onde vão residir;
- 5°. Pôr em condições de receber muitos doentes, sem demora, o lazareto da ilha Granda, que será visitado, na proxima semana, pelo Sr. ministro e pessoal superior da Saude Publica;
- 6°. O governo examinará a conveniencia de ser declarado infectado o porto de Dakar.”

Fonte: O Paiz, 26/09/1918 p.04

Providencias do governo

O governo resolveu mandar que o Laboratorio Pharmaceutico do Exercito, da rua Evrístico da Veiga, aviasse as receitas all prestadas pelas pessoas que disso necessitassem. Logo depois de conhecida essa medida, accorreu all uma verdadeira romaria de portadores de receitas medicas.

— O Dr. Carlos Seidl, director geral da Saude Publica, conferenciou longamente com o Dr. Carlos Maximiliano, ministro da Justiça, sobre as providencias tomadas a respeito da **influenza “hespanhola”**.

O Sr. ministro resolveu designar o delegado de saude Dr. Theophilo Torres para superintender com plenos poderes, todo o serviço de combate á influenza e de soccorro á população atacada do mal. O Dr. Theophilo Torres ficará autorizado a contratar os medicos necessarios e organizar os postes de soccorros.

— O Dr. Leopoldo de Bulhões forneceu á imprensa a seguinte nota official sobre o quinino:

Tendo em vista as circunstancias anormaes da saude publica, no momento actual e a conveniencia de que não se difficulte e encareça em demasia o preço do medicamento principalmente empregado nesta emergencia, o governo resolve estabelecer para a venda a varejo dos sacos de quinino, os seguintes preços:

Sulfato e bisulfato, gramma	\$600
Bromhydrato, chlorhydrato e salicylato, gramma.....	\$700
Valerianato, gramma.....	\$100

Fonte: O Paiz, 17/10/1918 p.03.

O médico Carlos Seidl, fazia parte do círculo de Oswaldo Cruz - Academia Nacional de Medicina -, pois possuía experiência em combate a doenças

infecciosas, entretanto, subestimou a gripe espanhola ao indicar apenas adoções de medidas profiláticas individuais como utilização de sais de quinino evitar que a moléstia grassasse no Rio de Janeiro. A ausência de prestígio e controle da doença, pelo diretor de saúde pública, expôs fragilidades da ciência e do Estado em conduzir o agravo sanitário, o que impôs a necessidade de o Presidente Venceslau Brás em trocar o diretor geral de saúde pública, inicialmente nomeou o médico Teófilo Torres, logo substituído pelo Dr. Carlos Chagas (Schwarcz, 2020).

O prestígio social e político de Carlos Chagas desempenhara papel de destaque na interpretação das medidas de enfrentamento à gripe espanhola, como a criação de hospitais provisórios, inicialmente conduzida pelo antecessor por Teófilo Torres. Essa iniciativa, associada ao Dr. Carlos Chagas, consolidaram sua imagem como ator central no combate à epidemia. Esse reconhecimento reforçado pela imprensa, que elogiava não apenas as ações empreendidas, mas destacava as contribuições científicas do Instituto Oswaldo Cruz no campo das doenças infecciosas, corroborando para legitimar a resposta do governo à crise, ao mesmo tempo em que fortalecia a posição do instituto como referência na saúde pública brasileira (Schwarcz e Starling, 2020; Carvalho, 2023).

A repercussão positiva das medidas adotadas por Carlos Chagas durante a segunda onda da gripe espanhola no Brasil, colocou em evidência a sua capacidade de liderança no campo da saúde pública, a implementação de estratégias que combinaram ações emergenciais e preventivas, como a criação de postos de assistência provisórios, cartilhas de educação sanitária e medidas de isolamento social, foram fundamentais para mitigar o impacto da doença, o que demonstrou eficácia de uma abordagem baseada na articulação entre ciência, política e organização administrativa.

Bourdieu explica por meio do conceito de campo o prestígio alcançado. Carlos Chagas, ao associar o seu nome à credibilidade do Instituto Oswaldo Cruz, garantindo adesão da população às medidas propostas criando uma ideologia sanitária social. A reorganização do cenário do cuidado, com os postos temporários destinado ao tratamento dos acometidos, foi essencial para lidar com o aumento do número de casos. A luta simbólica que Carlos Chagas exer-

ceu, conseguiu implementar a conscientização da população sobre práticas de higiene e contribuiu para conter a disseminação da moléstia (Bourdieu, 2008).

Ao consolidar as medidas sanitárias na segunda onda da gripe espanhola, Carlos Chagas, com o apoio da imprensa em 1920, conseguiu reafirmar sua posição como líder sanitário, pois embora houvesse a recrudescência internacional da gripe espanhola, sua experiência no enfrentamento da epidemia, permitiu ações governamentais rápidas e com ampla divulgação pelos jornais de forma a impedir um novo caos sanitário no Rio de Janeiro.

6.2 Hipótese: confirmada, relativizada ou refutada?

Durante a gripe espanhola no Brasil, em 1918, foi perceptível a influência que a imprensa desempenhou na formação de narrativas, percepções e normas sociais sobre a saúde pública (Barros, 2003, 2023). Deste modo, ao estudar a terceira onda da gripe espanhola no Rio de Janeiro, 1920, foi possível identificar, descrever, correlacionar ou até mesmo fazer apontamentos que levaram a discussão a hipótese traçada para este estudo.

Os jornais atuaram, tanto como veículos de alerta à população, quanto como promotor de medidas preventivas, como higiene e quarentena, evidenciando um caráter situacionista ou oposicionista, conforme os interesses editoriais.

O dinamismo dos jornais revelou disputa simbólica entre diferentes atores, como médicos, cientistas, políticos e a imprensa. As mensagens publicadas, ao mesmo tempo em que legitimavam o saber científico e as ações do governo, minimizavam críticas ao publicá-las em zonas com menor destaque, o que contribuiu para a construção do discurso (Bourdieu, 1989; Ferguson, 2021). Essa relação de poder era evidente no alinhamento dos jornais às ações do Dr. Carlos Chagas, cujo prestígio e liderança foram fundamentais para a aceitação social das medidas implementadas na segunda onda que foi identificada na terceira onda da gripe espanhola em 1920.

Na esteira da exposição sobre o exame da hipótese:

- A imprensa utilizou o prestígio social de Carlos Chagas para veicular nos jornais medidas sanitárias e criar uma cultura sanitária capaz de

reduzir os efeitos da terceira onda da pandemia da gripe espanhola no Rio de Janeiro.

A análise das matérias jornalísticas no período da terceira onda da gripe espanhola delimitado neste estudo (1920-1922), confirma que a ampla divulgação das medidas sanitárias implementadas por Carlos Chagas para reduzir o impacto da terceira onda da gripe espanhola no Rio de Janeiro foi relevante. Os jornais, de forma estratégica, desempenharam papel na legitimação das ações do governo, ao destacar a eficácia das iniciativas, como a criação de postos de assistência e hospitais provisórios e quarentena em portos. O prestígio científico de Carlos Chagas, associado ao apoio político e o uso da imprensa como ferramenta de persuasão foi determinante para a população aderir às medidas sanitárias.

Sendo assim, foi possível identificar que as medidas sanitárias que Carlos Seidl e Teófilo Torres criaram para o combate a gripe espanhola, foram aprimoradas por Carlos Chagas, associada a articulação entre ciência, política e comunicação pública ao favorecer a construção de uma ideologia sanitária e cultural. Isto possibilitou confirmar a hipótese traçada para este estudo, pois a constante veiculação das medidas adotadas por Carlos Chagas, tiveram o poder de construir uma cultura sanitária por meio da adesão popular que impossibilitou a recrudescência da terceira onda na capital federal.

6.3 Síntese da seção

Em suma esta seção permitiu examinar a hipótese traçada para esta pesquisa. Os jornais circularam na cidade do Rio de Janeiro, em 1920, ao exercerem mediação entre interesses sociais e políticos, possibilitando moldar percepções coletivas sobre as medidas sanitárias para enfrentar a gripe espanhola.

A utilização de recursos visuais no processo de diagramação e discursivos, os jornais ressaltaram o papel do governo como protetor, ao legitimar ações do DNSP. Essa prática, respaldada pelo conceito de poder simbólico de Pierre Bourdieu, mostrou como a imprensa influenciava a formação de signifi-

cados e valores sociais, assim, consolidava a aceitação das medidas sanitárias entre a população.

A resposta do governo brasileiro à segunda onda da pandemia destacou-se pela implementação de medidas emergenciais e preventivas lideradas por Carlos Chagas. A imprensa reforçou o protagonismo de Chagas, associando suas iniciativas ao sucesso das ações do DNSP e reascendeu à relevância do Instituto Oswaldo Cruz. Articulação entre ciência, política e comunicação foram essenciais para evitar a recrudescência da pandemia no Rio de Janeiro, mesmo diante da terceira onda internacional da gripe espanhola.

Sob a perspectiva da história cultural, os jornais não apenas informavam sobre os desdobramentos da gripe espanhola, mas ajudavam a moldar o imaginário social e cultural sobre o agravo à saúde.

Ao legitimar as ações do governo e reforçar normas sanitárias, os periódicos desempenharam papel central na construção de uma ordem simbólica que vinculava o conhecimento científico à autoridade estatal. Assim, a gripe espanhola não foi apenas um desafio sanitário, mas a oportunidade para o governo e a imprensa consolidarem uma ideologia de controle social e disciplinar à população por meio do discurso midiático.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No contexto de discutir as matérias jornalísticas que circulavam no Rio de Janeiro com a temática da terceira onda da gripe espanhola, foi possível identificar o papel que a imprensa exerceu sobre a sociedade, o que possibilitou explorar a relação entre os registros noticiosos e a construção de narrativas políticas, sanitárias e culturais impostos à época.

Os resultados apontados reforçam a relevância do poder da imprensa como instrumento de mediação entre autoridades sanitárias e a sociedade durante a crise de saúde pública em questão. A inserção de Carlos Chagas, no comando da Diretoria Geral de Saúde Pública vinculado ao Ministério da Justiça e Negócios Interiores durante a gripe espanhola foi estratégica, o conhecimento científico associado a imagem de sucessor de Oswaldo Cruz e da boa relação política com a imprensa da época foram fundamentais para a implementação das medidas sanitárias desenvolvidas por Carlos Seidl e Teófilo Torres, e aprimorada por Chagas durante a gripe espanhola.

A imprensa desempenhou papel de destaque ao propagar as medidas sanitárias adaptadas por Carlos Chagas de forma acessível ao contexto social da época. A disseminação de informações de prevenção e a necessidade de adesão às normas de controle sanitário possibilitou a construção de uma ideologia sanitária de conscientização da população. Dessa forma, os jornais ajudaram a legitimar as políticas públicas de saúde do Estado associando as orientações de bem-estar coletivo à figura de Carlos Chagas.

Ao explorar as narrativas construídas pela imprensa da época, é possível obter uma visão multifacetada do legado deixado por essa pandemia no contexto brasileiro, promovendo uma apreciação crítica e reflexiva da história da saúde pública no país.

No caso específico da terceira onda da gripe espanhola a imprensa atuou como arena, local de luta simbólica e negociação, Carlos Chagas utilizou os jornais como estratégia de comunicação na condução de construir uma narrativa sanitária, entendida como fundamental para moldar as percepções sociais no intuito de colaborar com a adesão popular das medidas impostas por ele.

A complexidade das relações entre linguagem, poder e dominação ao longo da história, apontam como a intencionalidade no emprego das palavras

ou até mesmo da diagramação dos jornais se revelaram como ferramenta para o controle social, cultural e político, assim evidência como os discursos estrategicamente construídos podem moldar normas, condutas e percepções coletivas. Ademais, o uso controlado da linguagem permite o estabelecimento hegemônico do Estado nas disputas políticas e geopolíticas, que legitima o processo de dominação em interesses específicos, o que minimiza resistências e promove aceitação de narrativas.

Desta forma, compreende-se que a construção de normas e condutas está intrinsecamente ligada ao discurso, na gripe espanhola, disseminado por meio dos jornais, como a finalidade de condicionar o comportamento social. Contudo, essa experiência revelou a fragilidade da sociedade que, muitas vezes, desconhece os próprios mecanismos de manipulação e controle que está submetida.

A pandemia do Covid-19, ocorrida quase cem anos após a terceira onda da gripe espanhola, retratada neste estudo, revela as consequências do afastamento da população em conhecer à sua própria história. A dificuldade de compreensão crítica referente as estratégias discursivas utilizadas no passado, associada ao despreparo na identificação de dinâmicas semelhantes no presente, corroboraram para a confusão, polarização e dificuldades na adoção de medidas eficazes para enfrentar a nova crise. A intencionalidade posta nos discursos durante as pandemias evidenciou que as palavras permanecem como ferramenta poderosa no controle social.

O silêncio editorial que ocorreu em 1922 sugeria que as medidas de saúde pública implementadas sob a liderança de Carlos Chagas foram eficazes para conter a disseminação da doença e evitar novas ondas epidêmicas. Após alguns anos da pandemia da Covid-19 visualizamos nas múltiplas vertentes midiáticas, jornais, revista, televisão, rádio e internet o mesmo silêncio, mas não é possível compreender se apresenta as mesmas características e intencionalidade posta na década de 1920.

Notório salientar que esta pesquisa ratifica a necessidade de resgatar e difundir o conhecimento histórico e contemporâneo, pois apesar do acúmulo de capital tecnológico e científico, persiste a vulnerabilidade da população frente ao uso estratégico da comunicação como mecanismo de controle e domina-

ção. A incapacidade da sociedade em articular memórias dos eventos adversos do passado e conectar ao presente reflete na possibilidade de recrudescer moléstias que estavam controladas e que tornam-se presentes devido à falta de conhecimento histórico refletido nos eventos atuais.

O déficit identificado na construção da memória coletiva sobre os momentos adversos ocasionados por pandemias ao longo do tempo reflete uma lacuna significativa no processo de eficácia ao combate a novas doenças. Embora eventos como a gripe espanhola, gripe suína e a Covid-19 tenham deixado marcas profundas nas sociedades, a memória dessas crises tende a se esvaír com o tempo, de modo que as lições e as estratégias utilizadas para mitigar seus impactos sejam esquecidas.

A fragilidade em preservar memórias que reconheçam a importância de políticas públicas com a finalidade de impedir as futuras gerações a cometer os mesmos erros do passado são enfraquecidas conforme o interesse das mídias em apresentar novos contextos sociopolítico e econômico.

Ao submergir as consequências sociais, econômicas e humanas na dimensão das epidemias e pandemias, a sociedade reduz drasticamente a adesão às medidas de saúde pública comprometendo a capacidade de resposta rápida as crises futuras. A desinformação, ou descrença nas instituições de saúde, identificado hoje, por meio de pessoas sem conhecimento científico, mas com influência em pulverizar informações proporciona o enfraquecimento de discursos sanitários que dificultam a consolidação da consciência coletiva sobre a importância da vigilância em saúde e da prevenção.

Dessa forma, a construção da cultura sanitária, está para além da dependência de práticas preventivas e da valorização do conhecimento científico, é uma consequência direta do ensino histórico contínuo e dos valores da saúde.

Contudo o desafio contemporâneo reside na integração da memória das pandemias ao cotidiano das populações, inserido na educação cidadã. O que exige esforço coletivo nos campos científicos e sanitários, e a participação de agentes culturais, políticos e midiáticos na promoção de narrativas que reforcem a necessidade de práticas preventivas. A construção de uma cultura sanitária sólida perpassa, a vergonha das tragédias enfrentadas, mas a capacidade

de manter vivas as memórias e de transformá-las em aprendizado para ações futuras.

Portanto, este estudo não apenas evidencia a importância da personificação da liderança de Carlos Chagas no enfrentamento da gripe espanhola, mas aponta para a imprensa escrita jornalística como fator determinante para o sucesso das políticas de saúde pública da época. No cenário de incertezas, como o vivido na terceira onda, a capacidade de influenciar comportamentos coletivos por meio da informação reafirma o papel da imprensa como ator que corrobora na construção de uma ideologia sanitária cultural.

Ademais, é comum identificar que a população tenha a tendência em preferir narrativas que atendam de imediato os seus interesses, ao invés de lidar com as difíceis verdades nos momentos adversos, isso reflete a complexa dinâmica entre emoção, política e comportamento coletivo. Durante as crises a sociedade busca discursos que aliviem o desconforto emocional, mesmo distorçam a realidade.

Dessa forma, enfrentar a verdade, se torna por vezes desconfortável, o que exige tomada de decisão e conseqüentemente mudanças de comportamento, ou seja, aderir medidas que podem ser contrários aos interesses pessoais. Por outro lado, as narrativas com a intencionalidade de burlar a percepção humana oferecem uma pérfida sensação de controle, de forma a desviar o foco dos problemas reais ao imputar culpa a agentes externos para justificar o contexto adverso. Ademais, para romper com o paradoxo e assumir coletivamente as responsabilidades se faz necessário a promoção de educação crítica.

É preciso salientar que o pouco conhecimento sobre os eventos adversos do passado, como a pandemia da gripe espanhola, representa um déficit estrutural na capacidade da sociedade em recordar-se das crises sanitárias. A dificuldade de manter as memórias reflete a incapacidade em preservar o conhecimento histórico, de forma a contribuir para a repetição de erros, como a desinformação durante a pandemia de Covid-19.

Ademais, no contexto da construção da cultura sanitária, essa falha se agrava quando consideramos o papel das mídias. Durante a gripe espanhola, os jornais foram indispensáveis para legitimar as políticas públicas de saúde, moldar comportamentos e consolidar uma ideologia sanitária. Contudo as ino-

vações tecnológicas e a evolução da imprensa, intensifica os desafios para construir consensos em momentos de crise. O que possibilita a fragmentação e a vulnerabilidade da sociedade a narrativas de forma a manipular ou desviar o foco dos problemas reais.

Deste modo, a dinâmica de controle social, evidenciados nos discursos jornalísticos, permanecem presentes. A preferência por narrativas que simplificam questões complexas ou transferem responsabilidades para agentes externos reflete a dificuldade de enfrentar a verdade. O desafio reside em educar a sociedade para que ela consiga interpretar criticamente as informações que consome e reconhecer os mecanismos de controle simbólico que moldam as normas, condutas e percepções coletivas, promovendo assim uma postura consciente.

- Limitações da pesquisa

Esta pesquisa evidenciou algumas limitações que são intrínsecas ao estudo, a possibilidade de subnotificação de casos de gripe espanhola, óbitos podem ter sido atribuídos a outras causas devido à falta de diagnósticos precisos ou em prol do interesse em minimizar os efeitos da pandemia no contexto político, econômico ou social, os desafios em interpretar documentos da época, uma vez que o vocabulário e o contexto por vezes diferem dos significados atuais.

Essas limitações permitem reconhecer lacunas que novas investigações poderão explorar e ampliar a construção do conhecimento, de forma a contribuir para compreensão em outras perspectivas sobre a temática.

- Contribuições da pesquisa

Esta pesquisa, contribuiu com a ampliação de discussões inter e transdisciplinares nos campos da história, comunicação, saúde, sociologia antropologia e biologia, oferecendo novas perspectivas ao abordar questões relacionadas aos discursos e intencionalidade postos nos jornais da época. Ao investigar o papel das políticas sanitárias, na imprensa e das dinâmicas sociais no período de 1920 à 1922, o estudo resgata memórias que permitem compreender melhor as repercussões de crises sanitárias globais.

Ademais, a pesquisa contribuiu para a construção do entendimento histórico e das relações entre ciência, saúde pública e política, apontando a neces-

sidade de integração de maneira estratégica ao ensino e prática profissional. Tal reflexão do passado permanece atual, frente aos desafios contemporâneos no combate as endemias, epidemias e pandemias e na promoção de práticas de saúde coletiva livre de riscos a população.

Por fim, esta pesquisa destacou a necessidade do resgate sobre o conhecimento histórico como estratégia para a construção da cidadania crítica e reflexiva. O estudo aponta para a urgência em incorporar a memória de crises passadas ao ensino e às práticas de saúde pública. Promover o diálogo entre história, comunicação, ciência e sociedade, pode fortalecer a preparação da sociedade para crises futuras, de forma a reduzir a vulnerabilidades e assegurando que as lições do passado sejam verdadeiramente transformadas em instrumentos de aprendizado e progresso social.

REFERÊNCIAS

- ABREU, A. A.; BELOCH, I. (Org.). Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro 1930-1983. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1984. v. 4
- ALONSO, A. Flores, votos e balas. Ed. Companhia das Letras, 2015.
- ALMOND, D. Is the 1918 Influenza Pandemic Over? Long-Term Effects of *In Utero* Influenza Exposure in the Post-1940 U.S. Population." *Journal of Political Economy* 114, no. 4, 2006. <https://doi.org/10.1086/507154>.
- ANGERAMI, R.N. Os 100 anos da gripe espanhola. Boletim FCM, v.12 n.3, fev. 2019. disponível em <https://www.fcm.unicamp.br/boletimfcm/mais_historia/os-100-anos-da-gripe-espanhola> acesso em 12/12/23.
- ANGRIMANI, D.S. Espreme que sai sangue: um estudo do sensacionalismo na imprensa. São Paulo. Summus, 1995.
- ANM Carlos Pinto Seidl. In: ACADEMIA NACIONAL DE MEDICINA Arquivo pessoal da Academia Nacional de Medicina. Rio de Janeiro, 2020.
- ARREAZA, A.L.V.; MORAES, J.C. Vigilância da saúde: fundamentos, interfaces e tendências. *Ciência & Saúde Coletiva*, vol.15, n.4, Rio de Janeiro, julho, 2010.
- ARÓSTEGUI, J. A Pesquisa Histórica: Teoria e Método. Bauru: Edusc, 2006.
- AYRES, L. F. A. As enfermeiras visitadoras da Cruz Vermelha Brasileira e do Departamento Nacional de Saúde Pública no início do século XX., 2010
- AZEVEDO D. A evolução técnica e as transformações gráficas nos jornais brasileiros. *Mediação*, Belo Horizonte, v. 9, n. 9, jul./dez. de 2009.
- AZEVEDO A.N. A Reforma urbana do Rio de Janeiro pelo Presidente Rodrigues Alves: o progresso como forma de legitimação política. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo, julho 2011.
- AZEVEDO C.E.F., OLIVEIRA L.G.L., GONZALEZ R.K, ABDALLA M.M. A Estratégia de Triangulação: Objetivos, Possibilidades, Limitações e Proximidades com o Pragmatismo. IV Encontro de Ensino e Pesquisa em Administração e Contabilidade, Brasília, p. 1-16, nov. 2013.
- BAHIA, J. Dicionário de jornalismo Juarez Bahia: século XX. Rio de Janeiro: MauadX, 2010.
- BARATA, R. B. Cem anos de endemias e epidemias. *Rev. Ciência & Saúde Coletiva*, vol. 5, num. 2, p. 333-345, 2000.
- BARROS J.A. História cultural: um panorama teórico e historiográfico. *Textos de história*, [S.L.], v. 11, p. 145-171, jan. 2003
- BARROS J.A. O Campo da História – especialidades e abordagens. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

BARROS J.A. A nova história cultural - considerações sobre o seu universo conceitual e seus diálogos com outros campos históricos. Caderno de História, Belo Horizonte, v. 12, n. 16, p. 38-63, jan. 2011.

BARROS, J.A. Fontes Históricas: introdução aos seus usos historiográficos. Petrópolis, Vozes, 2019.

BARROS, J.A. O Jornal como fonte histórica. Petrópolis, Vozes, 2023.

BARRY, J.M. A Grande Gripe: a história da gripe espanhola, a pandemia mais mortal de todos os tempos. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020.

BENCHIMOL, J.L. Dos micróbios aos mosquitos: febre amarela e a revolução pasteuriana no Brasil. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1999.

BERTOLLI FILHO, C. Epidemia e sociedade. A gripe espanhola no município de São Paulo. [Dissertação de mestrado] Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, 1986.

BERTOLLI FILHO, C. A Gripe Espanhola em São Paulo. Ciência Hoje, vol.10, nº56, out de 1989, p.30-41.

BIEBER, F. Nações e nacionalismo: uma história global do sentimento nacional, dos extremismos e dos conflitos. São Paulo: Contexto, 2023.

BOURDIEU, P. "O campo científico". Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol. 1, no. 3, 1983.

BOURDIEU, P. Meditações Pascalianas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

BOURDIEU, P. O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. 5. Ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.

BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. 8. ed. Tradução de Mariza Corrêa. Campinas: Papirus, 2008.

BRASIL. Decreto nº 528, de 28 de junho de 1890.

BRASIL. Lei nº 3.987, de 02 de janeiro de 1920.

BRASIL. Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998.

BRASIL. Guia de Vigilância Epidemiológica. 7. ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2009.

BRITTO, N.A. La Dançarina: a gripe espanhola e o cotidiano na cidade do Rio de Janeiro. Hist. Cien. Saúde- Manguinhos [online]. v. 4, n. 1, 1997. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v4n1/v4n1a01.pdf>>

BURIGANA, R. A Grande Guerra: a Primeira Guerra Mundial (1914-2014), Evento e Memória. HISTÓRIA UNICAP, [S.l.],v.1,n.1, p.p. 41–55, 2014.

- BURKE P. O que é História Cultural? 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- BURKE P. A escrita da história: Novas perspectivas. São Paulo: UNESP, 2011. 368 p.
- BURNET F.M. Portraits of Viruses: Influenza Virus A. Intervirology v.11 n 4. 1979.
- BUTTER, D. De sonho e de desgraça: o carnaval carioca de 1919. Rio de Janeiro. Mórula Editorial, 2022.
- CANOVAS, M. D. K. Hambre de Tierra. Imigrantes espanhóis na cafeicultura paulista, 1880-1930. 1. ed. São Paulo: Lazuli Editora, 2005.
- CARVALHO, M.A. Escola Deodoro como local do cuidado na gripe espanhola (1918). Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2023.
- CHALHOUB, S. *Cidade febril: cortiços e epidemias na corte imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- CHARTIER, R. Origens culturais da revolução francesa. São Paulo. Editora UNESP, 2009.
- CONY, C.H.O carnaval da gripe. Folha de S. Paulo, 2001.
- CORREIO DA MANHÃ: Compromisso com a Verdade. Rio de Janeiro: Secretaria Especial de Comunicação do Rio de Janeiro, Imprensa Oficial da Cidade do Rio de Janeiro. 2001. p. 13. 97 páginas
- COURY. A. F. Fatos e fotos da enfermeira da Cruz Vermelha Brasileira no enfrentamento da gripe espanhola (1918). 2010.
- CROSBY, A. A Segunda e Terceira Ondas. Na pandemia esquecida da América: a gripe de 1918. Cambridge: Cambridge University Press.2003.
- DAROZ, C. O Brasil na Primeira Guerra Mundial: a longa travessia. São Paulo. Contexto, 2016.
- DUBY, G. Atlas historique mondial. Paris: Larousse, 2001.
- ENGELS, F.; MARX, K. A ideologia alemã. São Paulo: Boitempo, 2007.
- ESTADÃO. Preço do café em xícaras. Arquivo, memória, preservação e acervo. [sd]. Disponível em: <<https://www.estadao.com.br/brasil/arquivo/ha-um-seculo-preco-do-cafezinho/>> acesso em: 13 de outubro de 2023.
- FONTENELLE J.P. Comentário medico-higiênico sobre a epidemia da influenza maligna. Revista Saúde n. 3 p.48, 1919.
- FERREIRA, A. A Gripe Espanhola de 1918. Casa de Sarmiento. 2020.
- FERREIRA, A.C.; CAMESKI, A.S. A imprensa periódica e a pandemia de 1918: as notícias sobre o comportamento da instrução pública durante a “gripe

espanhola”. RIDPHE_R Revista Iberoamericana do Patrimônio Histórico-Educativo, Campinas, SP, v. 9, n. 00, p. e023015, 2023. DOI: 10.20888/ridphe_r.v9i00.18337. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/ridphe/article/view/18337>.

FERGUSON, N. *The War of the Word: Twentieth-Century Conflict and the Descent of the west*. Nova York: Penguin Press, 2006

FERGUSON, N. *Catástrofe: uma história dos desastres – das guerras às pandemias – e o nosso fracasso em aprender como lidar com eles*. São Paulo: Planeta, 2021.

FREIRE, M.M.L.; LEONY, V.S. A caridade científica: Moncorvo Filho e o Instituto de Proteção e Assistência à Infância do Rio de Janeiro (1899-1930). *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.18, supl. 1, dez. 2011.

GAMA, J.S.C.L.C. *Estratégias de divulgação da “enfermeira moderna” na capital federal do Brasil (1920-1926)*. 2019. 122 f. Dissertação (Mestrado em Humanidades, Culturas e Artes) – Universidade do Grande Rio, Duque de Caxias, 2019.

GASPAR, R.C. A trajetória da economia mundial: da recuperação do pós-guerra aos desafios contemporâneos. *Cad. Metrop.*, São Paulo, v. 17, n. 33, pp. 265-296, 2015.

GARAMBONE, S. *A primeira Guerra Mundial e a imprensa brasileira*. Rio de Janeiro. Mauad, 2003.

GIL, N. Analfabetismo da população brasileira nas análises de Giorgio Mortara sobre o censo de 1940. *Revista Brasileira De Estudos De População*, 39, 1–15. 2022. <https://doi.org/10.20947/S0102-3098a0213>

GILBERT M. *A Primeira Guerra Mundial: os 1590 dias que transformaram o mundo*. Rio de Janeiro. Casa da Palavra, 2017.

GOMES, T.O. *Incubação de ovos de aves e prematuros humanos: trajetória tecnológica para a eclosão e manutenção da vida*. Tese (doutorado) Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2019.

GOULART, A.C. *Um cenário mefistofélico: A gripe espanhola no Rio de Janeiro*. Dissertação (mestrado) Universidade Federal Fluminense, 2003.

GOULART, A.C. *Revisitando a espanhola: a gripe pandêmica de 1918 no Rio de Janeiro*. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p. 101-142, jan. 2005.

GREIMAS, A.J. *Semiótica figurativa e semiótica plástica*. Trad de Assis Silva. In: OLIVEIRA, Ana Cláudia de (org.). *Semiótica plástica*. São Paulo: Hacker Editores, 2004

- GURGEL, C. B. F. M. 1918: a gripe espanhola desvendada? Rev. Bras. Clin Med São Paulo. 2013.
- HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 12^a. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2019.
- HOCHMAN, G. A era do saneamento: as bases da política de saúde pública no Brasil. São Paulo: Hucitec, 1998.
- IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Em 150 anos, conheça a história que o Censo conta Rio de Janeiro: IBGE, 2012. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/33495-em-150-anos-conheca-a-historia-que-o-censo-counta>
- JACOB C.M.A., PASTORINO A.C. Desenvolvimento do sistema imunológico. In: JACOB C.M.A., PASTORINO A.C., editors. Alergia e imunologia para o pediatra. São Paulo: Manole; 2010.
- JORDÂNIA E.O. Gripe epidêmica: uma pesquisa. Chicago, IL: Associação Médica Americana; 1927.
- KIND, L.; CORDEIRO, R.. NARRATIVAS SOBRE A MORTE: A GRIPE ESPANHOLA E A COVID-19 NO BRASIL. **Psicologia & Sociedade**, v. 32, p. e020004, 2020.
- KEMPIŃSKA-MIROSLAWSKA B., WOŹNIAK-KOSEK A. A epidemia de gripe de 1889-1890 em cidades europeias selecionadas – Uma imagem baseada nas reportagens de dois jornais diários de Poznań da segunda metade do século XIX. Med. Ciência. Monitor, 2013. 19:1131–1141. doi: 10.12659/MSM.889469.
- KOLATA, G. Gripe: A história da pandemia de 1918. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- KROPF, S. P.; LACERDA, A. L. Carlos Chagas, um cientista do Brasil. Rio de Janeiro: ed. FIOCRUZ, 2009.
- LENKIEWICZ, A. OBST, P. Jozef Pilsudski: Hero of Poland. Winged Hussar Publishing, 2019.
- LIEDTKE, P. Governando com a mídia: os presidentes e o uso político dos meios de comunicação de massa. **Comunicação & Inovação**, [S. l.], v. 9, n. 16, 2010. DOI: 10.13037/ci.vol9n16.698. Disponível em: https://www.seer.uscs.edu.br/index.php/revista_comunicacao_inovacao/article/view/698. Acesso em: 17 dez. 2024
- LIMA, A.L.G.S. ; PINTO, M.M.S.. Fontes para a história dos 50 anos do Ministério da Saúde. História, Ciências, Saúde-Manguinhos, v. 10, n. 3, p. 1037–1051, set. 2003.
- LOPES F.H. Reflexões sobre a operação historiográfica: diálogos e aproximações possíveis. Tempo e Argumento., Florianópolis, v. 4, n. 1, p. 95-113, jan./jun. 2012.

- MACNEAL, W.J. A epidemia da gripe de 1918 na AEF na França e Inglaterra. *Archives of Internal Medicine* 23. 1919.
- MARCONDES. N.A.V, BRISOLA. E.M.A. Análise por triangulação de métodos: um referencial para pesquisas qualitativas. *Revista Univap – revista.univap.br São José dos Campos-SP-Brasil*, v. 20, n. 35, jul.2014. Disponível em: Acesso em: 15 de junho de 2023.
- MARKEL H, LIPMAN HB, NAVARRO JA, *et al.* Nonpharmaceutical Interventions Implemented by US Cities During the 1918-1919 Influenza Pandemic. *JAMA*. 2007;298(6):644–654. doi:10.1001/jama.298.6.644
- MARKEL H. Quando os germes viajam: seis grandes epidemias que invadiram a América desde 1900 e os medos que elas desencadearam. Nova York, NY: Panteão; 2004.
- MARTINO, Luís Mauro Sá. Teoria da comunicação: ideias, conceitos e métodos. Editora Vozes Limitada, 2014.
- MASCARENHAS NB. A inserção da enfermeira brasileira no campo da saúde pública (1920-1925) [dissertação]. Salvador (BA): Escola de Enfermagem, Universidade Federal da Bahia; 2013.
- MEADE, T.A. “Civilizing” Rio: Reform and Resistance in a Brazilian City, 1889–1930. University Park: Penn State University Press, 1986.
- MONCORVO FILHO A.F. O Pandemônio de 1918: subsídio ao histórico da epidemia da gripe que em 1918 assolou o território do Brasil. Rio de Janeiro: Departamento de Criança no Brasil, 1924.
- MORATO. E.F. DO CONTEÚDO À EXPRESSÃO: uma análise semiótica dos textos pictóricos de mestre Ataíde. [dissertação]. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.
- MOREIRA. S. G. B. S. Cultura dos cuidados neonatais na maternidade Carmela Dutra do Rio de Janeiro (1949-1957), 2019
- NETO. M. *et al.* Lições do passado no presente: notícias da pandemia de gripe espanhola à Covid-19. 2021.
- NETO M, PORTO F, AGUIAR S. Application of semiotics in the analysis of facsimiles: a documentary research. *Online braz j nurs [periodic online]*. 2012 Dec; 11 (3):848-64. Available from: <http://www.objnursing.uff.br/index.php/nursing/article/view/3705>.
- OLIVEIRA, A.C. Semiótica plástica ou semiótica visual? In: OLIVEIRA, Ana Cláudia de. (org.). *Semiótica plástica*. São Paulo: Hacker Editores, 2004. p.11-25
- OSTERHOLM, M.T. OLSHAKER M. *Inimigo Mortal*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020.

- PALOMBINI, A. Inferências linguísticas nas interfaces [recurso eletrônico]. In: CAMPOS, Jorge (Org.). Porto Alegre: Edipucrs, 2009. p. 82-104.
- PORTO M.Y. Uma revolta popular contra vacinação. Revista Ciência e Cultura. Vol.55 n.01, 2003.
- PORTO, F. Os ritos institucionais e imagem pública da enfermeira brasileira na imprensa ilustrada: o poder simbólico no click fotográfico (1919-1925). 2007. 174 f. Tese (Doutorado) - Curso de Enfermagem, Escola de Enfermagem Anna Nery, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.
- PORTO, F. Cruz Vermelha Brasileira (filial São Paulo) na imprensa (1916 – 1930). 2009. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/ean/v13n3/v13n3a06.pdf>>
- PORTO F, FONSECA E.F.R. Fac-símile research on the history of midwifery: inauguration of the chapel of the Prômatre (1923). R. pesq.: cuid. fundam. online 2010. out/dez. 2(4):1495-1505
- PENA, F. 1000 Perguntas sobre Jornalismo. Rio de Janeiro: Editora Rio, 2005.
- QUEIROZ, J.V. Carlos Pinto Seidl: ciência e política, contrapontos em uma trajetória intelectual frente à Diretoria Geral de Saúde Pública (1912-1918). Anais do XXVIII Simpósio Nacional de História. Lugares dos Historiadores: velhos e novos desafios, Florianópolis, 27 a 31 de julho de 2015.
- REVISTA DA SEMANA. Na Exposição da Independência As novas seções brasileiras. Rev. da Semana ed.47 set. 1922.
- RIBEIRO, J.C. *et al.* Carlos Chagas: Uma inspiração para translacional. ANAIS da ACADEMIA NACIONAL DE MEDICINA, v. 193, p. 4, 2022
- RELATÓRIO ESTATÍSTICO DEMOGRÁFICO SANITÁRIO DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO. Fundo Higiene e Saúde Pública, Instituto Oswaldo Cruz IS4-74. 1919.
- RODRIGUES, C. *Lugares dos mortos na cidade dos vivos: tradições e transformações fúnebres no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1997. 276 p.
- ROSINHA, R.C. Política editorial: aspectos a considerar. Revista de Biblioteconomia de Brasília, n. 2, v. 17, 1989.
- SÁ-SILVA, J. R.; ALMEIDA, C. D.; GUINDANI, J. F. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. Revista Brasileira de História & Ciências Sociais, São Leopoldo, ano I, n. 1, p.1-15, jul. 2009.
- SAMPAIO, R. Propaganda de A a Z. Como usar a propaganda para construir marcas e empresas de sucesso. 4. ed. São Paulo: GEN LTC, 2013.

- SANGLARD, G. Entre os salões e o laboratório: Guilherme Guinle, a Saúde e a Ciência no Rio de Janeiro, 1920-1940. 20 ed. Rio de Janeiro, Editora Fiocruz, 2008.
- SANTOS. A. V. Escolas como postos de socorros: instituições escolares na epidemia de gripe espanhola no Rio de Janeiro (1918). Santa Catarina. 2021
- SANTOS N.M.W. Histórias de sensibilidades: espaços e narrativas da loucura em três tempos (Brasil, 1905, 1920, 1937). [Tese]. Porto Alegre, 2005.
- SANTOS, R. A. DOS. O Carnaval, a peste e a 'espanhola'. História, Ciências, Saúde-Manguinhos, v. 13, n. 1, p. 129–158, jan. 2006.
- SALES, J.R. A gripe espanhola em Varginha (MG) 1918: Memória de uma tragédia. Varginha: Sul Mineira, 2004.
- SCHWARCZ, L.M. Literatura em tempos de pandemia: quando a realidade imita a ficção. Nexo Jornal, 23 mar. 2020.
- SCHWARCZ L.M. STARLING H.M. A Bailarina da Morte: a gripe espanhola no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- SEVCENKO, N. Literatura como missão, tensões sociais e criação cultural na Primeira República. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- SEVCENKO, N. A Revolta da Vacina: Mentres insanas em corpos rebeldes. São Paulo: Cosac Naify, 2002.
- SILVA, R.S. Diagramação: o planejamento visual gráfico na comunicação impressa. São Paulo: Summus, 1985.
- SILVA, R. Gripe pandêmica e gripe nostra. In Revista Brasil Médico, vol. XXXIII, nº 8, 1919.
- SILVA S.A. ENTRE DES(ENCANTOS) MIL DA CIDADE MARAVILHOSA: instalação dos banheiros públicos (1902-1906). Tese (doutorado) Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. 2018.
- SINNECKER, H. *General epidemiology* Transl. N. Walker. London: John Wiley & Sons, 1976.
- SODRÉ, N.W., História da imprensa no Brasil. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966,
- SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA. Carlos Arthur Moncorvo Filho (1871-1944). Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <https://www.sbp.com.br/academia-brasileira-de-pediatria/institucional/quadro-de-titulares/carlos-arthur-moncorvo-filho>. Acesso: 16 outubro 2023.
- SOUZA, R.M. Histórico do prédio do Arquivo Central do Núcleo de Documentação da UFF. Niterói: UFF, 2006.

TEIXEIRA, Luiz Antônio. Medo e Morte: Sobre a Epidemia de Gripe Espanhola de 1918. Rio de Janeiro: UERJ/IMS, 1993.

THOMSON D. THOMSON R. Influenza. Annals of the Pickett. Thomson Research Library v.9. 1934.

XAVIER ES. O uso das fontes históricas como ferramentas na produção de conhecimento histórico: a canção como mediador. Antíteses, [S.L.], v. 3, n. 6, p. 1097-1112, jul./dez. 2010. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses/article/view/5062/7069>>. Acesso em: 18 de maio de 2023.

VAZ J.R. Dicionário de verbetes AGCRJ.. [s.d]. Disponível em: <http://expagcrj.rio.rj.gov.br/silva-adalberto-ferreira-da> Acesso em 20 de agosto de 2023.

VENANCIO, Rafael Duarte Oliveira. Jornalismo e Linha Editorial: Construção das notícias na imprensa partidária e comercial. Rio de Janeiro: Editora E-papers, 2009.

VENÂNCIO JUNIOR, A. L.; VENANCIO MIGNOT, A. C. O Pandemônio de 1918: Testemunho de um médico para a posteridade. **Revista Educação em Questão**, [S. l.], v. 58, n. 58, 2020. DOI: 10.21680/1981-1802.2020v58n58ID21540. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/21540>. Acesso em: 14 out. 2024.

VIZEU, R. Os Presidentes: a história dos que mandaram e desmandaram no Brasil, de Deodoro a Bolsonaro. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2019.



